

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós –Graduação em Sociologia – PPGDS
Mestrado em Sociologia

Amores Exilados: Revelações sobre a sexualidade enclausurada

Janaína Sampaio Zaranza

Fortaleza
2004

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós –Graduação em Sociologia – PPGDS
Mestrado em Sociologia

Amores Exilados: revelações sobre a sexualidade enclausurada

Dissertação de Mestrado
apresentada ao programa de pós-
graduação em Sociologia da UFC,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Mestre.

Orientador
Prof. Dr. César Barreira

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós –Graduação em Sociologia – PPGDS
Mestrado em Sociologia

Amores Exilados: revelações sobre a sexualidade enclausurada

Banca Examinadora

Prof. Dr César Barreira, (UFC) Orientador

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes, (UFC)

Prof. Dr Geovani Jacó, (UECE).

A meu pai (in memoriam) que sempre
esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

O caminho da pesquisa científica é árduo, e não fiz este caminho sozinho. São várias as pessoas que de certa forma, colaboraram para o término deste trabalho. Sinto vontade de escrever sobre o quanto todos foram importantes para a construção de todas as etapas. Aqueles que estiveram nas primeiras indagações, e aqueles que mostraram seu companheirismo nos momentos mais difíceis.

Primeiro, agradeço as mulheres do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa que através das experiências vivenciadas, criaram a possibilidade de indagação sobre suas visões de mundo e sua sexualidade. Mulheres que exercem os mais diferentes papéis sociais e que, sem elas, não seria possível que eu desse início e concluísse a dissertação.

A todos os sujeitos pesquisados que de certa forma, relacionam-se com a realidade destas mulheres. Lembro, aqui, de seus companheiros, companheiras, filhos e filhas, parentes que, a cada semana, estão no momento da visita. Visita esta, de importância fundamental para quem está em privação de liberdade. A presença será símbolo de muito mais que o simples portar de coisas para o dia-a-dia.

A meu orientador, Prof. Dr. César Barreira, que através de seu jeito simples e amigo, foi de suma importância para perceber meu momento, assim combinou incentivo com críticas desafiadoras. Agradeço por sua constante presença, acreditando e norteando meu percurso nas Ciências Sociais e nos caminhos da pesquisa sociológica.

Aos meus professores nas disciplinas do Mestrado em Sociologia, especialmente Alba Pinho, que me conduziu pelos caminhos da metodologia.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, Augusto Tavares e Lia Barbosa que, nos momentos mais angustiantes, sempre estiveram presentes.

Aos meus companheiros do LEV, Camila Holanda, Jânia Perla, Élcio Batista, Diocleide Ferreira, Rosângela Pimenta que, durante minha graduação e durante o mestrado estiveram presentes, mostrando a importância de sermos um grupo que vai além das pesquisas sobre a temática da Violência.

Aos amigos Rosemary Almeida e Geovani Tavares, amigos que sempre estão por perto nos diferentes momentos de minha vida. Através das conversas elucidativas, da leitura do texto, da orientação para os assuntos mais diversos, dando-me apoio.

Aos funcionários da Pós-Graduação Aimberê e Socorro que, por várias vezes, ficaram “agoniados” com meu jeito de ser.

Aos funcionários, direção e serviço social do Instituto Penal Feminino que facilitaram minha entrada e ajudaram-me como personagens coadjuvantes no percurso da pesquisa.

Agradeço a Professora Dra. Glória Diógenes que me acompanha desde a graduação com incentivo e indagações que tem me ajudado a tornar uma pesquisadora das questões sociais. Ao Professor Dr. Geovani Jacó, além de um grande amigo soube perceber questões primordiais para o meu trabalho e análise de dados. Ao Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu que, através de sua amizade, e contribuiu para qualificação do projeto, sem a qual não poderia lapidar o material coletado.

Agradeço a Funcap pelo incentivo e amparo financeiro à pesquisa.

A Alexandre Alcântara que tirou dúvidas e me fez refletir sobre a Lei de Execução Penal, demonstrando, de forma amiga, o percurso para uma melhor compreensão do benefício da Visita Íntima.

A Ivo Sousa, pelo companheirismo e ajuda, tanto no apoio técnico como nas horas mais importantes.

A André Mota, que soube ser amigo nas horas mais conturbadas, demonstrando ser muito mais que um companheiro.

E principalmente, a minha mãe, mulher de fibra.

Quero agradecer também, minha irmã Geórgia, meu irmão Jorge André que, como eu não sabia como agir depois de perdemos a pessoa mais importante para nós, nosso pai, uma pessoa simples que sempre tinha uma palavra de força para os momentos mais angustiantes. Não foram poucas as vezes que compreendeu minhas saídas durante seu período de convalescência, pois sabia da importância do meu trabalho. Assim, agradeço a esta figura que foi muito mais que um pai, foi um grande amigo.

RESUMO

Esta dissertação tem o intuito de compreender as relações afetivas que as mulheres constroem em um espaço de privação de liberdade, tendo como fio condutor o benefício da Visita Íntima (Benefício que garante direito de encontro tanto afetivo como sexual para mulheres encarceradas). Elucido como se dá o jogo de interesses sexuais dentro do cotidiano do cárcere, o envolvimento das mulheres com seus companheiros e companheiras (investigando também relações homoafetivas e bissexuais), que estão no mundo externo e interno do cárcere, percebendo assim a “Visita Íntima”, demonstrando como se dá a construção deste percurso, o qual as mulheres detentas perpassam para vivenciarem sua sexualidade e se relacionarem com o companheiro, a companheira, filhos e a família. Além das relações afetivas e familiares, considero outros tipos de relações que as mulheres constroem dentro da complexidade do cotidiano do presídio, como a relação social com outros agentes prisionais e policiais. Portanto, também levo em consideração a participação dos agentes sociais citados acima, como figuras que percorrem todo universo prisional, através de posturas, decisões, ações e reações no interior do espaço do cárcere que através da pesquisa de campo, mostraram-se significativos para a análise.

ABSTRACT

This dissertation aims at understanding affective relations that women develop within a space in which they are denied liberty; having as its dominant theme the intimate visit (a benefit conferred the inmate to receive someone on an affective or sexual visit). It is explained how the game of sexual interests is developed within prison's daily activities involving women with their male and female partners (dealing as well with homoaffective and bisexual relations), people which live not only within but outside the jail, compounding in this way the concept of "Intimate Visit" and demonstrating how this practice is constructed in order to help female inmates lead a sexual life, relating with a male or female partner and maintaining bonds with their families. Besides affective and familiar relations, other types of relations are considered in this work in respect to the complexity of life within prison walls including relations with social agents and policemen. Therefore, it is also considered the role of those social agents as characters who populated as a whole the prison's universe and whose postures, decisions and actions investigated during the field research are important to the analysis.

AMOR – POIS QUE É PALAVRA ESSENCIAL(Carlos Drummond)

Amor – pois que é palavra essencial
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu novo verso, e enquanto o guia,
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
Até desabrochar em puro grito
De orgasmo, num instante de infinito?

Corpo noutro entrelaçado, Fundido, dissolvido,
volta à origem dos seres, que Platão viu completados:
É um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
A essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,
Já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram

Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas varado de luz, o coito segue.
E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a idéia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o clímax:
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz das deusas, Estendidas
na cama, como estátuas vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

SUMÁRIO

Introdução.....	25
Um percurso construído.....	25
O início.....	29
O cotidiano como cenário – Trilhando o desconhecido.....	32
Estrutura física – A organização das mulheres na prisão.....	35
O dia- a- dia.....	36
CAPÍTULO I– Pistas pelo caminho: A questão metodológica	38
O olhar como instrumento de compreensão da pesquisa empírica.....	43
CAPÍTULO II - Mulheres e suas famílias: Quem são as personagens desta realidade?.....	55
Mulheres que contam suas histórias.....	68
Hera atraída pela natureza.....	70
Ártemis – A caçadora.....	76
Pérsefone voltada para sua vida interior.....	82
Atena – Vida, morte, vida.....	84
Afrodite – Deusa do Amor.....	92
CAPÍTULO III – Por uma genealogia da visita íntima.....	105
A visita íntima: Um benefício ou uma coerção	118
A visita íntima como campo de disputa.....	126
A Visita íntima no Ceará.....	131
A visita íntima além do Ceará.....	137
CAPÍTULO IV– A visita íntima: De símbolo ao “valor de troca”	142
A visita e sua preparação.....	147
O corpo da mulher presa.....	149
A linguagem dos corpos – marcas deixadas pelo meio do caminho.....	154

A visita como demarcador do tempo.....	155
Os corpos com imagens	163
Os códigos corporais.....	167
CAPÍTULO V - Os desafios encontrados para vivenciar a visita íntima.....	170
A humilhação na hora da revista.....	172
Novas formas de socialização – O que são as catataus?	174
As heterossexuais e seus códigos de convivência.....	178
O amor que nasce dentro da prisão – Trajetórias e sentimentos.....	181
As Bissexuais – O amor em conflito.....	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

UM PERCURSO CONSTRUÍDO

Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado).

O verso da poetisa expressa o campo infinito de papéis que a mulher pode desempenhar. Mãe, esposa, provedora do lar, amante... A autora refletiu sobre outras possibilidades como a mulher profissional, atleta, política, artística... A literatura feminina traz em seu conjunto obras que tem como objeto principal a figura da mulher, privilegiando suas vivências, transformações, condição num espaço demarcado pelo sexo masculino. A presente dissertação tem como objetivo primordial falar de uma situação na qual a mulher tem sua sexualidade controlada pelo olho da instituição prisional, mas também perceber novos olhares dentro de uma estrutura social modelada sob códigos disciplinares que fazem do ser feminino um simples objeto a ser mantido pelo molde prisional. A mulher presa perde o direito de gerir seu corpo, suas vontades, seus instintos. Tudo agora é delimitado pela instituição prisão sob hora, local, e vigilância redobrada. A Mulher descrita nas próximas páginas teme falar, mas ao mesmo tempo, busca exprimir-se; sofre com sua situação, mas encontra forças para transformá-la; trata-se de uma mulher que é marcada pela contradição, pelo medo, que dão espaço para a revolta.

Escrevo sobre Figuras Femininas que entraram no mundo do crime, mulheres que estão enclausuradas, não somente entre os muros do cárcere, configurado este, principalmente por uma estrutura que não pode deixar de ser explicitada como uma “instituição total” (Goffman,1961). Podemos demarcar diferenças no cárcere que poderão ser percebidas na descrição do seu cotidiano e de sua infra-estrutura. Além, das características de um sistema simbólico que molda a instituição prisional,

condicionadora e vigilante dos indivíduos que lá se encontram, no caso, as mulheres encarceradas. Ainda, sem deixar de lembrar a estrutura subjetiva delimitada por pensamentos, lembranças, saudades, culpas, ciúmes. Expressões misturadas entre a emoção e a realidade.

Falo de mulheres que estão em regime de privação de liberdade que, como diz Adélia Prado, é uma mulher desdobrável, figura¹ de vários papéis, de expressões múltiplas, mãe, amante, provedora, amiga ou inimiga, dependente do “cumpade”. Mulheres que dão a vida e falam de morte, mulheres que morrem a cada dia esperando a sua liberdade...

A delimitação do campo da pesquisa a uma instituição prisional revela-me interesse por temas ligados aos conflitos sociais². A escolha das mulheres encarceradas teve pelo menos três motivos:

1) Fazer uma discussão mais ampla da situação feminina, na tentativa de identificar pontos cruciais para a delimitação da condição da mulher numa sociedade que a subjuga, comprometendo assim sua vivência.

2) Compreender como são mantidas e construídas relações que revelam papéis de gênero socialmente construídos para a mulher com o lado amoroso, erótico, sensual, materno de mulheres que perderam o vínculo com o “lado de fora” da sociedade. Como ficam relações sociais e afetivas das mulheres encarceradas. Ocorre o amortecimento das relações mais íntimas?

3) Contribuir para compreensão do processo de controle institucional da sexualidade de mulheres que se encontram sob a jurisdição do Estado, através de indiciamento e cumprimento de penas, descrevendo como se dão as relações sociais, afetivas e íntimas; relacionando o dito(discurso institucional) com o feito(com a prática aplicada), revelando o poder da instituição e o contra-poder das mulheres detentas.

¹A expressão figura será utilizada como categoria que poderá assumir significados múltiplos, figura mitológica, figura construída pelo mundo carcerário, assumindo às vezes uma forma desfigurada devido os processos de vigilância e disciplina no interior da prisão.

²Num segundo momento, irei relatar meu percurso como pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência, espaço que de certa forma me fez aprender o ofício de perceber, observar e principalmente pesquisar.

O campo empírico ficou delimitado no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa³, instituição penal direcionada para o atendimento de mulheres na cidade de Fortaleza-CE, antes localizada ao centro da cidade. Sua direção por algum tempo foi organizada pelas Irmãs do Bom Pastor, aproveitando a aérea do convento. Advindas transformações tanto na direção⁴ como no espaço geográfico, mudança do centro de Fortaleza para o município de Itaitinga-CE.

A pesquisa teve dois momentos: o primeiro, em que se deu toda a coleta e pesquisa de dados – na qual fui orientada pela Assistente Social e Diretora⁵; o segundo deu-se após a eleição para governador na qual não pude deixar de perceber como pode ficar a situação destas mulheres, com a troca da direção, muita coisa pode mudar⁶. Neste período de tempo, tive oportunidade de ver a troca do presídio de local, as primeiras rebeliões no segundo endereço, a manifestação deflagrada pela falta de condições que seus parentes tinham para vê-las.⁷

A base para a pesquisa empírica configurou-se grupos expressivos que foram constituindo-se através das relações e conflitos sociais como: as mulheres, os (as) companheiros (as), as agentes penitenciárias, os operadores jurídicos, homens e mulheres da lei, todos de primordial importância para a pesquisa de campo. Mesmo tendo uma impressão sobre o nível de relações entre os agentes e as mulheres, restringi-me a descrever suas ações e reações dentro do espaço do cárcere, relatando somente após observar o cotidiano escolhido. A princípio, delimito o grupo de mulheres detentas

³O Presídio fica localizado na Br 116 Km 27. Anteriormente, o presídio feminino estava localizado no bairro da Jacareganga, região central de Fortaleza, sendo transferido, há quatro anos, para o mesmo espaço do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), Presídio de segurança máxima.

⁴Assumi um gestor escolhido pelo governador, a direção do Instituto é escolhida através de cargo comissionado, eleito por opção do governador do Estado do Ceará.

⁵Equipe escolhida pelo ex-governador Tasso Jereissati

⁶Aprofundarei as transformações ocorridas no terceiro capítulo, uma delas ocorreu no dia 01.07.04. , as detentas ficaram amotinadas por várias horas devido a direção não ter mais permitido a entrada de dinheiro e objetos sem nota fiscal. Como resultado vinte entre as celas ficaram totalmente depedradas.

⁷Ver anexos com dados hemerográficos. Se antes era difícil, com a troca houve mais dificuldades, pois do centro da cidade passando para o município de Itaitinga- CE, região metropolitana de Fortaleza-CE. Dificultando o acesso, o valor das passagens e o deslocamento.

como o foco principal relacionando com diferentes personagens envolvidos no seu cotidiano, como a direção do presídio, os funcionários, os homens da lei⁸, outras mulheres⁹ detentas, os parentes das presas, os (as) companheiros (as)¹⁰ das mulheres encarceradas.

As mulheres encarceradas são todas aquelas que foram indiciadas por algum delito cometido, aguardam julgamento ou já foram julgadas. A direção regula as normas e organiza as atividades do presídio, por alguns momentos redimensionam as ações de vigilância e disciplina, no caso de um motim ou rebelião. Os funcionários 00000(as) que orientam as atividades, como a guarda policial não entra no interior do presídio. Esta ação fica a cargo das agentes penitenciárias efetivarem as normas estabelecidas. Aqui também encontramos aqueles que fazem a parte interna da direção, ou seja, os que trabalham com os papéis. A cada entrada, liberdade condicional, relaxamento de pena, liberdade de alguma mulher é este grupo que age. Outro grupo, os homens da lei, mais conhecidos como a guarda do presídio, ficam na vigilância através dos muros, e pela vigilância eletrônica. Não podemos esquecer o dia do “baculejo”, quando os guardas saem dos muros e passam para o interior do presídio atrás de drogas e armas. Neste dia as mulheres ficam todas em estado de tensão. Descrevo como se dão as relações sociais, afetivas e jurídicas das mulheres encarceradas. Com relação aos parentes, encontramos os diversos níveis de relações familiares, desde as estabelecidas por laços de consangüinidade até laços formados por outras afinidades, como é o caso dos companheiros e companheiras das mulheres que se encontram encarcerado. Aqui relato todos os tipos de envolvimento desde os legalmente estabelecidos até as inúmeras formas de encontro de duas pessoas.

⁸Podemos delimitar o grupo ligado à segurança do presídio (soldados, cabos, sargentos que trabalham cotidianamente no interior do mesmo).

⁹Demarco diferenças que foram sendo percebidas durante o trabalho de campo, entre elas existe uma assimetria bastante pontual que será constituída em torno do tipo de crime, de sua sexualidade, de sua classe social. Aprofundarei estas características durante o segundo capítulo.

¹⁰Este grupo será de certa forma o centro da pesquisa, pois tenciono refletir sobre como ficam a situação social, afetiva e jurídica da mulher que esta detida em uma instituição de privação de liberdade.

Podemos ainda perceber a existência de uma divisão, que dimensiona a periculosidade de cada uma; cada tipo de crime irá refletir diferentemente no imaginário da coletividade. A mulher que mata é diferente da mulher que trafica, como também a mulher que mata criança é vista com uma visão mais ampliada de negatividade. Analisamos, ainda, um segundo fator de identificação: a classe social. Aquelas que têm melhores condições financeiras ficam separadas das demais. Ao indagar a diretora sobre isso, relatou que não poderia juntar pessoas tão diferentes. Estas acabam ocupando celas dentro da enfermaria, ou celas destinadas às mulheres que estão amamentando, mesmo sem amamentar.

Cada grupo é um universo a ser analisado, pois se trata de mulheres que perderam o sentimento de pertença com o mundo exterior. Assim, as relações entre elas e as práticas de convivência intramuros ganham outros valores, jamais esperados por elas. Em entrevista com uma das agentes, podemos perceber isso;

(...) uma briga por besteira acaba sendo mais seria do que esperei os ânimos às vezes estão bem perturbado (Agente penitenciária).

O INÍCIO...

Meu percurso de pesquisadora começa nas Ciências Humanas, durante o período em que cursei a graduação no curso de ciências sociais da Universidade Federal do Ceará, e simultaneamente trabalhei como educadora de rua, exercendo atividades que levassem aos meninos e meninas, que se encontrava em situação de risco pessoal e social, uma mudança de atitude e de pensamento, deixando de ficar na rua para serem engajados em um dos Projetos que abrigam crianças e adolescentes em Fortaleza.

Trabalhei como educadora de rua, na Fundação da Criança da Cidade - FUNCI, por quase três anos. Logo depois passei a trabalhar em um Albergue¹¹, que ficava no Centro da cidade, vizinho a Praça da Sé. Este abrigo destinava-se ao acolhimento e encaminhamento das crianças e adolescentes que freqüentavam o centro de Fortaleza-CE. , reconduzindo-os para a família ou instituições de abrigo como Aldacy Barbosa, Moacir Bezerra. Concomitantemente, no curso de Ciências Sociais, participava das atividades do Laboratório de Estudos da Violência – LEV, da Universidade Federal do Ceará, como bolsista do CNPQ, espaço no qual me familiarizei com a produção de conhecimento sobre diversos aspectos da violência, participando de pesquisas relacionadas ao tema: Poder e Pistolagem, Segurança Pública, Jovens, Violência e Cidadania etc.

Duas experiências de trabalho, no Albergue, e no Laboratório de Estudos da Violência - LEV me permitiram perceber o quanto às relações entre meninas e meninos no espaço da rua era cheias de significados e representações no universo violento. As meninas que, cada vez mais, tornavam-se, para mim, objeto de atenção especial, apresentavam-se na rua também com suas representações e sob busca infinita de significação social, numa clara alusão à participação no espaço público e não apenas no espaço privado, da casa. Concluí o curso de graduação em Ciências Sociais ao escrever a monografia “Meninas - Mulheres, histórias de violência no contexto da Rua”, dedicando-me ao estudo das figuras femininas que corriam risco pessoal e social devido estarem em situação de rua¹².

Com este percurso quis aprofundar a temática feminina partindo, então, para uma outra face da realidade. Meu interesse passou a se concentrar em questões ligadas à temática da violência, da família e da sexualidade. Neste período trabalhava em uma ONG¹³ que se dedicava a questão da Saúde Reprodutiva (direitos sexuais e reprodutivos), na qual exercia a função de assessora comunitária. Desenvolvia atividades educativas sobre Direitos sexuais e reprodutivos e Planejamento familiar,

¹¹Instituição governamental que abriga meninos de rua, ligada a FEBEM-CE.

¹²Alguns tinham família, mas tinham saído de casa.

¹³A ONG chamava-se BEMFAM – Bem-Estar Familiar no Brasil – ligada a saúde reprodutiva tendo uma inserção social em diversas camadas da sociedade civil.

violência Doméstica, em alguns setores sociais, como a área da saúde – Equipes do Programa de Saúde Familiar (PSF), Hospitais e Secretárias de Saúde dos mais diversos municípios do Ceará, e o Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa. Nesta perspectiva, o projeto foi se construindo com um amadurecimento das atividades profissionais, de forma simultânea com o cotidiano de pesquisadora na universidade.

A princípio, delimito meu objeto de estudo em torno das relações afetivas e familiares que as mulheres constroem em um espaço de privação de liberdade. A análise se fundamentava na reconstrução do percurso pelo qual as mulheres detentas perpassam para vivenciarem sua sexualidade e se relacionarem com os companheiros, filhos e as famílias. Mais tarde, o objeto foi se reconfigurando e, assim, além do foco ser as relações afetivas e familiares, passei a considerar também, outros tipos de relações que as mulheres constroem dentro da complexidade do cotidiano do presídio. Busquei elucidar como se dá o jogo de interesses sexuais dentro do cotidiano do cárcere, o envolvimento das mulheres com seus companheiros e companheiras (investigando também as relações homoafetivas), que estão no mundo externo e interno do cárcere, percebendo assim a “visita íntima”. Neste cotidiano as mulheres também se relacionam com outros agentes envolvidos no contexto da prisão; como: a direção, os operadores do direito, agentes prisionais e policiais. Portanto, também levo em consideração a participação dos agentes sociais citados acima, como figuras que percorrem todo o universo prisional, através de posturas, decisões, ações e reações no interior do espaço do cárcere que, através da pesquisa de campo, mostraram-se significativos para a análise.

A visita íntima é a ocasião que (o) a preso (a) tem a possibilidade de se encontrar de forma mais reservada com seu companheiro (a), sendo possível o intercurso sexual, em ambiente concedido pela direção do estabelecimento presidiário. No caso do presídio feminino é chamado de “venústerio”. No novo presídio foram construídos 04 (quatro) espaços para os encontros. Tais encontros têm a duração de no máximo duas horas.

A sexualidade feminina no cárcere e o seu desdobramento na instituição da visita íntima no Presídio passaram a ser o foco de interesse central. Assim, orientei-me por algumas perguntas-chaves: O que é a visita íntima? Como a mulher presa reage frente a possibilidade de ser privada do exercício de sua sexualidade? Qual o percurso que a mulher segue para ocorrer a visita íntima no cotidiano do presídio? Como se dá a preservação do núcleo familiar da mulher detenta e a relação com o companheiro (a) estando na prisão? Que conflitos que surgem para garantir o benefício da visita familiar e íntima? Como a mulher encarcerada é vista pelos outros agentes sociais que estão envolvidos no cotidiano do presídio? Enfim, como a mulher presa entende e se relaciona com estas questões? Sendo a visita íntima, um benefício previsto na Lei de Execução Penal, até que ponto pode ser considerado como um instrumento de coerção utilizado pelo Estado para assegurar um bom comportamento na prisão? E a mulher encarcerada, percebe este jogo dentro do universo prisional?

O COTIDIANO COMO CENÁRIO – TRILHANDO O DESCONHECIDO

O cotidiano passou a ser o espaço para perceber as relações sociais inseridas nesta realidade, privilegiando a ambiência do presídio. Ao começar as visitas, as leituras teóricas sobre o cotidiano foram sendo intercaladas, buscando uma equilibrada inserção no campo da pesquisa¹⁴. É a partir destas relações apreendidas no cotidiano do cárcere, que o objeto de estudo foi se construindo para uma efetiva elucidação.

No primeiro dia que fui ao presídio fui recebida pelos “guardas” que estavam de plantão, que, curiosos, indagaram o motivo de eu estar ali.¹⁵ Após me identificar como

¹⁴Iniciei a pesquisa empírica em março de 2001, no Presídio Feminino, mas intensifiquei as visitas a partir do segundo semestre de 2001. Durante o curso de mestrado em Sociologia, visitando semanalmente o presídio, para recolher relatos das mulheres presas, funcionários da direção, do presídio e dos policiais militares. Nestes encontros, tive a oportunidade de conhecer o campo e ir construindo uma metodologia específica para o meu trabalho. Como não conhecia, a princípio, as mulheres, as primeiras que me foram apresentadas serviram de pontes para outras e, assim, fui construindo uma rede de informantes.

¹⁵Mesmo estando com uma autorização de entrada, que explicava o meu objetivo, indagavam sobre o que eu queria, como a quisessem tirar o espaço concedido para pesquisar, ou demonstrar que eles também te o poder de decidir que entrar ou sair do presídio, manifestando uma disputa de poder. Eles coordenam quem entra e sai do presídio, assim, autorizar ou não a entrada.

pesquisadora me deixou entrar, mas ainda estavam com certo olhar de surpresa e desconfiança. Tal atitude deixou transparecer que o presídio é uma espécie de “lugar maldito”, no qual uma mulher, vista como frágil, não está preparada para penetrar. O presídio é um espaço delimitado por ações masculinas e a equipe de segurança reforça a compreensão desta idéia¹⁶. Mas, o cotidiano é um o campo reflexivo para apreensão destas ações, para perceber as relações sociais inseridas nesta realidade, privilegiando a ambiência do presídio.

Elegi saber como as atividades eram organizadas no cotidiano e quais delas se revelavam como as principais. *A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente (Berger e Luckman, 1966, p.35)*. Sabe-se, no entanto, que a vida na prisão é organizada com horários rígidos. Talvez, a lógica necessária para dotar a vida de sentido ultrapasse esta realidade por se tratar de um cotidiano imposto e não vivido, como, releva a subjetividade de cada mulher. A disciplina e a autoridade percorrem todas as relações, o desfalecimento da subjetividade começa entre as ordens e contra ordem expressa entre as mulheres e dos agentes sociais que inter-relacionam com as mulheres presas, ou seja, a direção, funcionários, homens da lei, mulheres, parentes e companheiros (as).

Como diz Geertz, parafraseando Weber,... *o homem é um animal amarrado as teias de significados que ele mesmo teceu...*(1978:p.69), o cotidiano da prisão é demonstrado como um *locus* de uma ciência interpretativa.

Para algumas mulheres, o dia-a-dia da prisão é “ter o tempo amarrado pelo pé”, a sensação de peso e dor está em muitos relatos obtidos durante o período de coleta de informações. A institucionalização das atividades do cotidiano deixa a impressão de não estarem vivendo e sim morrendo. A morte aqui é contada de forma simbólica, as trancas, as paredes, os muros, o tempo controlado, a prisão. O dia ganha uma sensação de morte, pois as horas do dia não significam estarem livres para viverem; as horas

¹⁶Através da conduta policial tive a possibilidade de perceber uma atitude sexista que dificulta a entrada das mulheres em espaços considerados masculinos.

estão “amarradas pelo pé” a uma sentença que deflagra o que gostariam de esquecer. O dia é a lembrança, a noite é a presença da vontade de esquecer.

A lógica do tempo para algumas delas, especificamente aquelas condenadas a muito tempo de cadeia, torna-se uma realidade muito dura. Pensar que terão que passar anos num mesmo lugar fechado torna-se algo terrível. Através do depoimento de uma das mulheres podemos perceber bem esta realidade.

Imagine você numa praia, você toma banho, pega sol, vê as ondas passarem, vê as pessoas, aí você começa a ficar de saco cheio, aí decide ir pro cinema, você pode. Aqui, a gente sente a vontade, mas não pode fazer. Você sente a vontade de comer uma coisa boa, você sai e compra. Aqui você só fica na vontade. Eu que tô grávida é difícil, às vezes eu sinto aquela vontade de comer alguma coisa diferente, é muito ruim (ATENA).

Ao adentrar na prisão percebi, então, que suas vidas são constituídas de um corpo físico e de um corpo simbólico. O físico é regulado pela abertura e fechamento das trancas; o corpo simbólico é interdito pelos trâmites da institucionalização, do disciplinamento, da vigilância, do micro-olho. Esse seria a autovigilância que mesmo não tendo os guardas, ou as agentes penitenciárias, as mulheres através de seus corpos estão condicionadas ao disciplinamento e a regulação dos atos, que se configura depois de algum tempo inserido na prisão. A câmera não precisa está lá, a mulher carrega em si a vigilância, sabe que não pode fugir às regras e evita por medo de ser punida, até mesmo sem ter a mínima possibilidade de ser descoberta¹⁷.

A fantasia de estar no mundo de fora, de viver livre, de estar fora das grades, compõe um cotidiano cheio de fragmentos que só podem ser desvencilhados através de seu acompanhamento. A solidão é um dos sentimentos que mais se apresenta nesta estrutura, o sentir-se só é algo que foge à força humana. Nestes termos, a quantidade de remédios que são fornecidos para depressão é esclarecedora¹⁸.

¹⁷Mas, algumas fogem deste perfil de introspecção e foram pesquisadas para que pudesse perceber a diferença entre elas.

¹⁸A quantidade de medicamentos antidepressivos e calmantes que é dada pela unidade médica é alta, para o consumo mensal de quase 260 mulheres.

Estrutura física – A organização das mulheres na prisão. .

O Instituto Penal Feminino é dividido em três alas, as quais estão separadas pela situação jurídica processual das mulheres encarceradas. Na primeira, ficam as indiciadas¹⁹; na segunda, aquelas que já estão cumprindo pena; e na terceira, aquelas que estão esperando julgamento. Nos casos especiais, existe um pequeno espaço com quatro celas que dá de frente para um pátio de dimensões entre (4x3 metros). Neste espaço, ficam as mulheres ameaçadas pelas outras detentas, no caso de mulheres que matam crianças ou por alguma outra situação especial²⁰.

Para chegar até a primeira ala é necessário passar por seis portões, além do que fica na entrada onde a guarda do presídio faz a vigilância. No restante dos portões, as agentes penitenciárias são as responsáveis pela entrada e saída das detentas ²¹. Os guardas militares não entram no presídio, somente em casos de “baculejo”²², “rebelião e/ou motim”, mas fazem a vigilância pelos muros e pelo monitoramento eletrônico. Dentro do presídio existem 60 câmeras de alta definição, com um militar que se mantém de plantão na sala de monitoramento, passando de ala em ala, corredor por corredor, observando fato por fato, presa por presa.

Para alguns policiais, as presas são “sem vergonha”, usam do corpo para infernizar o trabalho de vigilância. Essa afirmação vem da atividade corriqueira de

¹⁹As mulheres indiciadas são aquelas que estão submetidas a inquérito policial, aguardam a apuração de crime, na qualidade de acusada.

²⁰Encontrei um casal de homossexuais, que já viviam maritalmente na cela em constantes brigas por ciúme, que tiveram que ser separadas do convívio das outras detentas por estarem sofrendo ameaças no grupo onde se encontravam.

²¹O horário de trabalho das agentes é de 24 por 72 horas, ou seja, trabalham um dia e folgam três. Devido o alto nível de stress e a própria insalubridade.

²²Momento de revista no interior da prisão, o dia é escolhido aleatoriamente.

“pegar sol”, no pátio interno das alas. Algumas mulheres ficam sem a parte de cima do biquíni, ou vestem pequenas peças íntimas para se bronzear. Para aqueles que fazem a vigilância eletrônica é fácil montar “close-ups” destas mulheres nessas ocasiões. Além de monitorar as atitudes das mulheres quando estão no pátio interno de cada ala, os guardas, que ficam nas guaritas, observam cada movimento feito pelas mulheres. Por outro lado, as mulheres que participam da visita íntima no venustério, relatam que é necessário “colocar o colchão bem no canto da parede para que se possa namorar, por que os soldados ficam espiando” (mulher que recebe o benefício).

O DIA A DIA NO PRESÍDIO...

Logo ao amanhecer, às 6h, as mulheres acordam, um grupo de quatro detentas sai das celas para trabalhar na cozinha. São as primeiras trancas a serem abertas. A partir das 7h, com a troca do plantão das agentes penitenciárias, a próxima equipe encarrega-se da abertura do restante das trancas. O café da manhã está previsto para as 07h30min, mas como este cotidiano é marcado por uma série de imprevistos, como a falta de água, pão e outros utensílios, esse pode chegar a ser servido até as 11h.²³

As mulheres que trabalham na cozinha têm certa vantagem, devido estar perto da direção, da comida, dos utensílios, isto é, da estrutura que lembra a liberdade. As atividades no presídio são organizadas, em sua maioria, pela parte da manhã, como a escola, o curso de teatro, a padaria, o corte/costura, o bordado e a pintura. A parte da tarde fica reservada para alguma atividade fora do cotidiano prisional, como um “curso de fora”²⁴. Mas, a maioria das mulheres volta para suas alas caindo assim na ociosidade,

²³A água no presídio é insalubre, inadequada para consumo. Além do mais, a chave geral é aberta somente por 20min diários para encher as vasilhas. Aquelas que não chegarem a tempo ficam sem água. Muitas fazem uma cota e compram garrações de água mineral. No entanto, nem todas têm dinheiro para comprar, acabam bebendo água insalubre até conseguirem dinheiro e participar da cota.

²⁴Como elas mesmas se referem, cursos de doces e salgados trazidos por outras instituições.

somando um contingente de quase duzentas mulheres sem se beneficiar de nenhum curso.

O almoço é servido entre às 13h e 14h, podendo também extrapolar este horário, principalmente pela falta de água. Um fator observado é que as mulheres não fazem muita questão de realizar atividades no início da tarde, por estar “ligada” nos programas como *Barra Pesada*, *Rota 22*²⁵. Ao ser indagada, “o porquê da preferência”, explicam: “*Pelo menos, a gente fica informada quem caiu ou não*” (Ártemis).

Às 18h, aquelas que trabalham na cozinha, na direção e na faxina voltam para suas alas e às 21h retornam para as celas, e são trancadas novamente, de onde só saem no dia seguinte.

Esta rotina é quebrada nos dias de visita familiar e íntima. As visitas da família ocorrem semanalmente, enquanto a “visita íntima” de 15 em 15 dias para as mulheres presas que têm seus companheiros em outros presídios e, semanalmente, para aquelas cujos maridos ou companheiros estão no “mundo da liberdade”. As outras que não tem companheiros e companheiras esperam somente pela visita da família ou de amigos.

Podemos ressaltar que a visita familiar é um direito assistido perante a lei, para todas, enquanto a visita conjugal, sexual ou íntima é um benefício garantido somente para as presas com bom comportamento, sendo retirado em caso de alguma divergência ou ato de contravenção. A visita familiar e conjugal tem um valor simbólico muito forte para a vida das mulheres que se encontram em situação de cárcere. As mulheres ganham outro “tom” ao se aproximar o dia da visita, além de ser a janela para o mundo de fora, o mundo da liberdade. A visita acaba sendo também uma espécie de marcador do tempo dentro da prisão.²⁶

²⁵Programas que mostram os últimos acontecimentos da violência na cidade de Fortaleza, algumas vezes existem mulheres que vêem alguém conhecido entre os presos e as presas entrevistados. Estes programas também promovem uma ação simbólica de tornar alguém culpado, alguém que não tem se quer o inquérito feito e muito menos apurado.

²⁶Esta análise fundamentará o quinto capítulo da dissertação, o tempo passa a ser contado não cronologicamente, mas as mulheres encarceradas criam estratégias de para sobreviverem emocionalmente ao cotidiano prisional.

CAPÍTULO I

PISTAS DE UM CAMINHO: A QUESTÃO METODOLÓGICA.

VERDADE (Carlos Drummond)

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua Segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Na primeira vez que fui ao Presídio como aluna do Mestrado em Sociologia da UFC e pesquisadora, senti que precisava montar uma estratégia de superação

relacionada ao impacto de estar no ambiente prisional. Mesmo me dedicando a estudar a categoria violência e os conflitos sociais e tendo como pressuposto que a liberdade do ser humano é um direito essencial, não pude menosprezar o fato de que as mulheres presas perderam este benefício devido a algum tipo de delito cometido. Como ressalta a promotora de justiça da Vara de Tóxico²⁷ de Fortaleza, ao revelar o conflito de acusar mulheres que estão numa situação de total desconforto.

...muitas vezes eu me encontrei com um conflito muito grande entre cumprir a lei que é o meu dever, e até onde as minhas emoções, o meu coração podia influenciar no desempenho do meu trabalho, porque uma coisa é você aqui, você lida com gente que de repente tem sua liberdade e eu tenho como visar o maior bem do ser humano, não é nem a própria vida e sim a liberdade... (Promotora da Vara de Tóxicos)

A questão posta nessa realidade é que, antes de serem vistas como criminosas pela sociedade, as mulheres trazem uma autoprojeção de pessoas submissas mãe e esposa, que são papéis socialmente construídos no processo de socialização dos indivíduos e que, de certa forma, estão presentes no imaginário social. Ao cometerem algum delito passam a ser percebidas, no imaginário social, como delituosas, e não mais nos seus papéis tradicionais. Como fica esta mulher que, de uma hora para outra, perde o direito de ir e vir, a possibilidade de ficar com seus filhos (as), seus companheiros, seus familiares sendo submetida a uma vigilância prisional, e, sobretudo, seu corpo passa a ser uma extensão da instituição. De acordo com o disciplinamento, a mulher presa terá que obedecer às normas e regulamentos da prisão.

O conflito colocado, neste sentido, confundia meus valores ao se chocar com tal realidade. Em dias de visita familiar e íntima, tive a possibilidade de ver encontros de pessoas que há muito não se viam. Desta forma, comecei a pensar na construção de temáticas que tocassem nestas esferas da vida social. O primeiro obstáculo a ser

²⁷Devido a quantidade de mulheres presas por causa dos delitos com drogas, delimito entrevistar a Promotora de Justiça da Vara de Tóxicos.

superado seria perceber a complexidade daquele cotidiano para além dos conflitos e valores trazidos do mundo “de fora” do presídio.

O segundo obstáculo seria saber pesquisar sociologicamente um acontecimento delicado, como a separação da família, que marcava as histórias das mulheres presas, sendo percebido por elas como um dos grandes entraves de sua vida na penitenciária.

A terceira dificuldade seria adentrar no universo que compunha a diversidade sexual - mulheres heterossexuais, homoafetivas, bissexuais – já que a pesquisa buscava construir o percurso da sexualidade feminina em situação de privação de liberdade, em suas diversas dimensões, especialmente no que tange à visita íntima. Precisei livrar-me dos meus próprios pré-conceitos formados em nossa sociedade tradicional, judaico-cristã.

No Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa – IPFDAMC -, *locus* da minha pesquisa, a visita íntima também foi concedida aos casais homossexuais. Percebi, entretanto, que mesmo com certo “ar de liberalidade”, entre as homoafetivas me sentia um pouco desconfortável, mas com o passar do tempo fui sentindo mais segura. Surpreendi ao realizar algumas entrevistas com elas que se afirmam assumidas “sapatões”. O estereotipo era marcante e a forma como se colocavam indicava a busca de demarcar o seu espaço. Seria a construção de identidades e/ou processos de identificação, estabelecendo um lugar próprio e um espaço de poder mediante uma personalidade formada para impor respeito ou mesmo medo às outras mulheres na prisão.

As dificuldades se atrelaram ao medo que, por algumas vezes, senti em realizar entrevistas com algumas mulheres dentro do mundo da prisão feminina. Durante as visitas semanais, tive a oportunidade de acesso à cozinha, à sala de costura, à sala de aula, à padaria, ao parlatório, aos corredores que davam nas alas e o pátio interno, etc. Aquelas que prestavam serviços sempre estavam ou na cozinha ou na sala de costura. Por algumas vezes fiquei sozinha com elas e, enquanto as entrevistavam, elas cortavam galinhas e carnes com uma destreza surpreendente. Neste momento, passava pela minha cabeça, a lembrança de um dos crimes cometidos por uma mulher, conforme relatado

por Almeida (2000). No qual mulher esquartejou o marido e comparando-o com uma galinha, pois “pegou ele pelas juntas...”, desfazendo-se do corpo depois.

Outro ponto a ser considerado é a relação de conflito instalada em princípio entre o objeto da pesquisa, a direção do presídio e outros funcionários. Por algumas vezes dificultou o trabalho da pesquisa, ao estabelecer somente um dia da semana para poder visitar as mulheres, com o tempo pude diferenciar as atividades que ocorriam no interior do Presídio. Anteriormente, não havia entraves, já tinha realizado alguns trabalhos sobre sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos e anticoncepção no presídio.

Assumo aqui, como reflete Velho (1986) que as escolhas do pesquisador refere-se a sua subjetividade e ao escolher um tema ligado à sociedade em que convive é necessário que seja levada em consideração esta subjetividade, que é responsável por desencadear o processo de conhecimento do pesquisador.

Mas, com o passar do tempo e com a maior frequência ao local de pesquisa, os agentes sociais que estavam inseridos neste processo pareciam mais à vontade com a minha presença. A organização das atividades do presídio pela direção não era uma das características mais presentes dentro do cotidiano. Às vezes, eu percebia que minha presença era vista com certa preocupação. Com visitas mais assíduas, fui tentando mostrar que meu trabalho era sociológico e estava interessado em perceber o cotidiano das mulheres encarceradas, não se tratando de uma investigação sobre o trabalho da direção do Presídio. Neste sentido, o cotidiano do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa expressava dificuldades e conflitos a serem considerados e refletidos na pesquisa.

A visita é o espaço para rever o (a)companheiro(a), lidar com a saudade e com o “destino”. Para muitas delas, o envolvimento com o crime já estava marcado, como se existisse uma ação divina determinando seus dias: “Deus quis assim”. Hoje, no presídio feminino com um contingente de quase 260 mulheres, somente 120 recebem o benefício da visita íntima, mesmo sendo abaixo da expectativa²⁸. Pude perceber como o fato de não ser sozinha na vida mexia com a cabeça de cada uma delas. O estar só seria

²⁸Pensei encontrar um universo maior entre aquelas que recebiam o benefício.

considerado pejorativamente, como a presa não tivesse ninguém por ela no “mundo de fora”. Delimitei o universo de minhas entrevistas doze mulheres do total daquelas que estavam recebendo o benefício da visita íntima, e 3 mulheres não beneficiárias da visita íntima, totalizando deste modo, 15 informantes diretas. As mulheres estão divididas segundo o critério de estar ou não recebendo o benefício e por opção sexual: Heterossexual (entre mulheres que estão com os companheiros em liberdade e aqueles que estão presos), homoafetiva, bissexual e mais 03 que não estivessem recebendo o benefício²⁹, além de entrevistas pontuais com juízes, procurador da justiça, promotores, advogados, agentes penitenciários, soldados, direção, assistente social, socióloga³⁰, enfim os agentes que estivessem de alguma forma envolvidos com a temática da visita íntima.

Com as mulheres encarceradas tive a oportunidade de manter diversas conversas, e a cada visita, passava pelos lugares onde elas se encontravam, observando suas práticas na cozinha, na padaria, na sala de costura, na creche, nos corredores, no pátio das visitas, nos diversos portões. Por cautela e orientação da direção do presídio, sempre ficava fora da “zona de perigo”, como relatava a assistente social, ou seja, próximo ou dentro das alas de separação³¹.

As mulheres que se encontravam fora das atividades citadas, ou seja, dentro da “zona de perigo”, eram trazidas até o parlatório³² através de meu pedido. Para realizar as entrevistas, a assistente social acionava a agente penitenciária e esta trazia a pessoa com a qual queria conversar.

²⁹Daquelas que estavam recebendo o Benefício podemos separar da seguinte forma, por estas categorias heterossexuais com companheiros em liberdade, heterossexuais com companheiros presos, homoafetivas, bissexuais, não tem companheiro, perfazendo o número de quinze mulheres.

³⁰No corpo funcional do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, a o cargo de socióloga ocupado por uma colega de profissão, mas até aquele momento desconhecida pela pesquisadora.

³¹Alas de separação e zona de perigo foram denominações criadas por mim para delimitar o espaço, onde podia ou não me locomover. Tais zonas eram restritas as agentes prisionais e aos soldados no momento de uma rebelião até os funcionários do presídio como a direção não percorriam estes espaços delimitados, não sei se por precaução ou por acomodação.

³²Espaço destinado a conversa, principalmente entre a mulher presa e o advogado, etc.

Quando pedi para ficar sozinha no mesmo espaço do parlatório com a entrevistada, a assistente social disse ser perigoso, mas superei o medo que sentia. Para saber sobre fatos que vão tocar na intimidade de uma pessoa, em seus medos e sonhos, precisa-se seguir trilha observando-se indício às vezes muito tênue. Talvez, minha atitude falasse melhor que várias palavras ditas. Assim, tive o consentimento da assistente social, mesmo revelando ser perigoso.

Consegui, desta forma, montar uma rede de informantes chaves, entre as mulheres e todos os agentes sociais, que de certa forma, estão envolvidos com os fatos aqui relatados.

O OLHAR COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

Busco estudar a dinâmica específica da ordenação das condutas dentro deste quadro institucional, ou seja, como funciona um cotidiano configurado por uma série de circunstâncias ímpares, Tendo como pano de fundo a visita íntima no Instituto Feminino Desembargadora Auri Moura Costa. Para isto construir uma rede de possibilidades de coleta de dados ao longo de dois anos e meio de pesquisa de campo.

Durante este período, realizei visitas quinzenais, a partir do primeiro ano de mestrado, passei a visitar semanalmente o presídio, intensificando a aproximação para conquistar a confiança das mulheres escolhidas para a pesquisa. No total, realizei 30 entrevistas, além das conversas informais que foram de grande importância para o amadurecimento da entrevista gravada e para a construção do diário de campo. Fui, assim, montando um percurso de informações que pudessem me servir de base para compreensão da Visita íntima. Neste sentido, a visita passou a ser meu referencial.

No decorrer da construção do projeto de dissertação, intensifiquei as leituras³³ para efetivar uma investigação social mais detalhada junto ao cotidiano do presídio. Os depoimentos das mulheres detentas, agentes prisionais, oficiais da lei e direção foram fundamentais para interpretação simbólica com base no sentido nativo atribuído a essas relações.

Metodologicamente, a etnografia deu o suporte necessário a percepção dos elementos possíveis de interpretações dentro do cotidiano do cárcere. A opção por uma abordagem etnográfica teve sua origem primeiramente na oportunidade de dar possibilidade de fala a uma população que nem sempre pode exercer esse direito. Também compreendo ser esse método o que mais se aproxima da realidade dos atores sociais escolhidos. Tudo se organiza como um **“sistema entrelaçado de signos interpretáveis”** (Geertz, 1989: 25),

A elaboração de tipificações deu-se diante da escolha das mulheres presas e suas relações com seus parceiros e parceiras, além de foi aproveitar o discurso de outros agentes da realidade pesquisada. Neste sentido, elenco uma série de relações de ordem sexual, como jurídica e social que foram o ponto primordial de análise da pesquisa. Questiono uma escolha dentro de uma prática teórica acionada pela simples interrogação científica, como a não percepção do uso de violência simbólica pelo pesquisador, condicionando respostas, afetando análises e ausentando o pesquisador de uma prática metódica e reflexiva. Assim, condiciono a ação do pesquisador a perceber a diversa realidade do objeto pesquisado.

Meu interesse, contudo, como disse Walter Benjamin(1994), é por tudo aquilo que os outros acham fragmentado, sem interesse, onde o micro seja o universo da percepção, na qual as histórias de cada mulher representam nuances que refletem o jogo infinito de combinações de imagens de cores variegadas, formando um caleidoscópio. Assim, cada fragmento passava a ser uma marca a ser decodificada.

³³PERRUCI(1983), LEMGRUBER(1983), COELHO(1987), AMPARO (1988), SÁ(1996), SALLA(1999), ALMEIDA(2000).

Para Coutinho, o olhar é o sentido mais aberto à interpretação. A visão será treinada a ver tudo enquanto o olhar buscará as nuances do objeto. Quando olhamos percebemos com uma maior estranheza, diferente da visão. O olhar faz parte da percepção, sendo a percepção a base da leitura e sem leitura não há sentido, não há interpretação. A escolha de recomençar a análise pela percepção era como preparar meus sentidos para a busca, para a descoberta. Lembro, assim, em meu diário de campo quando foi revista pela primeira vez: Ao chegar à recepção do presídio, passei pela revista, ato grosseiro que demonstra o falecimento da concepção moderna de privacidade, individualidade, intimidade. A ação dos policiais foi algo que me fez refletir e questionar essa prática constrangedora e questioná-la. Veio, em seguida, o segundo portão, mais perguntas. Fiquei interessada em saber se iria passar por uma revista detalhada. Como era a primeira vez, seria de “praxe”. Foi determinada uma policial feminina para esta função. Primeiro, pediu que tirasse a camisa, depois pediu que tirasse a calça. Não acreditei em me ver de roupa íntima na frente de alguém que nunca tinha visto e naquela situação. Com as peças na mão, a policial foi vasculhando toda a costura das roupas, procurava algo que eu sabia que não existia, mas era sua função confirmar verificando detalhadamente. Minha palavra não era o bastante para o sistema. Depois, ela pediu-me para tirar os sapatos, já começava a entrar em desespero, pensando que iria mandar tirar minha calcinha e meu sutiã. Entre as solicitações de “tira e bota”, indagou de onde eu vinha, relatei que vinha da Universidade para realizar uma pesquisa com as mulheres encarceradas. Depois disso, pediu que virasse de frente e de costas, passando o detector de metais ao longo de meu corpo e da minha bolsa. O detector de metais acusou alguma coisa. Lembrei-me que neste dia havia levado o gravador. Terminada a revista, mandou que me vestisse e, assim, obedeci. Senti-me vulnerável, lembrava daquelas pessoas que passam pela revista quase que semanalmente, sempre com o mesmo ritual, sendo obrigadas a ficarem nuas, se abaixando, se levantando, tirando e colocando as peças. Senti um forte desejo de pedir para parar, mas se pedisse poderia comprometer a pesquisa. Mesmo tendo afirmado que a minha visita tratava-se de uma pesquisa, alguns objetos foram retidos: o gravador, celular e minha carteira de identidade, para serem entregues quando saísse do Instituto, ficando os meus pertences na guarda.

Fui obedecendo aos pedidos. Pensei que, no meu caso, o “agachamento” exigido às mulheres, na revista, foi dispensado, no momento em que a policial fez a pergunta sobre de onde eu era. Se fosse parente, amiga, companheira de alguma daquelas mulheres, passaria por tal procedimento. Na verdade, o lugar de onde eu vinha representou algo de diferente para a oficial. Só sei que respirei fundo de alívio e, conscientemente, agradei “ao meu anjo da guarda”.

Pensei então que, de forma específica, estava ali para estudar a intimidade das mulheres presas e não a minha, apesar de estar envolvido ali o interesse da pesquisadora diante de assuntos ligados à subjetividade. Meu interesse se direcionava para as mulheres que recebiam o benefício da visita íntima³⁴.

Comecei, assim, minha pesquisa de campo, através de uma relação onde havia um obstáculo de natureza subjetiva para chegar ao meu objeto de estudo. Tive, como momentos especiais e elucidativos, a compreensão da importância do “olhar” no contexto de análise deste processo. Para a construção do objeto científico, faz-se necessário “olhar” para a relação teoria e empiria, tomando como referência olhares diferenciados e o exercício de construção do objeto de estudo de alguns autores trabalhados.

É neste sentido que o olhar do pesquisador é seu verdadeiro instrumento de análise, e por isso, a cada passo que dei, percebi uma sensação diferente. A imagem seria ressaltada a qualquer instante, e a mente deveria estar atenta para a apreensão de todas as sensações produtoras de sentido. Por isso, Ferrara(1997) comenta que o complexo ato de recepção dos atos, que integra sensações e associa percepções é característica fundamental para a realização de uma leitura semiótica: o não verbal será o campo de análise e a sensação e a atenção serão meus instrumentos para as próximas colocações.

³⁴Lei de Execuções Penais(LEP), Cap IV, Dos deveres e direitos e da disciplina/ Seção II, Art. X, Normas Internacionais de Direitos Humanos sobre o tratamento dos presos(as).

(...) sensação e atenção são condições de leitura, mas não são, ainda, a leitura porque esta impõe uma relação das sensações e das imagens fixadas pela atenção para tornar possível, de um lado, a integração do mundo independente dos sentidos, originalmente dispersos, e, de outro, a associação comparativa das emoções (Ferrara, 1997: 24).

No decorrer das visitas ao Presídio Feminino Auri Moura Costa tive sentimentos que envolviam, além do interesse sociológico, certa preocupação de não poder relacionar todas as observações, inquietudes e dados contidos nas conversas com as mulheres detentas, com seus familiares e alguns funcionários, para poder ter uma visão mais elaborada. A escolha do meu objeto de investigação seria, a princípio, um desafio tanto pelo tema delicado da sexualidade como pela dificuldade de adentrar em um espaço de cárcere. Como já tinha começado a pesquisa de campo, devido às visitas anteriores a entrada no Mestrado, tive dificuldade de estabelecer um método para dar conta de uma rede de relações que exprimem a forma de interação das mulheres dentro do universo do presídio. Comecei a perceber, depois, os problemas e marcas que estavam sendo deixadas pelo meio do caminho.

Na realidade, todos os objetos têm suas especificidades, características e individualidades. Segundo Comerford(1999), o trabalho do pesquisador torna-se importante desde o momento de sua construção inicial. Através da observação direta, o autor elaborou sua análise de acordo com os vários sentidos referendados pelo grupo do Movimento dos Sem-Terra à palavra luta. A análise ressalta a necessidade de trabalhar com as categorias nativas colocadas no processo de conhecimento e apreensão do objeto. Assim também busquei usar tipificações a respeito das relações oferecidas no cotidiano do presídio. A rotatividade do presídio é grande. Comecei a entrevistar algumas mulheres e logo depois elas tinham a prisão relaxada³⁵. Desta maneira, comecei a ir mais vezes por semana para poder encontrar com elas mais vezes. Só com a intensificação das visitas é que, de fato comecei a entrevistar

³⁵Expressão utilizada pelos advogados para indicar o processo de relaxamento de prisão, ou seja, mudança do regime fechado para liberdade provisória trata-se de um direito conseguido em decorrência da primariedade, endereço fixo, bons antecedentes, profissão definida e de nunca ter pago fiança anteriormente.

categoricamente, as mulheres encarceradas. Uma mulher apresentou-me a outra e assim por diante.

Como já vinha trabalhando com as mulheres encarceradas através da BEMFAM, foi mais fácil convencer sobre meus objetivos de pesquisa. Passei, então, a delimitar o perfil das mulheres no presídio feminino, quantas existiam, quais suas ocupações, seu estado civil, o tipo de crime, e quantas recebiam o benefício da visita íntima. Para isso, utilizei os dados estatísticos existentes no próprio presídio. Percebi a resignação das mulheres perante a estrutura oferecida, mesmo tendo algumas que se rebelavam. Passei a conferir quantas mulheres recebia a autorização da visita e, para minha surpresa, vi que nem todas recebiam o benefício,³⁶ mostrando, assim, uma disparidade entre a realidade e o direito. Tal disparidade fundamenta-se, ainda, no fato de algumas mulheres não se disporem a ter o direito, por não sentirem à vontade em manter relações sexuais com seu marido ou companheiro (a) num espaço de privação de liberdade, ou por não ter companheiro (a), ou, ainda, por terem a libido reduzida pelo seu encarceramento. Assim, fui trabalhando com os fatos até aqui relatados.

Fui vencendo as barreiras. Como a visita íntima é configurada de várias formas, devido à diversidade sexual do grupo, optei por trabalhar com tipificações relacionando mulheres/ escolha sexual/ delito/ classe social; assim formulei categorias que serão aprofundadas no próximo capítulo. Nesta perspectiva direcionei, como Comerford (1999), para o processo de naturalização constituído dentro do universo prisional, ou seja, a conversão do olhar do pesquisador será aguçada a perceber como o grupo social é construído, através de seus valores, práticas e significação social.

Inicialmente, delimitarei três grupos:

1) Mulheres heterossexuais:

1.1) Mulheres que têm companheiros em liberdade;

³⁶No interior das discussões jurídicas encontramos diferença de conceituação entre o benefício e o direito. Para alguns juristas, é concedido o direito de encontro com o cônjuge, enquanto para outros é concedido o benefício que poderá ser retirado de acordo com o comportamento do preso(a).

1.2) Mulheres que têm como companheiros, outros presos, tanto do IPPS como do IPPO. Entre elas posso mencionar mulheres que já conheciam seus companheiros no mundo da liberdade e relacionamentos que começaram no interior do presídio por intermédio de companheiras de cela e das catataus³⁷:

2) Mulheres homoafetivas :

2.1) Mulheres que optaram pela homoafetividade antes de adentrarem no regime de cárcere;

2.2) Mulheres Heterossexuais que optaram pela homoafetividade depois de sua entrada ao presídio;

3.) Bissexuais: que encontram seus maridos entre presos e libertos, mas mantém simultaneamente relações com companheiras do presídio.

Tais categorias foram escolhidas por serem recorrentes no grupo estudado. A visita íntima exprime as opções sexuais de cada mulher pesquisada. As categorias tornam-se naturalizadas em virtude de sua continuidade dentro do grupo. Desta maneira, privilegio as recorrências e as repetições como forma de compreender as relações mais comuns neste processo; é necessário perceber como este espaço de inserção é construído e como revela a interação social estabelecida entre seus participantes. Nesta fase, tive a compreensão de perceber a importância da conversão do meu olhar para questões que se tornavam regular. Entre estas pude descobrir sentimentos, ações e reações afins entre as mulheres presas, além da significação da categoria “tempo” como uma expressão da falta de sentido social para mulheres presas, do “tempo arrastado pelo pé”, do peso vivenciado por cada uma delas. Aquelas que tinham histórias que pudessem ser contadas foram sendo escolhidas e,

³⁷Cartas que descrevem o interesse de encontrar um namorado(a), que são repassadas principalmente para os presídios masculinos.

individualmente, indagadas se queriam participar da pesquisa. Inicialmente, estranharam, mas depois acabaram concordando em participar.

Outro ponto analisado por Comenford (1999) seria a importância de desconstruir elementos trazidos pelo pesquisador, ou seja, uma visão pré-estabelecida formulada pelos valores socialmente construídos. Para Bourdieu, esta realidade pode ser colocada como a “ratificação das pré-construções do senso comum”, sendo necessária uma postura ativa e sistemática, impossibilitando a passividade da empiria (1989: 32). Este autor revela que o método comparativo permite que se pense de forma relacional entre o que está constituído e o que é possível na realidade, o que remete a noção de campo para uma melhor organização do objeto, conforme analisa Bourdieu (1989). Assim apreendido, o objeto será construído como campo de trabalho, de pesquisa, de descobrimento. A noção de campo ajuda a compreender como se deve pensar o mundo social de forma interrelacional, construindo pontes entre o objeto estudado e a prática de pesquisa. Tal categoria é:

uma etnografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar, e/ou orientar todas as opções práticas de pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades (Bourdieu, 1989 :27).

A cada espaço analisado, pode-se considerar um campo social estruturado pelas experiências das mulheres encarceradas, da direção, dos operadores do direito, dos oficiais da lei, dos funcionários, refletindo, assim, o universo no qual a visita íntima está inserida. Podemos percebê-los como um campo empírico cheio de vicissitudes.

De acordo com Weber (1996) para construir o objeto de estudo seria necessário trabalhar as pré-noções, pois estas acabam interferindo na compreensão das ações individuais. Sua análise baseava-se na interferência de um julgamento de valor, impossibilitando uma desconstrução de uma mentalidade pré-determinada. O autor, através da sociologia compreensiva, fundamenta seu conhecimento através da ação social, mostrando a necessidade de uma visão pluricausal, delimitando,

sobretudo, em torno da particularidade, da singularidade, e da especificidade de cada fenômeno. Todos estes pressupostos são um exercício de observação e sensibilidade para compreender a lógica instaurada dentro de um espaço em que mulheres e homens são levados a se encontrarem sob a rígida vigilância do aparelho do Estado, embora possibilitando a manutenção de suas relações.

Como Comerford (1999) sugere relacionar na pesquisa de campo, elementos de extrema importância para qualquer pesquisa. O exercício de estranhar o que é familiar e familiarizar o que é estranho. Através deste princípio, fundamenta-se uma análise baseada no rigor científico. Expresso não pela rigidez teórica e empírica, mas pelo exercício sistemático da dúvida. As perguntas seriam formuladas para que o grupo pesquisado contasse sua história de forma a não se sentir pressionado com perguntas fechadas e amarradas a um roteiro de entrevistas. Para Comerford, o percurso a ser traçado dependeria, sobretudo, de um refinamento teórico, que fundamentaria um nível de abstração bem mais contundente na análise, como, também, de uma metodologia específica que poderia revelar outras informações.

Por isso, retomo a escolha da etnografia como método base deste trabalho. Esta metodologia exprime a utilização do olhar como forma de apreensão do concreto e do imaginário contido no cotidiano. Fazer etnografia é dar voz aos pesquisados, aos “nativos”, é deixar transparecer seus próprios conceitos e trajetórias, como forma de elucidação do real, tudo isso relacionado a um trabalho teórico eficaz e nunca isolado das representações dos pesquisados, neste caso, das pesquisadas. Através das experiências repassadas pelos relatos, temos a dimensão da realidade vivenciada pelas mulheres encarceradas. Procurando uma forma mais adequada de pesquisar os fatos, lembrei-me de Geertz quando escreveu sobre a “descrição densa”, ou seja, a procura de está em sintonia com o mundo pesquisado, em seus detalhes e diferentes relações. No caso em estudo, não podemos transformar a mulher em simplesmente uma presidiária, mas compreender e descrever as interações dispostas no contexto do Presídio, da família, da questão de gênero e de sua sexualidade. Tudo se organiza como um “sistema entrelaçado de signos interpretáveis”. (Geertz, 1989: 25). O exercício da etnografia seria o ponto marcante

para efetuar o máximo de observações dentro do espaço do cárcere. Para Malinowski, é de suma importância que se “registre tudo em diário de campo, pois não podemos adivinhar o que realmente se vai precisar”.

Assim registro, aqui, uma citação do meu diário: *Sinto que todas as informações são importantes, mas como não perder nenhuma? Olho e vejo várias histórias, várias possibilidades de significação etc ... (12.04.2002).*

Pude perceber outros tipos de significação social para o grupo que lida com a atividade mais burocrática da visita. Para a assistente social a visita, é vista com uma obrigação, fazer toda a anamnese da vida de duas pessoas, ser responsável por alguma informação que passe despercebida, antes que possam dispor do benefício, além de observar como anda o comportamento da postulante é uma responsabilidade.

Para os oficiais da lei, como eles mesmo colocam é “*um saco*”, pois para eles *bandido não tem direito de fazer sexo*, colocando assim suas pré-construções em exercício. Podemos perceber na fala de algumas mulheres quando relatam experiências vividas quando da visita, principalmente íntima. Revelam serem bastante humilhadas. Na fala de um dos soldados podemos perceber este estigma: *Direitos de preso não existe, direitos humanos é coisa para se falar na TV.*

As agentes penitenciárias dividem-se entre aquelas que mantêm o mesmo pensamento dos (as) policiais e aquelas que exprimem uma “mente mais aberta”, com uma visão mais justa, que percebe a mulher como um ser que tem os mesmos direitos que os homens, pois desde a década de 1930, eles recebem este benefício, além de afirmar que todos necessitam exercer a sua sexualidade.

Assim, a cada observação, entrevista ou conversa informal, fui montando uma rede com todas as relações existentes entre os grupos, dispostos entre mulheres encarceradas, direção, funcionários, operadores do jurídico, homens da lei, companheiros e parentes. Diante da análise, considero ser necessária a interação com os métodos e o seu valor de análise.

Realizo uma análise que possibilite certo exercício de abstração entre a importância da visita íntima e a realidade social em que está inserido, trabalhando com as representações sociais, as diversas relações sociais, amorosas, íntimas e de conflito das mulheres que se encontram no interior de uma prisão. Como revelar um conteúdo pertinente que possa produzir além do meu interesse, o do leitor? Estes são pontos básicos. Magnani(1998) ressalta, também, que na construção de seu objeto, utilizou o conceito da verossimilhança, priorizando não somente a análise do discurso, mas entre as relações existentes entre comunidade-lazer-circo, constituindo assim o problema teórico. O autor mostrou, também, a importância de buscarmos as referências culturais do grupo a ser trabalhado.

Durante as visitas ao presídio pude perceber uma realidade construída de forma diferenciada. Como se pode ver, a visita íntima assume várias possibilidades de compreensão. Cada grupo tem a sua verdade e discutir sobre isto causa animosidade entre os campos citados. Assim, o conflito³⁸ pode ser percebido através do micro e macro relações que ocorrem dentro do espaço da prisão, como fenômeno marcado por uma série de situações ligadas à opressão e ao poder do Estado. As mulheres detentas expressam em sua fala um ar de tristeza e descontentamento em relação à sua família, condição e realidade social. Esta situação marca a complexidade das relações que marcam o cotidiano do cárcere, sendo um local da diferença, do heterogêneo, refletido em diferentes modos de pensar, fragmentados.

Segundo Magnani(1998), a pergunta chave que movimenta o processo de construção da pesquisa possibilita duas funções: a de exercer um distanciamento epistemológico e o da dúvida sistemática. Ao meu ver, são pontos centrais apreendidos para o exercício da pesquisa.

Pude, assim, usufruir destas leituras, montado uma estratégia de percepção. Como a visita íntima é vista ambigualmente entre os grupos que se encontram ligados,

³⁸Cf. SIMMEL(1995) sobre a importância da categoria conflito nos processos de socialização, um dos fundamentos teóricos desta análise.

de certa forma, com o mundo do cárcere, relacionei cada expressão de significação para poder interpretar fidedignamente os fatos.

O fundamental entre os autores expostos é que trabalham com uma pluralidade de posições, produzindo uma percepção mais profunda no leitor, para que ele possa tomar suas próprias definições, construindo assim as categorias diante da realidade apreendida. Isto reflete um poder de observação e descrição extremamente apurados revelando em nenhum momento desqualificação para a profissão do pesquisador.

Na verdade, este exercício não se mostra delimitado pela sua facilidade, mas por sua complexidade que deverá ser trabalhada a partir de um olhar mais sensível, convertido, buscando a construção do objeto científico e os fundamentos sobre teoria-empíria. Para uma melhor adequação desta estratégia metodológica, utilizo como elementos de análise leituras que possam trabalhar bases teóricas sobre a condição feminina, a contextualização da mulher encarcerada, a prisão, a questão de gênero, a família, a sexualidade, a violência, o poder, entre outras categorias que possam iluminar a análise.

A fonte principal de pesquisa foi, portanto, as entrevistas abertas, que possibilitam às mulheres presas revelarem, através dos relatos dos fatos que marcaram a sua vida, suas representações e sua trajetória até chegar ao mundo do cárcere, demonstrando como suas relações são construídas, mantidas e rompidas com o companheiro, com a família, filhos e sua própria sexualidade. Outros agentes sociais foram entrevistados para definir o cotidiano do presídio, tais como: os profissionais da administração (diretora, subdiretora, agentes penitenciários, coordenadora das agentes penitenciárias) e os profissionais do campo jurídico (defensores públicos, juízes e promotores). Outras fontes levantadas foram os dados documentais do Presídio Feminino e dos processos criminais no âmbito do Judiciário. Tudo isso relacionados à coleta e análise dos dados hemerográficos, reportagens dos principais jornais locais e do País.

CAPÍTULO II

Mulheres e suas famílias - Quem são os personagens desta realidade?

Canção Suspirada (Cecília Meireles)

*Por que desejar libertar-me,
se é tão bom não ver o teu rosto,
se ando em meu sonho como, num rio,
alguém que é feliz e está morto?*

*Por que pensar em qualquer coisa,
Se tudo está sobre a minha alma:
Vento, flores, águas, estrelas,
E músicas de noite e albas?*

*Nos céus em sombras, há fontes mansas
que em silêncio e esquecida bebo.
Fluí o destino em minha boca
E a eternidade entre os meus dedos...*

*Por que fazer o menor gesto,
se nada sei, se nada sofro,
se estou perdida em mim, tão perdida
como o som da voz no seu sopro?*

Para falarmos das mulheres encarceradas, precisamos observar a situação de cada uma delas, como ressalta Almeida(2001). A maioria dos casos estudados pela

pesquisadora demonstra que os crimes contam a história de mulheres que refletem o perfil de milhares de detentas que fazem parte do sistema prisional brasileiro. Percebo relações com o delito, mas, sobretudo estas mulheres interagem com a família – (mãe, pai e filhos) marido/companheiro. Há de se evocar o fato de essas relações não estarem desvinculadas das relações sociais com uma coletividade (vizinhos, amigos, grupos desconhecidos), enfim, relações que concretizam a vida em sociedade.

Posso perceber a partir deste perfil que a maioria das mulheres que está no presídio feminino faz parte das classes populares, demonstrando as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, com escolaridade baixa e/ou analfabetas, muitas encontram-se dentro da categoria de doméstica(do lar). Almeida verificou que a categoria doméstica insere-se no contexto feminino não a partir das relações de trabalho,

(...) mas do tipo de atividade que é desenvolvido pela mulher em estudo e dos valores estabelecidos, criados e recriados a partir dessas atividades que envolvem alto grau de dependência aos atributos considerados como propriamente femininos: Doméstica dadas às prendas do lar(2001, 31).

Estas mulheres, mesmo inseridas no contexto doméstico, espaço de certa invisibilidade, expõem-se através das práticas ilícitas, participando do mundo do crime, que é considerado uma ação social, portanto pertence ao espaço público. Ao cometer um crime, estas mulheres sabem que violaram leis e normas que regulam a sociedade, e que poderão ser presas. Portanto, de certa forma, rompem com o “mundo de fora, o mundo da liberdade”. Com sua prisão, temem a perda dos vínculos familiares, a distorção de valores e o amortecimento das relações, em especial, com o companheiro que, muitas vezes, tendem a se fragilizar e a se decompor, ou criar novas formas de envolvimento.

Tenho muito medo de perder meu homem, de meus filhos se esquecerem de mim. Minha outra família [referindo-se aos pais e irmãos], acho que já esqueceram de mim... (Relato de uma presidiária).

Na realidade, a família da mulher presa enfrenta situações penosas diante da realidade sócio-econômica do casal. A lei acaba por alimentar uma estrutura excludente que denigre e interfere na identidade do casal, dos filhos, da família, construindo identidades fragilizadas que, sem escolha, optam, na maioria das vezes, por fazer parte do mundo considerado negativo, fora da estrutura normalizadora. No entanto, percebe-se também, que há, neste universo, crianças e adolescentes que superam o estigma da privação de liberdade dos pais, conseguindo quebrar este ciclo de violência simbólica.

Talvez as famílias das mulheres presas não estejam inseridas num contexto normativo, que se fundamenta numa realidade padronizada de convivência social. Contudo, estes padrões a cada dia estão se diferenciando. Sempre me perguntei como ficavam aquelas famílias que se separavam por problemas de ordem econômica, social ou pelo cometimento de delitos contra a vida e bens materiais. Casos em que as relações familiares são balançadas e até destruídas por uma série de fatos ligados a delitos cometidos tanto pelos pais, como pelas mães e até pelos filhos e filhas destes casais.

As mulheres detentas, em sua maioria, são excluídas dos direitos básicos como moradia, saúde, alimentação e educação. Estes direitos tornam-se quase sempre sem alcance. Além disso, é bom lembrar que a noção de direitos ainda tem forte relação com as classes sociais. Estando ambos carregados das concepções masculinas, faltando uma conotação mais visível para as relações de gênero. É, portanto, mais uma forma de excluir as mulheres. É importante analisar que a mulher parece está excluída, mas, hoje, as atividades que executa revelam uma inserção contundente no mercado de trabalho. Tais atividades são consideradas menos valorizadas que as masculinas. No mundo econômico as relações demonstram a desigualdade que existe na distribuição de posições entre homens e mulheres, revelando um descompasso entre a valorização social e as atividades implementadas.

No Encontro “A mulher no Sistema Carcerário”, realizado em São Paulo, em setembro de 2001³⁹, apontou-se de forma incisiva a situação de exclusão da mulher presa, agravada não só por seu perfil biográfico-social, mas também pelo tratamento que o aparelho jurídico-penal lhe confere, acentuando-se sua discriminação no interior do sistema carcerário que desatende continuamente seu direito à saúde, seus direitos sexuais e reprodutivos (especialmente à expressão de afetividade e sexualidade), a preservação do seu núcleo familiar, entre outros. Assim, este encontro reviu de forma crítica a posição da encarcerada, sendo uma reflexão sobre a situação de desinteresse pelo Estado Federativo e dos Estados como um todo diante da questão da mulher presa. Diante de tais colocações, pode-se perceber que a noção de direito sobressai além de formas de atendimento, mas busca que a mulher presa possa repensar sua condição social, jurídica, em busca da ressocialização, podendo manter os vínculos sociais na condição de mulher, mãe, e sujeito pleno de desejos podendo expressá-los sem medo de ser coagida.

Desta maneira, as mulheres presas criam estratégias de sobrevivência para si e para sua família, seja através de novas formas de trabalho economicamente desvalorizadas⁴⁰ que possibilitam a manutenção, mesmo precária da estrutura familiar, seja através de ações ilícitas, como o tráfico de drogas, o roubo e o estelionato⁴¹, respondendo às suas necessidades e de manutenção da família. O delito parece, assim, ter o significado de um comportamento que é regido pela necessidade de assegurar sua sobrevivência, organizando o espaço em relação ao mundo do crime e das situações de conflito entre justiça/delito. As condições que o homem e a mulher encontram para garantir sua sobrevivência buscam outras práticas para a manutenção da estrutura de sobrevivência econômica, encaminhando-lhes para a criminalidade, a fim de obterem

³⁹O Encontro ocorreu com a participação de diversas entidades ligadas a problemática da mulher encarcerada, entre eles podemos citar: A Associação Juízes para Democracia, O Coletivo para Liberdade e Reinserção Social – COLIBRI, o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania – ITTC e a Ordem dos Advogados, Comissão de Direitos Humanos e representantes da Unidade Federativa. Entre as entidades relacionadas, tive a oportunidade de entrevistar pessoas valiosas para o desenrolar da pesquisa, como: juízes, advogados e representantes do COLIBRI.

⁴⁰Como mercado informal, além de atividades formais que são desvalorizadas, também, como empregada Doméstica, mulheres que trabalham em fábricas, diaristas, babás, cozinheiras.

⁴¹Segundo dados do presídio feminino, estes são os ilícitos mais cometidos pelas mulheres.

melhores condições financeiras. Percorrem uma “via de mão dupla”, pois lidam com a insegurança e o medo de ser presos e penalizados diante das práticas ilícitas, embora sejam movidos pela necessidade de realizá-las.

Outros aspectos marcantes no presídio feminino são o consumo e o tráfico de drogas.⁴² Um dado representativo sobre o perfil das internas deste Presídio é que, do universo de mulheres que lá se encontra, 64% estão sentenciadas, cumprindo pena pelo art.12 da Lei 6368/76 de 21 de dezembro de 1976 da Lei de Tóxicos⁴³. A outra parte representativa de internas tem como delito o furto (art. 155). Algumas delas estão cumprindo pena, tanto pelo art. 12, como pelo 155. Encontrei numa fração limitada, crimes de latrocínio (art. 157) e homicídio (art. 121), todos os artigos do Código Penal Brasileiro. Em relação a esta realidade, existe uma diferenciação simbólica em relação aos delitos cometidos pelas mulheres como demonstra o relato:

... o crime é quando você mata, ou mata de revólver, faca aí já é crime mais roubo não é crime, não acho que não seja crime. Há uma separação. Olha esse exemplo, há uma mocinha, que ela fez um gato, pra eles é um crime aquilo. Ela tá presa aqui, ela tá presa aqui porque ela puxou, ela roubou energia fez um gato, ai entregaram ela, na coelce, é coelce aquele negócio de eletricidade coelce e trouxeram a criatura pra cá, por causa de roubo de energia, tá presa lá dentro. Só Deus sabe, que ela não tem dinheiro pra pagar um advogado, diz que nem banco pra se sentar ela tinha. Banquinho, pra sentar, cadeira a pobre não tem. É porque ela pediu uma pessoa pra puxar um gato pra casa dela, que ela pagava essa pessoa, só que ela não teve o dinheiro pra pagar a pessoa que fez o serviço, ai começou a briga no meio da rua, ai chamaram a polícia, a polícia veio levou todos dois em cana. Mas, já o tráfico pra mim é crime, é porque eles já se drogam pra matar né, pra roubar,

⁴²Em conversa com a diretora, com funcionários do Presídio e com a defensora da Vara de Tóxicos do Ministério da Justiça do Estado do Ceará, ouvi relatos de que os principais fatores que levam a mulher a ser presa por tráfico, é o envolvimento que a mesma tem anteriormente com o companheiro, o qual é preso em flagrante delito. Ela assume a atividade na ausência do companheiro, ou quando, por ocasião da visita concedida semanalmente, é flagrada portando algumas gramas de tóxicos, no caso, maconha, tanto para venda como para consumo do companheiro.

⁴³ Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica. Dados colhidos do Relatório de Movimentação Interna do Presídio Feminino, do mês de setembro de 2000, que é atualizado mensalmente, devido a uma grande rotatividade.

assaltar casa e matar. Matam, maioria dos casos tem a droga no meio... (Aux. de enfermagem /Profissional do Presídio Auri Moura Costa)

Em entrevista, com a promotora responsável pela Vara de Tóxicos em Fortaleza-CE percebe-se que a grande maioria entra no mundo da criminalidade pela porta do tráfico. Encontrei no presídio três gerações de uma mesma família, sem falar do pai que havia sido o primeiro a ser preso, depois a mãe em seguida a sogra e por último a filha mais velha do casal. Os dados e casos como estes demonstram que há um emaranhado delimitado com base em uma só vertente que tem haver com o campo econômico, ou seja, a relação com a desigualdade social conferindo uma ação ilícita voltada para a busca da sobrevivência, dado a fatores como a pobreza e a exclusão social e como coloca a promotora: *Essas pessoas encontram no tráfico uma forma sedutora de ganhar rapidamente uma boa quantidade de dinheiro.*

Neste sentido, veremos que a ação da promotora será de equiparar a ação do grande e do pequeno traficante seja ele homem ou mulher, na verdade os dois estão fazendo a droga circular, e isto será entendido, pela operadora do jurídico, como base para uma condenação. Vejamos pelo relato da promotora:

Não, eu digo eu tô completando os 8 anos, eu tô falando assim que eu tô completando agora dia 10 de outubro 8 anos, então ao completar os 8 anos eu saio com a sensação de que... Cada caso pra mim foi um caso, e não só mais um caso e que eu procurei, dentro daquele caso buscar a verdade, esmiuçar toda prova pra que não se cometesse uma injustiça. A tranquilidade que eu sinto é essa agora os conflitos entre as questões sociais a falta de emprego, a deteriorização da família, isso aí também pesou muito, o tráfico como um todo, o que é o tráfico em si? É a circulação da droga, a gente tem uma tendência a considerar o traficante, aquele da grande quantidade de droga tá me entendendo, e quando é um mercador da pequena quantidade a gente diz: não, é um pobre coitado, é uma tendência natural, só que tanto o grande quanto o pequenininho, eles estão circulando a droga, eles estão fazendo o mesmo mal, principalmente que no dia de hoje o grande mercador de drogas, aquele que normalmente, chamado traficante, ele já nem pega mais na droga. Ele só faz administrar o negócio e é preciso que outros também traficantes quanto ele, porque vão dá cabo a circulação da droga, se encarregam da

disseminação, da entrega às pessoas, então isso aí também foi o motivo de conflito pra mim nesses 8 anos, porque me revoltava, o grande, geralmente, ele não era apanhado, não pega, não tem contato com a droga, então o que a gente tinha e que eu me revoltava na época e que hoje não me revolto mais tá entendendo, é que só era apanhado o pequeno, o pé de chinelo sabe e eu me questionava, será que a justiça é essa tá entendendo? Até que consegui captar a essência da lei tá entendendo? Todos, ou o grande ou o pequeno, tá me entendendo? ambos contribui pra disseminação das drogas, porque lá na periferia, lá no morro, quem tá jogando drogas pra aquela juventude, pra aqueles meninos, porque tem criança com 8 anos de idade, tá entendendo? Quem tá entregando ali na mão daquele meninozinho lá na favelinha é o pequenininho, aquele que a gente por uma tendência natural vem a chamar de pobre coitado que não é tão pobre coitado porque ele age conscientemente, a comercialização que ele faz da droga é consciente, ele vende, ele recebe, então ele tá pra mim no mesmo patamar do grande traficante, só que a gente por uma questão de, levando em conta essa questão social, pobre o discriminado, não sei que a gente tenta vê-lo como uma vítima da disparidade social, mas que não é assim, ele é consciente do mal que ele tá fazendo, então tanto quanto o outro ele é responsável pelo tráfico, ele está fazendo mal pra sociedade né.

Este depoimento revela como é complexa a ação da justiça em julgar o delito das mulheres quando estão envolvidas com o tráfico. Na fala da entrevistada, pode-se perceber o quanto a lei privilegia alguns e pune outros. O presídio tem uma estatística elevada de mulheres que foram presas por estarem envolvidas com o tráfico, mas no entanto, a figura que administra, que tem o dinheiro, que direciona as ações nunca é pego pela polícia. Interessante perceber a fragilidade das ações tanto policiais como jurídicas. Qual será a causa?

Outro ponto será as redes do tráfico, a promotora insere as duas figuras “pequenas e o grande” no mesmo patamar, usando assim o princípio da isonomia. No entanto, é interessante perceber que a isonomia será usada em ações de cunho trabalhista. Percebe-se que o princípio da equidade seria mais coerente, tratam de forma desigual, pessoas com ações desiguais, contudo, o juiz e o promotor têm plenos direitos sobre a pena.

No relato é significativa a expressão, na qual a operadora faz da realidade destas mulheres. Em sua opinião a “culpa” está na sedução e na acomodação que as drogas refletem no imaginário destas mulheres, comparando assim o envolvimento masculino e feminino:

A grande maioria era homem traficando mas hoje não, eu sinto que o número de mulheres está aumentando a cada dia que passa e se buscar por que, que a mulher tá se envolvendo, talvez eu lhe dê uma resposta, que você não tá nem achando possível, digo, eu acho que é acomodação, porque hoje você ver uma mocinha aqui, ela não quer ser empregada de família, pra ela é mais cômodo se arriscar a vender drogas, mas tem o dia dela livre, tá me entendendo, é como já aconteceu, lucro, porque é lucrativo a venda de droga, se você for ver que a pessoa vai trabalhar numa casa de família, 30 dias pra receber 1 salário, uma traficante em poucos, em menos de uma semana, dependendo da clientela ela, já tirou esse 30 dias de trabalho, sem ter suado, sem ter cansado.

O risco para a promotora não é tido como um valor a ser considerado, para as mulheres a facilidade em conseguir dinheiro compensa a ação ilícita. A inversão de valores será analisada pela entrevistada comparando o trabalho de uma doméstica e a ação de uma mulher envolvida no tráfico demonstrando, assim, que a primeira sofre para realizar o seu trabalho, enquanto a segunda não. Vejamos:

Se arriscou, mas não e cansou, não suou, então há uma inversão de valores, aqui já teve um caso de uma senhora, inclusive grávida, 1 hora da tarde, debaixo de uma mangueira numa mesa tomando cerveja com as amigas e a maconha numa sacolinha aqui no colo, tá me entendendo, tu já viste coisa mais agradável pra ganhar dinheiro, tomando cerveja 1 hora da tarde debaixo de uma árvore, só repassando a droga, então eu vejo isso, a mulher, tanto quanto o homem, há uma reclamação da falta do emprego, eu não sei se isso é o que realmente lança essas pessoas no tráfico, tá me entendendo? Se for é uma coisa que tá fora da minha ossada, seria uma questão social, uma política governamental, tá me entendendo? Mas o que eu tenho visto muito aqui é essa acomodação.

O relato da promotora revela uma ação delimitada pelo senso comum, a mulher deverá se portar dentro dos padrões estabelecidos. Foge desse padrão por ser mulher, grávida, trafica e ainda não soa para ganhar seu dinheiro. O valor do engajamento no trabalho legalizado terá um peso avaliado, mas ser mulher e está esperando um filho é supervalorizado pela promotora, como aquele espaço não pudesse ser ocupado por uma pessoa do sexo feminino.

Ao ser indagada sobre o perfil da mulher presa revelou que não tem um padrão constante, entre “novas e velhas”, o que se encontra é um perfil que engloba mulheres das mais diferentes idades, mas algo que será decisivo é a pouca escolaridade e a condição social desprivilegiada, além de várias serem chefes de suas famílias. Esses dados serão confirmados com a estatística fornecida pelo próprio presídio.

Não tem mais um padrão, é da menina novinha, da mulher da meia idade até as vovós, aí onde eu te digo: é a sedução do dinheiro fácil, embora que perigoso, mas eu vou arriscar sabe, então a situação que eu vejo é caótica é essa.

Com isso, podemos remeter ao pensamento de Velho (1985), que, ao analisar o comportamento desviante, faz referência ao conceito de *anomia* formulado por Merton (1967), ao perceber que uma pessoa concreta pode, mesmo sem pertencer a um sistema social anômico, ter características desviantes. Mas, por outro lado, a desorganização de normas e valores vai fazer com que o ambiente social seja favorável ao aparecimento de indivíduos anômicos.

Pode-se entender por “*anomia*” de um sistema social quando indicado pelo *grau de falta de acordo a respeito das normas que se julgam legítimas, com sua concomitante incerteza e insegurança nas relações sociais* (Merton, 1967). O mesmo autor irá refletir sobre comportamento desviante, de outro ponto de vista. Para ele, não se trata somente de algo que ameaça a existência da sociedade, mas pode ter um caráter inovador podendo trazer respostas a um determinado sistema. “O desviante de hoje pode ser o herói civilizador de amanhã ”.(Vellho, 1989, p.14). Enquanto algumas mulheres estão inseridas no papel da mulher submissa e sexo frágil, outras delimitam novas formas de ação para delimitar seu espaço e sua sobrevivência. Entretanto, o relato da promotora incide somente na regulação da norma e na aplicabilidade da pena,

esquecendo outros pontos cruciais como o fator sócio-econômico, o valor simbólico e a perspectiva feminina na ação relatada.

Não podemos, assim, deixar de perceber a presença de inúmeras mulheres presas que se iniciaram no crime após a experiência de terem ficado sozinhas, devido o abandono de seu companheiro ou elas mesmas tê-lo posto para fora de casa. Passaram a assumir sozinhas as responsabilidades de sua casa, de seus filhos, tornando-se, assim, o “chefe da casa”. Vejamos o depoimento:

O que eu sinto, eu não tenho quadros estatísticos sabe, eu tenho pavor a número, ele sempre tem o poder de me apavorar, quando eu pego algum número sobre drogas, circulação de drogas, eu, eu não quero crer que depois de tanto ter trabalhado, eles continuam aumentando, tenho uma rejeição a números, tá me entendendo? Sabe, eu tenho uma certa rejeição a números é tanto que eu não tenho nenhuma base estatística, o que eu entendo é que a mulher, anteriormente ela tinha uma certa, ela se policiava mais, talvez por medo das conseqüências, tá me entendendo? Tem não, esse negócio de sexo frágil. Não, ela hoje tá ativa, ela toma decisões, já teve situações aqui de marido e mulher ser preso e no final da inspeção ficar provado sem nenhuma dúvida que quem era a chefia era a mulher e o homem não. Lembro, lembro, estás me entendendo? Então não existe isso na criminalidade, não existe a mulher quando ela parte. Não eu não vejo mais a mulher assim sabe, eu acho que hoje a mulher, ela está sabendo o que é que ela faz, tá me entendendo? O que ela quer e ela tem total capacidade de ocupar. Como todos, como ser humano, homem, mulher, todos no mesmo patamar é uma questão de opção, quando eu falei na questão do trabalho digno na casa de família, ela rejeita a idéia porque prefere a facilidade, tá me entendendo, agora também eu faço questão de frisar que o tráfico em determinadas circunstâncias, ele passa a ser uma verdadeira profissão, é uma profissão que se transmite de geração a geração, nós temos casos aqui que a avó era traficante, tá me entendendo, aquilo se tornou algo comum, eu tenho muito medo da banalização dos crimes, no momento que a todo custo o legislador, tentando aliviar as cargas nas penitenciárias né, ele passou de uns tempos pra cá a tudo considerar crime de menor potencial ofensivo, tá me entendendo, como se você pudesse valorar o quê que é mais grave, o quê que é, não sabe se fulano faz isso daqui não dá em nada, se isso não vai estimulá-lo a praticar outros crimes(Promotora de Justiça – Vara de tóxicos).

Cada vez mais as mulheres vêm participando e até liderando atos ilícitos, como um caminho para adquirir bens de consumo e também para alcançar algum reconhecimento social. A construção destas estratégias ilegais de sobrevivência reflete as condições sociais encontradas na maioria dos bairros de periferia das grandes cidades, e do País. O trabalho se modificou não somente de forma lícita para ilícita, mas, sobretudo, a abertura para um mercado informal. Podemos aprofundar esta temática, baseada em Almeida (2000), ao tomar o depoimento abaixo de uma de suas entrevistadas:

...Quando eu entrei no mundo das drogas foi por que eu estava sem dinheiro, meu marido tinha me deixado e eu com filho pequeno sem dá o que de comê, é muito triste... Do meu primeiro dinheiro eu comprei uma geladeira, lá pra casa...
(Mulher condenada por tráfico)

Para Raquel Soihet (1997), esta realidade reflete a falta de condições de vida nas relações familiares das classes populares, demonstrando um contexto social e econômico que dita os papéis sexuais: aos homens, a tarefa de sustentar a família, pelo trabalho; às mulheres, o papel de donas de casa. Os homens das classes populares, não conseguindo assumir a sua função de “provedor da família”, por conta de um contexto sócio - econômico injusto esvazia sua revolta no “lar”, torturando suas companheiras, sendo alvo também de agressões, coerção e abusos físicos e psicológicos. Tais ações entram em choque com a nova maneira de a mulher ver o seu espaço e sua vida. Várias se acomodam a tal realidade, outras, no entanto, rebelam-se e enfrentam tais diferenças.

O mundo do crime é um espaço naturalizado como dos homens, os valores masculinos estão mais ressaltados que os femininos. No entanto, a história de vida de várias mulheres é marcada por situações que demonstram uma estreita relação com a contravenção. Mesmo assim, o lugar masculino é a peça central de toda esta realidade.

Cesare Lombroso, médico italiano e nome conceituado da criminologia no século XIX, com bases nos pressupostos da medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, predomínio das faculdades

afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação materna. Em oposição conjugava à força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios (Soihet, 1997:363).

As características ditas femininas são instrumentos de submissão encontrados para subjugar ainda mais o sexo feminino, no entanto, é importante refletir que, no mundo do crime, ou no mundo jurídico, esta leitura existiu por muito tempo, que demonstra não só um pensamento etnocêntrico, mas sexista.

A valorização do universo masculino acaba por criar um forte apelo às situações em que a mulher coloca-se de forma passiva, ou enfrenta tal situação, inserindo-se nas diferentes relações existentes no mundo do crime. Esta por sua vez, procura de certa forma, interagir com sua realidade de mulher presa, de mulher do preso e com sua família, passando por necessidades em uma posição de miséria, diante da falta de condições financeiras, educacionais e até mesmo em relação à estrutura carcerária, que além de não recuperar o preso e a presa, não detém sua re-inserção em crimes, às vezes piores que os cometidos anteriormente. Tal realidade fabrica relações que afetam psicológica e estruturalmente a vida da mulher, através de uma auto-estima baixa, falta de oportunidades que possibilitem a recuperação do preso e da presa, além de surgir vários casos nos quais sua família acaba envolvendo-se no mundo do crime.

Segundo relatório do Presídio Feminino, das 217 mulheres detidas, 80 já foram indiciadas, aguardam julgamento para os próximos meses e 90 foram julgadas. Sobre a situação carcerária das internas julgadas, 25 mulheres são primárias e 32 são reincidentes, tendo um período de reclusão médio de 03 a 30 anos, dos quais o tempo previsto para a maioria é de 04 a 06 anos e recém nascido a 03 anos. As mulheres naturais de Fortaleza perfazem 58% das internas; da região metropolitana encontram-se 3%, do interior do Ceará são 25%, outros estados somam 12% e do exterior 2%. A profissão da maioria das internas é “do lar”, perfazendo um percentual de 51%, aparecendo em segundo lugar mulheres sem profissão definida e em terceiro, vendedoras ambulantes. De acordo com o nível de instrução das mulheres detidas, 45% tem o ensino fundamental incompleto, 34 % são analfabetas e 20% são alfabetizadas. O restante encontra-se dividido entre o Ensino fundamental completo, nível médio

incompleto e nível médio completo. Sobre o estado civil, a maioria é solteira, sendo 49%⁴⁴, 11% são casadas, 34% estão juntas, 3% estão separadas e 5% são viúvas.

Nesta perspectiva, a presença da mulher no presídio representa uma parte da população que está inserida diretamente numa estrutura de violência na qual se articula a exclusão de seus direitos e violação dos padrões da sociedade em que vive. Paralelamente a esta realidade percebo formulações e significados diversos colocados sobre a mulher fora do universo violento, como sexo frágil e recatado. Contudo, podemos caracterizá-las como pessoas que constroem outras estratégias de ação indo além das relações pacíficas do cotidiano.

Neste contexto, compreendo o ser feminino tanto configurado como “mulher passiva”, diante do universo das relações de gênero, como também “mulher ativa” na perspectiva de sua sobrevivência e de sua família. Na minha pesquisa “Meninas Mulheres: Histórias de Violência no Contexto da Rua”, realizada com adolescentes que viviam na rua, descobri um universo feminino inserido em situações de violência, ou seja, através da dimensão violenta, é possível perceber representações de positividade e de negatividade em cada ação compreendida.

Na perspectiva positiva, visualizei a construção de individualidades por uma identidade reforçada, mesmo que seja pela ação violenta. A formação da identidade individual de cada adolescente perpassa de alguma forma por uma reação violenta, que se fundamenta na construção de táticas e mecanismos de superação de seu próprio “eu”. Na perspectiva da destruição/negação da vida, o caráter destrutivo também está presente nestas ações e reações, que se refletem na luta do espaço na rua, nas relações de gênero e do cometimento de infrações graves, chegando algumas vezes à morte⁴⁵.

⁴⁴Contudo, em conversa com funcionárias do presídio pode-se constatar que uma grande parte deste universo tinha um companheiro, o qual após vê-la presa terminou a relação.

⁴⁵Durante o trabalho de campo encontrei dez meninas que passaram pelos Centros de Ressocialização, Abrigos, e Albergue em Fortaleza.

Partindo do que foi exposto acima, é possível afirmar que a mulher encarcerada, hoje, saiu de um espaço velado, mas vive na tensão entre a submissão, a subjugação e a afirmação de ser mulher, lançando-se para outras formas de atuação. Mesmo que às vezes não tenha consciência disso, veremos através do percurso de mulheres que romperam com a estrutura de subjugação e ocupa hoje outro espaço social, afirmando-se como mulher, mãe e sujeito de sua história.

MULHERES QUE CONTAM SUAS HISTÓRIAS ⁴⁶...

A mulher tem a habilidade de superpor variados aspectos em sua personalidade, sendo uma característica feminina. Podemos perceber que a mulher é traço cultuado desde tempos primordiais na figura da Deusa-Mãe⁴⁷, que se configurou nas antigas civilizações. A cada grupo, e a cada região, essa mulher recebia nomes diferentes.

Há mais ou menos 5.000 anos, através da lógica racional masculina, o princípio da Deusa - Mãe foi sendo desmembrado e suas qualidades atribuídas a diferentes deusas. Segundo a mitologia grega, a cada papel assumido socialmente, como através de uma atitude independente, a mulher está sendo regida por Ártemis, a Deusa da natureza e da vida selvagem, ou de Atena, a deusa da civilização e da cultura. Quando ela age sensualmente e a paixão fala mais alto está em companhia de Afrodite. Ao expressar seu poder pessoal e fazer de maneira pública esse poder, busca Hera; ou se optar por uma atitude maternal, protetora, manifesta Deméter; mas se ficar influenciada por uma atitude tênue dos mundos invisíveis - os labirintos da mitologia - então age como Perséfone.

⁴⁶Para refletir, apresentarei a história de cinco mulheres que apesar da situação de prisão mostraram-se abertas a falar sobre suas vidas, seus dilemas, expectativas, sonhos, medos, e, sobretudo a questão da visita íntima...

⁴⁷Categoria atribuída a mãe natureza, representada na figura de Isis.

Dentro de cada mulher existirá características que, para alguns, serão aspectos de uma personalidade e, para outros, traços herdados da Deusa-Mãe, que sobrevivem entre as mais variadas civilizações. Para dar expressão à multiplicidade do feminino lanço mão da mitologia grega, buscando assim trabalhar com os mais variados traços das mulheres que, de certa forma, também fazem parte deste universo.

A cada elemento trazido pelas mulheres encarceradas, procurei observar características semelhantes a cada deusa. A história de cada mulher será construída, aqui, relacionando realidade com os mitos presentes há milênios nas histórias contadas de geração a geração.

As mais variadas histórias que conheci no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, reportaram-me à mulher que será construída como uma da Deusa-mãe, simbolizando aquela que carrega dentro de si o ciclo do tempo, mesmo que tenha se envolvido com o mundo do crime. Mesmo assim o ciclo da vida não para, apesar de algumas mulheres relatarem que o “tempo se arrasta pelos dias de prisão”. Veremos que acontecimentos se darão sob o tempo tido em ciclos: tempo de nascer, tempo de morrer. A vida se confunde com a morte. A mulher é gestora deste tempo na medida em que tem o poder de organizar os ciclos da vida. Ao gestar dentro de si outra vida, não somente um feto, mas transformações de si mesmas, mulheres que experimentaram novas vivências que transformaram seus destinos, acreditando que podem mudar. Falo de uma natureza feminina que para alguns é totalmente desconhecida. Mas que se revela no dia-a-dia, mulheres que saem do mundo frágil e submisso e mostram-se como indivíduos fortes que sabem o que quer mesmo que para isso sua liberdade vá junto. O instinto fala alto, o que é ser mulher, ser feminino, materno e afetivo, características impostas que revelam uma contradição da situação da mulher, hoje.

Os ciclos serão expressos entre vida, morte e vida. Histórias que se confundem com muitas outras. Mulheres que se parecem pelo rosto, pela vontade de amar e morrer. Sabem, porém, que se deixar de viver não poderá despertar para um novo rumo. Algumas mulheres relataram morrer e viver dentro do mundo da prisão. A cada trecho

relatado percebi mulheres que sofriam com suas dores, mas agarravam a pedacinhos de alegrias, que se misturam com tristezas e agonias. Falo aqui de Ártemis, Atena, Deméter, Afrodite, Hera, Pérsefone... Todas que, de certa forma, expressam traços de uma personalidade forte, por mais simples que sejam. Mulheres que lutam por sua sobrevivência que, apesar dos caminhos trilhados, formam um coletivo que por muitas vezes é esquecido pela sociedade, por seus parentes, amigos e companheiros (as).

Assim, ressalto suas histórias, que expressaram suas idas e vindas dentro de um mundo desconhecido, mas a mim, curioso. Ao escrever sobre os “Amores Exilados de Mulheres que se encontram em Cárcere Privado” descobri histórias que parecem muito com o universo feminino. Percebi que a relação amorosa poderá se definir de acordo com a situação do momento. A mulher sofre por uma série de ausências que são concretas e simbólicas. Suas histórias serão pistas para desvelar a sexualidade de mulheres que se encontram no interior de uma Instituição Prisional. Meu ponto de partido é compreender como se dão as relações de intimidade entre companheiros e companheiras dentro do mundo do cárcere, observando as relações sociais, afetivas e de intimidade entre os envolvidos.

Iremos conhecer estas personagens que trazem em sua história relatos de suas vidas, que não poderão ser refletidos somente como histórias, mas expressões de um viver, entre o ser e a dor de estarem “fora do mundo da liberdade”...

HERA atraída pela natureza.

Conhecida pelos romanos como Juno, Hera é filha mais velha de Crono e Réia, irmã de Zeus, Deméter e Héstia. Era representada por um centro ornamentado por um cuco porque, como diz a lenda, Zeus, rei dos homens e dos deuses, transformou-se em um cuco para conquistar a irmã. E deu certo: Hera aconchegou o pássaro entre os seios. Então Zeus recobrou a forma original e a pediu em casamento. Essa primeira-dama ancestral participou de todas as honras do monarca supremo. Além do casamento, a deusa cuida da riqueza e do poder. Em toda esposa vive uma Hera....

Hera é uma mulher casada, de 26 anos, e mãe de três filhas, tem curso superior. A filha menor foi amamentada na prisão. Demonstra muita preocupação com a família (esposo e filhas), muito cuidadosa com sua cela, expressa vontade de estar com suas filhas. A pequena foi embora com seis meses e Hera nunca mais a viu. O pai considera muito pequena para trazê-la ao presídio. Como o mito, percebe-se nesta história a representação da mulher dedicada, prestimosa, traços da personalidade de Hera. Entre as mulheres pesquisadas, ela é a que possui melhores condições financeiras. Apesar de ser bibliotecária, não trabalhava para dedicar seu tempo ao cuidado de suas filhas. Pelo fato do seu marido ter estabilidade financeira, decidiram que ela não trabalharia, para não atrapalhar na educação das meninas.

A história de Hera é marcada aqui, a partir do assassinato da mãe adotiva, do qual foi julgada e condenada. Diz-se inocente, apesar dos autos do processo construir o fato criminoso. No dia do crime, sua mãe estava em casa sozinha, quando chegaram à porta dois jovens rapazes pedindo uma ajuda; como consta no processo, quando sua mãe abriu a porta, os dois adentraram e espancaram a senhora até a morte. O enigma do crime, para conduzir a investigação ou suspeitar da filha, foi que os mesmos não levaram nada da casa.

A senhora tinha condições financeiras estáveis. Com sua morte, as beneficiadas seriam suas duas filhas: uma filha de sangue e a outra adotada. Esta é Hera, que nunca se deu bem com sua mãe, mas o fato ocorreu e Hera foi a principal acusada por matar, ou melhor, mandar matar a própria mãe, sendo considerado um ato de extrema frieza. Mas foi a acusação levantada por sua irmã mais velha. O caso teve repercussão e ela acabou sendo condenada a dezesseis anos de prisão. Hoje com quase 1/6 da pena completada, revela que não. Sabe mais como será sua vida. É nossas várias conversas sempre disse ser inocente, levantava, sim, suspeita para com sua irmã. Ninguém, até hoje, confirma com certeza se realmente matou, por ter um temperamento calmo e fala mansa. As companheiras do Presídio relatam que ela seria incapaz de matar uma mosca. *Ela só fala das meninas e do marido. Como é que pode ter matado alguém.* (Ártemis⁴⁸)

⁴⁸ Ártemis, colega de Hera, terá sua história relatada aqui.

A saída de Hera do presídio, através de liberdade condicional, já deve ter concedida. Em nosso último contato, Hera explicou que sua advogada estava “dando um jeito” para “apressar os papéis” (como falam no presídio). Enquanto isso, o pensamento de Hera estava nas três filhas, como estavam sendo criadas pela avó paterna e sua cunhada; a menor não iria, mas reconhecê-la por ter sido tirada de com seis⁴⁹ meses, sentia-se insegura com tal situação. Zeus, seu marido, já não já não tratava como sua mulher, por isso sentia-se insegura e aflita com a situação na prisão. No início. Zeus vinha visitá-la todas as quartas e domingos, mas, com o passar do tempo “seu jeito” estava mudando. Não sabia como estava sua casa e suas coisas, seu marido e suas filhas. O fato de não estar em casa a deixava apreensiva. Em seu depoimento, revela sua inquietude;

Ele já não é o mesmo, agora traz as crianças e fica lá fora... Já não me beija, só sou a mãe das filhas dele. Ele sabe que não cometi esse crime horrível. Era a minha mãe, tudo isso foi uma armadilha (Hera).

Como seu casamento não estava mais da mesma forma, sugeriu manter encontros no Venustério⁵⁰, achava que poderia ser a saudade do encontro sexual, mas seu marido “não era como antes”, se opôs no mesmo instante, afirmando que não se sentiria bem com aquela situação. A resposta do esposo segundo Hera foi: *Não diga uma coisa dessas, só você para pensar nisso (Zeus)*.

Hera sentia que Zeus estava diferente, achava que com a sua prisão, algo tinha se quebrado, não existia o amor de antigamente. Revelou sentir-se abandonada, sem expectativa para retomar a relação. Ao ser indagada sobre o motivo da indiferença do marido, revelou sentir vontade de conversar com ele, mas sua impressão é que estava sendo traída, mas não sabia de nada. De acordo com o relato de uma funcionária do presídio constato:

⁴⁹A Lei de Execuções Penal garante que a mulher presa tem o direito de amamentar seu filho(a) até seis meses de vida, depois será levado do presídio (para a família ou para um caso de abrigo institucional, no caso da mãe não ter com quem deixar a criança).

⁵⁰Local onde as mulheres podem receber os seus companheiros, para poderem manter relações mais íntimas

Hera, o marido dela quase nem vem fica só mentindo, mentindo. Um rapaz bonito como o marido dela é, bonito, novo e tudo ela aqui dentro e ele lá fora tu acha que ele não tá com alguém tá. olha eu digo assim pra ela, mulher porque tu não faz a carteirinha do venustério, chama ele pra vir ela diz não ele não quer né Isa ele não quer, todo mundo que tem suas esposas aqui gosta e tudo faz a carteirinha e vai numa boa, ele é bonito o marido dela. Não eu só conheço ele aqui, eu não sei não, eu digo ele deve ter alguém quando ele vem aqui é difícil ele vir, quando ele vem ele fica aqui conversando bem rapidinho e vai embora. (Hera)

Hera revelou em que posição que se encontrava não se sentia confortável para indagar qualquer coisa, tinha medo de não mais vê suas filhas, assim decidiu não contrariá-lo e muito menos irritá-lo com o pedido de satisfação sobre a outra pessoa⁵¹.
(...) *Ele já está fazendo muito trazendo as crianças...* (Hera)

A mulher é um ser multifacetado, a dor e a sensação de abandono são persistentes, mas escolhe não causar mais sofrimento para si. Se falasse algo, não saberia a reação de Zeus. Ao entrar no sistema, percebeu que seus laços de amizade com o mundo de fora iria modificar-se. O primeiro fato observou da sua relação com seu marido, o casamento deteriorou-se, a cada dia que passava na prisão, a relação ia amortecendo.

O segundo fato ocorreu depois de sua prisão. As pessoas de seu convívio social - que pensava serem suas amigas - começaram a se distanciar. Algumas que no início da pena mostravam-se mais perto começaram a ficar distantes.

Depois, as relações dentro da prisão começaram a constituir-se, como tem nível superior, a diretora do presídio a deixou em cela separada, mas logo depois surgiu uma nova companheira. No entanto, as atividades realizadas no presídio refletem o

⁵¹Em conversa com a assistente social, revelou que o marido já estava mantendo relações com uma outra mulher, mas a profissional tinha pena de contar para Hera.

comportamento e o interesse das “meninas⁵². Logo de início, Hera começou a trabalhar como auxiliar da professora na sala de aula, mas percebeu que algumas presas sentiam raiva dela. Em seu relato, a antipatia se dava devido acharem que ela tinha o “nariz empinado”⁵³, e, assim, teria que tomar alguma providência para sua proteção.

Assim, montou um esquema de proteção. Conheceu algumas presas que não tinham vínculos familiares⁵⁴ e começou a proporcionar lanches e alguns agrados para as presas recém conhecidas, como biscoitos, sabonete, leite de rosas, material de higiene pessoal, criando assim, uma “salva – guarda” para si, através de um grupo de companheiras. *Ninguém mexe com ela, senão vai ter de se ver comigo responder comigo. (Ártemis).*

Contudo, a saudade de Zeus era grande. Mesmo com sua insistência, ele se mantinha contra a Visita Íntima. Até que um dia recebeu um telefonema que relatava o caso extraconjugal do marido. O sentimento de raiva e medo, ao mesmo tempo, começou a deixá-la extremamente ansiosa. As dúvidas a respeito do cuidado com suas filhas transformaram-se em certeza de que algo estava errado. Lembrava-se da casa, de suas coisas, imaginava a mulher ocupando seu espaço. Este era o seu maior medo: o espaço da sua casa, dentro de seu lar, na vida de seu marido e de suas filhas apropriadas por outra mulher. Pensava em suas filhas: *Será que elas se lembram ainda de mim...?(Hera)*

Ao mesmo tempo de tais revelações, sofria com suas ameaças dentro da prisão. Seu medo estava mesclado entre o mundo da liberdade (perder seu espaço de mãe, esposa e mulher) e o mundo de dentro, da prisão (manter sua integridade física). Mas, suas amigas passaram a defendê-la. Houve algumas discussões, mas nada muito sério. Como exemplo, Hera lembra que no dia de rebelião no presídio (2002), a primeira cela

⁵² A expressão meninas é bastante utilizada pela diretora do presídio, lembrando que as mulheres que lá se encontram estão sob uma guarda de maioridade, como as mulheres presas não tivessem responsabilidade por seus atos.

⁵³ Quer dizer que é a pessoa age com soberba, algo do gênero gerando um mau estar para si na prisão.

⁵⁴ Falaremos de Ártemis e Pérsefone.

arrombada pelas presas foi a dela. Suas coisas foram vendidas, mas Ártemis conseguiu reaver boa parte, até mesmo sua televisão de 20 polegadas. Entretanto, um fato atrapalhou a amizade entre as suas duas amigas. Hera descobriu que Ártemis era homoafetiva e companheira de Pérsefone. Após essa descoberta, Hera sentiu-se traída: *Elas poderiam ter me dito, isto foi uma grande surpresa. Eu nunca pensei que Ártemis fosse sapatão, ela não tem jeito, mas eu sou totalmente avoada pra essas coisa s(Hera).*

Depois da surpresa, Hera simplificou o susto e a descoberta; sabia que a amiga era importante para sua proteção, apesar de certos comentários relacionados a troca de favores entre as duas no presídio, assim, revelou saber da escolha de Ártemis, deixando sobressair seu lado mais humano, buscou na religião católica o perdão para a guardiã: *Só Deus para curar uma mente assim(Hera).*

Mas existe outra realidade conectada a esta situação. Percebi no espaço do presídio processos de identificação que constituem um sentimento de pertença entre os grupos dentro do presídio. No entanto, só se percebe esta realidade através da atitude tomada por Hera, ou seja, a diferença que sente de Ártemis está relacionada à sua opção sexual, o que ocasiona certa repulsa em Hera; assim ela busca identificação com outras de sua mesma opção sexual.

Como Hera, mulheres heterossexuais no presídio buscam conviver com outras heterossexuais, pois sentem medo de serem confundidas com homoafetivas. Por sua vez, estas convivem com seus pares. Assim, vai-se construindo um coletivo entre pares, dos quais a diferença será a base para o aprofundamento dos processos de identificação.⁵⁵

A diferença mencionada parte desde a forma de encarar as relações sociais, principalmente as relacionadas com o estar com o outro, compartilhando experiências de convívio comum, além de noções de mundo, família, delitos, classe social, normas e padrões sociais. As afinidades serão construídas ressaltando como o “outro” é diferente daquele que observa, demonstrando uma forma de análise, antes da aproximação.

⁵⁵Aprofundaremos esta temática no quarto capítulo.

Cada grupo processa uma identidade refletida através de um olhar sobre o mundo na prisão. A heterossexual fará considerações em torno de suas perspectivas de vida, fundamenta-se em torno do aprendizado cultural em suas relações anteriores. Para algumas mulheres, a vivência homoafetiva foge dos padrões estabelecidos socialmente, ocorrendo assim a discriminação. Será que se Hera não estivesse sofrendo represálias, iria precisar de proteção de Ártemis? Assim, alguns elementos farão parte da escolha de suas amigas: o tipo de delito, a opção sexual, a forma que a prática; suas atitudes no presídio (entrosamento com as outras detentas, se trafica, se usa drogas, se briga muito), tudo será reavaliado.

A mulher é considerada parte integrante de um regime de disciplinamento e de práticas e regras de convivência que terá que internalizar desde o instante que adentrar no espaço prisional. Percebe-se que nem todas as mulheres têm consciência deste fato, mas realizam suas escolhas, entre ser ou não colega de outra mulher na prisão. Acabam, para sobreviverem neste cotidiano, buscando relações entre “iguais”. Podemos entender esta igualdade em uma assimetria de posições no universo prisional. Por exemplo, o tipo de crime irá delimitar a periculosidade feminina. No entanto, seu perfil não é constituído somente a partir do tipo de delito; este perfil estará presentes também outras análises a serem feitas. Primeiramente, a mulher procura um espaço que possa se manter, reproduzindo, muitas vezes, o espaço da casa, maioria das vezes, a cela será esta opção, mas como a superlotação é uma realidade, estas mulheres acabam convivendo com mais três ou quatro pessoas no mesmo espaço. O espaço prisional geográfico está constituído em três alas, como já foi referido: ala das presas que está aguardando julgamento, ala das indiciadas e ala das julgadas.

Em referência à opção sexual de cada mulher, que anuncio como mais um elemento de identificação, e é o meu objeto de dissertação, meu recorte se dará em torno de como se dão as relações entre as detentas. Existe uma espécie de sentimento de pertença em relação ao grupo de determinada opção sexual. Ou seja, mulheres heterossexuais casadas se relacionam mais afinadamente com seus pares. Isto não quer dizer que não se relacionem com outros grupos, mas que estarão se colocando de

maneira não muito amistosa. Entre as heterossexuais, encontramos seu estado civil, as casadas, companheiras e namoradas. As mulheres homoafetivas relacionam-se como companheiras e namoradas; as mulheres bissexuais é um grupo à parte que focaliza variadas formas de expressão tanto de hostilidade como de sublimação à sua opção sexual.

ÁRTEMIS – A caçadora....

Irmã gêmea de Apolo, é chamada pelos romanos de Diana, a caçadora, a deusa lunar. Ajudou a própria mãe, Latona, no parto do irmão. O ato simboliza uma solidariedade presente nas feministas contemporâneas. Ártemis pediu ao pai, o todo poderoso Zeus, que lhe desse um arco, flechas e uma túnica curta para caçar as feras. Atendida, passou a reinar sobre os bosques, acompanhada de um cão e muitas ninfas. Viver ao ar livre é a grande satisfação de Ártemis.

Jovem senhora, separada, tem 49 anos, mãe de cinco filhos, de cabelos pretos encaracolados, é considerada e se afirma valente e destemida, pois não deixa que nada a amedronte. Sente-se e passa segurança, ao ponto de suas companheiras de cela, afirmarem que seu olhar traz uma certeza que dá segurança. A “técnica” de Ártemis é sua coragem, sua qualidade de caçadora, aquela que em seus movimentos dentro da prisão, espreitando as atitudes das outras mulheres, observando suas atitudes. Para as companheiras, ela sabe quando estão para dar o “bote”. Algumas vezes, já se incluiu em confusões sérias, mas nada que lhe tirasse a calma. Para Perséfone, com quem tinha uma relação homoafetiva⁵⁶, é uma “dor de cabeça” por que está “sempre se metendo em confusão”. Ártemis vivia nos bairros de periferia que Hera não conheceu. Sua história confunde-se com a de outras mulheres na prisão. Julgada e condenada por tráfico de drogas conviveu com o mundo de crimes para criar seus filhos, relata. Foi “avião⁵⁷”, depois passou a traficar. Segundo relata, era conhecida em seu bairro como “piloto”,

⁵⁶Próxima história a ser relatada. Até a data da pesquisa de campo, Ártemis e Perséfone mantinham, uma relação estável homossexual.

⁵⁷Pessoa que recebe e entrega a droga para o usuário, em algumas vezes é usuário de drogas recebendo o pagamento em drogas.

pois sabia o que queria, não deixando ninguém “se meter em sua vida”. Seu pai já idoso, com problemas de diabetes sabia do seu vínculo com a contravenção, mas não reclamava porque várias vezes era o dinheiro do tráfico que colocava comida na mesa. Começou a se relacionar com mulheres depois da separação, permaneceu casada por 15 anos, mas como relata, aconteceu uma mudança em sua vida:

Fui casada, vivi 15 anos com o pai dos meus menino aí, nós se deixemos, abusei ele, eu deixei ele, entrou outra na vida dele nesse tempo que eu tava lá fora, eu não tava gostando ainda de mulher não, tava gostando só dele, ai comecei a gostar, nós se deixemo, se separemo ele me abandonou, eu fiquei criando os filho ai no centro mesmo eu começava a arrumar as mulher pra curtir e tudo curtição né, as mulher simpatizava e eu me simpatizava com elas, mais só curtição mesmo, a que deu certo mesmo foi a Perséfone, depois que eu cai dentro do presídio eu simpatizei por ela, gostei dela ai pronto nós já tamo com 3 ano junta.(Ártemis).

Ártemis, após a separação de seu marido, ficou fragilizada, preferindo não se relacionar com o sexo oposto por algum tempo. Começou a sair com outras mulheres como cita, acima: “Só para curtir”, entre algumas com que se relacionou manteve algumas inimizades. Entre elas, cita o exemplo de quase ter matado uma ex-namorada. Logo em seguida a este relato, relativiza, afirmando que não foi nada sério.

Para Ártemis, o ser homoafetiva já está assumido, se diz feliz com sua escolha, revelou não sentir mais atração pelo sexo oposto. Após a separação teve alguns problemas sérios, com seus filhos provocados pelo abandono do marido. Conheceu Perséfone, no presídio antigo, todos os dias Perséfone a chamava para rezar;

Nós ia rezar lá na pracinha 6 horas, ela disse que já era doida por mim e não tinha chance e eu não sabia. É desde quando eu cheguei da cadeia do Aquiraz. É desde lá de fora que eu gosto de mulher, mais eu nunca gostei como eu gosto dela aqui não. É desde a liberdade que eu gosto desse negócio de mulher, mais eu nunca fui assim com as outra lá, das outra eu não tinha ciúme não, mais dela aqui eu tenho demais.

Eu chamava ela todo dia pra rezar, mais sem intenção nenhuma, de amiga para amiga né, ela já tava com intenção já de querer gostar de mim, mais eu não sabia, ai eu só via os pessoal boato dizer que a fulana tá afim de tu e tal, afim de tu ai eu cheguei junto e apliquei né, se ela tinha coragem de gostar de mim, ai ela aceitou né, ela já tava doidinha né, 3 ano mulher que nós veve junta, graças a Deus, mais o pessoal faz tanta coisa pra destruir nossa vida o que é hem? (Ártemis)

Os filhos de Ártemis não sabem de sua relação com Perséfone; o mais velho já é pai e evangélico, Ártemis sente medo de sua reação. No presídio antigo ficavam em celas separadas, mas com a troca de endereço, passaram a viver numa mesma cela, convivendo com mais duas mulheres, gerando certo grau de conflito. O sentimento de Ártemis e Perséfone causa certo desconforto às mulheres que estão na mesma cela.

Tem não, em eu e ela tem ainda mais duas, é cinco dentro da cela. Faz o come quieto⁵⁸ pra nós. Nós faz um come quieto pra nós, bota é um empanado⁵⁹ assim pra poder dormir direitinho né. É, ai porque eu sei que tem 2 pedras né. É, 2 pedra, ai uma fica com uma pedra⁶⁰, dorme eu e ela junto, ai eu faço meu come quieto, as outras duas dorme no chão, a outra dorme em cima da pedra, dorme eu e ela na outra pedra, ai eu faço a empanada. As outras meninas também tem opção por mulher ou são... Uma já gostou de mulher, mais não gosta mais não, mais ela sabe de todo babado, a outra também é sapatão também, gosta de mulher, tão separada, tão brigada e a outra já é uma velhinha de idade. Mas nós tem muito respeito por ela, muito respeito mesmo, e ela já vai ganhar liberdade hoje, tá esperando sair qualquer hora.(05.06.2002)

⁵⁸Come quieto é a divisão do espaço da cela, Ártemis e Perséfone dormem juntas separadas por um empanado .

⁵⁹Empanado é um lençol jogado em cima de um cordão separando as camas, nas celas.

⁶⁰O termo Sociação vem de Simmel(1983) revela o conjunto de relações sociais na prisão. A sociação é diferente que a noção de sociabilidade deste mesmo autor, na prisão, a sociabilidade é entendida como a interação que leva em conta o conteúdo concreto da realidade. Neste caso, a sociabilidade transcende o conteúdo concreto em direção à forma, é uma noção próxima que se chama de “mundo artificial” , o comportamento deverá agir quanto forma exigida numa reunião, no entanto, na prisão o preso deverá ter tato com as situações apresentadas.
São as cama de alvenaria.

Ártemis lembra quando vivia na ala das indiciadas vivia de briga com as outras internas. Perséfone pediu para tirá-las, pois tinha medo de acontecer uma tragédia, a vida numa ala é diferente, o conflito estará sempre presente nas relações, mostrando a sociação entre as mulheres presas.

(...) pedi que tirasse de lá porque eu tava que não aguentava, as bicha velha se metendo na minha vida e na vida da Ártemis, em tempo dela fazer uma loucura, e se prejudicar, já restando tampouco para ir embora, eu sou assim calma, eu não gosto de confusão, eu não gosto de briga, eu não gosto de tá no meio do enxame, eu não de andar em cela de ninguém, meu negócio mas é tá isolada, só pedindo a Deus a minha liberdade e da Ártemis, tudo de bom tá entendendo, eu não ando fazendo nada de errado, por isso que elas tem raiva, elas quiseram me estranhar lá e a Ártemis me defendeu, eu pedi pra sair de lá(...)(Perséfone).

Para Ártemis, o desconforto maior é por uma colega de cela que vive sendo inconveniente, ela sempre se coloca contra Perséfone e ela própria. Às vezes, pensa que sua companheira de cela não tem ninguém ao seu lado, antes era casada, mas depois da prisão o marido abandonou assim tudo que se passa no interior da cela ela reclama. Relatou sentir vontade de dar umas tapas em sua companheira, mas Perséfone não deixa.

Ao ser perguntar sobre qual a diferença entre uma relação masculina e feminina, Ártemis relatou:

Eu só sei que quando eu gostei de homem, eu não gostei muito não, eu gosto mais de mulher. Eu sempre tive um sensação por mulher, eu sentia atração, mas dizia, valha meu Deus, o que é isso em mim.(Ártemis)

A situação é demonstrada por um grande envolvimento, a sensação relatada é a forma que Ártemis tem para explicar o “tesão” que sente por outras mulheres. Podemos pensar que a sensação de abandono e a fragilidade a qual ficou revela antecedentes para sua nova investida, apesar de não relacionar isto abertamente.

Quanto ao ciúme, revelou não ter sentido isso por ninguém mais; revela-se arrependida, principalmente quando vê Perséfone toda machucada, podemos perceber por sua fala;

Mulher nós somos tão ciumenta eu e ela, o que é isso hem? Ciumenta demais. É pior mulher, é pior do que um homem e uma mulher junta. Mulher, é muito pior eu nunca pensei na minha vida, eu acho que depois da Perséfone eu não quero mais ninguém, nunca mais eu vou querer mulher mais, porque machuca muito a gente, a gente tem muito ciúme, é uma coisa horrível. Eu já derramei foi o sangue da Perséfone bem 3 vez, mais foi sem querer depois, eu me arrependo, eu choro. Mas não é por mim não, eu choro me arrependo e peço a Deus pra nunca mais fazer acontecer isso. É porque eu tenho ciúme, ela tem ciúme de me eu tenho ciúme dela. Vem brigar comigo dizer que eu tenho mulher, ai eu não tenho, me invoco e meto a porrada nela. É, ai eu dou murro, agora, eu não dou mais não, eu pedi a Deus. Que Deus me ajudasse, eu não tô mais brigando com ela nem bato mais nela não graças ao meu bom Jesus. Num dia desse eu dei um murro nela chega o beijo dela ficou alto. Ai depois eu fiquei com pena, eu não gosto de bater nela fico com pena.

O sentimento de Ártemis é maximizado ao perceber que existem outras mulheres em torno de Perséfone. Isto a incomoda ao ponto de deixar o que está fazendo e tirar satisfação com as mulheres que estão perto de Perséfone.

Eu não me controlo não mulher, dá aquela apurreeção, o sangue sobe pra cabeça, eu digo não faz isso, ai pronto, eu não queria ser assim não, mais Deus tá tirando isso de mim, eu tô me contendo mais, porque ela já vai fazer o curso. Eu a proibia de ir pro colégio, eu proibia de ir pro curso, eu proibia de trabalhar, a chefes das agentes ainda não deu emprego porque eu não quis, sabe o que foi que a ela disse, eu não vou dá emprego a Perséfone, só vou dá quando a Ártemis for se embora, porque se eu for dá emprego agora, quando a Ártemis chegar a Ártemis vai matar a Perséfone. Mulher eu não sei não, na hora né, depois que o sangue subir pra cabeça, mais agora graças a Deus eu tô melhor, que eu não tô mais batendo nela. Mais eu tenho ciúme por causa das mulher que tem lá dentro, mulher o negócio é as mulher que ficam olhando, ai a gente tem ciúme, mas agora graças a Deus já saiu isso, ela já tá indo pro curso, pro colégio, eu não tô mais batendo graças a Deus, que Deus tá me lavando, já tô aceitando ela ir pro canto sozinha, não tô mais não sabe, ai quando da fé volta de novo, o ciúme sabe, ai eu rezo de novo mulher o que é isso heim?

A relação entre Ártemis e Perséfone parece muito com os modelos de relação machistas, no qual o homem sobressai e a mulher fica subjugada. É importante perceber que Ártemis incorpora este papel e o executa com todas as características masculinas. Ao ser indagada sobre esta semelhança, revelou que “o sangue sobe” e não sabe o que faz. O ciúme é um sentimento móvel que pode surgir nos momentos mais calmos. A insegurança e auto-estima de Ártemis perfazem esse sentimento, revelando-se fora de controle. Para pedir desculpas, Ártemis utiliza-se das catataus. *Não eu não faço não porque eu não tenho homem lá no presídio, só quando eu tô mal dela, eu mando um catatau pra ela e um catatau pra me. É ela manda, só pra fazer as pazes (Artemis).*

Mas, a semelhança com o sexo masculino continua, quando Ártemis relata que ao sair do presídio iria montar uma casa para Perséfone, assumindo as obrigações construídas dentro do modelo familiar mais conhecido. A mulher fica cuidando da casa e dos filhos, enquanto o homem (no caso, Ártemis) sai para trabalhar. Assim, passo a relatar a história de Perséfone em busca de ampliar a compreensão das formas de relação sociais e afetivas entre as mulheres no Presídio Feminino.

PERSÉFONE, voltada para sua vida interior...

Perséfone(ou Proserpina) era chamada Cora quando Jovem. A filha de Deméter e Zeus colhia flores no campo quando um narciso perfumado a atraiu. Perséfone o tocou, a terra se abriu e o Deus Hades a raptou para o seu reino: as profundezas da terra. Enquanto aguardava ser resgatada, a deusa comeu sementes de romã, o que a vinculou eternamente a Hades e ao mundo subterrâneo. Porém, uma vez por ano, na primavera, a deusa volta a superfície da terra para ficar com a mãe. O mito remete a uma mulher voltada para a vida interior.

Perséfone, mãe de dois filhos, separada, companheira de Ártemis, com os seus 44 anos, é uma figura feminina extremamente sensível, tem um jeito meigo de falar. Muito magra, seu corpo é tão delicado que chega a assustar, parecendo vítima de

desnutrição. Tem os cabelos meio alourados, é o contrário de sua companheira Ártemis. Até sua entrada no presídio era heterossexual. Também foi presa por tráfico de drogas. A sua justificativa para o envolvimento com o crime foi por “não agüentar ver seus filhos passando fome”⁶¹. Seu companheiro anterior – marido - começou a faltar as visitas, e logo depois passou a não ir, finalizando seu envolvimento com ele. Neste intervalo, recebeu apoio de uma colega de prisão, Ártemis, que a convenceu a se relacionarem entre os encontros para rezarem.

Para Hera, Perséfone é uma vítima do sistema e do mundo dos homens. Como foi abandonada pelo companheiro e não podia viver sozinha, “desaprendeu” a conviver com o sexo masculino, vendo na amiga um apoio e uma companhia para os dias de prisão. A observação de Hera é convincente e tem sentido de acordo com as observações em campo. Com a falta de contato com seus companheiros, por não ter namorados, ou por se sentirem mais atraídas pelo sexo feminino, algumas mulheres do presídio começam a se relacionar com outras mulheres. Hera teve uma compreensão mais aguçada. Para a subdiretora do presídio tais relações são consideradas de contingência. *“A carência é muito grande, uma coisa pequena acaba se tornando um arranha-céu”*.

Hoje, Perséfone e Ártemis dividem a mesma cela. Ártemis relata que, no início, foi difícil convencer Perséfone a aceitar o seu amor. Perséfone é mãe e teve marido, assim parecia ser mais complicado para relacionar-se. Ainda me lembro a expressão de Ártemis, ao dizer que queria namorar com Perséfone; os dias foram passando e a amizade das duas ficava mais forte. Hoje, estão juntas com esperança, de quando saírem morar juntas no “mundo de fora, no mundo da liberdade”, como falam da vida fora da prisão. Os filhos de Perséfone, segundo consta, apesar de criticá-la, acabaram aceitando a escolha da mãe.

Perséfone não tem o estereótipo de uma mulher masculinizada, e não gosta deste tipo de mulher; seu jeito é mais tranquilo, a relação com Ártemis molda-se em papéis já

⁶¹Na maioria das vezes ao serem indagadas o motivo de se envolverem com o mundo das drogas, relatam ter sido por necessidades financeiras.

construídos socialmente. *Por me gusta de ser mais simples porque, se ser toda garotão, manchão, chapéu, boné, isso pra me eu não gosto, não... (Perséfone).*

Em conversa com Ártemis, soube que está prestes a sair por condicional, enquanto isso Perséfone ficará no presídio. Ao ser indagada se faria a carteirinha para o Venustério, Ártemis rapidamente relatou que faria e que não vai abandonar Perséfone, como fez seu marido. A relação entre elas é estável, apesar das brigas, a família de Perséfone, sabe de sua relação homoafetiva. Ártemis ressalta que tanto pai como a mãe de Perséfone gostam dela. O relacionamento de Perséfone e Ártemis é, sem dúvida, uma relação que traz vários elementos representativos para compreensão dos tipos de envolvimento que encontrei na prisão. Na verdade, o que passa como relevante, além da questão sócio-econômica e político do sistema penitenciário, ressalto tais formas de relacionamento, grupos que acabam se constituído por várias nuances. A tipificação vai sendo construída em torno das preferências, do modo de se relacionar, e de ver o mundo, em que cada mulher tem uma perspectiva, até mesmo aquelas que preferiram ou não ter o benefício da visita íntima.

ATENA – Vida , morte, vida.

Filha poderosa de um pai onipotente, Atena(Minerva para os romanos) é a deusa da guerra, das ciências e das artes e inspira o trabalho artesanal. Foi concebida quando Zeus devorou Métis, ou a Prudência. Gerada no cérebro do soberano do Olimpo, Atena nasce quando Zeus pede a Hefesto, deus da forja, que lhe dê um golpe de machado na cabeça. Além de sábia, a deusa é justa: o voto de Minerva(Atena) desempatava questões entre deuses e homens.

Mulher branca, cabelos compridos negros, alta, 32 anos, com um senso aguçadíssimo para planejar delitos estrategicamente. Encara sua vida como uma guerra, com táticas e estratégias que foram construídas para conseguir seu objetivo. Queria ter uma vida mais tranqüila, ou seja, melhores condições para ela e sua família. Entre exercícios de combate, ao entrar no mundo do crime, perdeu seu marido, e por isso se

culpa até hoje⁶². Lembro quando relatou que a perda de um ente querido é a pior coisa que existe. Ao se lembrar dele, disse:

Um dia vou sair daqui, vai demorar, mas vou sair com os meus próprios pés. Ele entrou com os pés dele e não saiu. É uma luta que eu perdi... Se você vai pra guerra ganha ou perde... (Atena).

Mãe de três filhos, era casada, depois ficou viúva constituindo novos laços maritais na prisão com outro companheiro. Vivia bem com ele, mas sentia falta das coisas boas da vida. Com dois filhos pequenos queria ter mais condições, seu marido, no entanto, trabalhava como pedreiro e ela com congelados. Começou a trabalhar numa casa na qual era responsável pelos serviços domésticos. Com sua simpatia e esmero tomou conta de toda vida financeira de seu patrão. Fazia pagamentos, pegava no dinheiro, por outro lado nela confiava e deixava tudo em suas mãos. Mas Atena sentia falta de dar uma vida mais confortável para sua família.

Assim começa a história de Atena, condenada a mais de trinta anos de pena, já com doze completos, por várias vezes relatou não agüentar mais a vida na prisão. Para ela, “sua vida não é mais vida”, a cada amanhecer morre mais um pouco. A lembrança, a saudade e a culpa pela morte do marido perpassam todo o seu dia. Mas sua história continua...

“Desde 95, eu trabalhava em casa de família, trabalhava com congelado, aí eu fui trabalhar numa casa que o homem queria uma doméstica, ele tinha uma locadora de carro e ele queria uma pessoa pra fazer pagamento, essas coisas aí”.

Como várias mulheres que se dedicam a trabalhar para ajudar nas finanças de casa, Atena preenchia seu dia com o trabalho de congelados e de doméstica em casa de família. Mas, o sonho foi maior. Mudando totalmente a vida que levava.

No dia do crime, ele pediu para depositar um cheque no valor de R\$ 120.000 mil reais, peguei , isso era sábado, ele deixou em cima do birô para depositar.

⁶²Deixarei que ela mesma conte, daqui há alguns parágrafos.

Eu fiquei naquela tentação, R\$120.000mil, 120.000mil, 120.000mil reais.... Aí fiquei planejando, planejando, aí fui para casa. Sabia por que eu que ia depositar o cheque, eu que fazia os pagamentos dele e tudo. Aí fui para casa, aí quando foi no outro dia, eu voltei o cheque ainda estava lá por que era eu que ia depositar. Aí pensei, se eu armar um assalto..., como fosse um assalto e arrumasse uns caras que amarrasse eu e ele e levasse o cheque. Ele não poderia dizer que eu tinha culpa. Aí dizer que isto era um assalto. Aí eu planejei isso aí tudinho, aí arranjei duas pessoas comigo três, uma era o meu marido o finado, ele já está morto. Aí a gente foi, eu estava já lá, dei o endereço tudinho, disse como ia chegar lá fazer o assalto. Só que quando chegou lá, ele reagiu aí pronto teve luta e mataram ele, os meninos lá. Como ele já estava morto, eu tinha que levar o cheque... que o homem já estava morto, aí.. vamo leva. Aí levei o cheque, aí quando foi Segunda-feira deposei era cruzado o cheque aí deposei no meu nome. Por isso que eu estou mas complicada, é a cabeça que armou o assalto, aí depois de uma semana. Nisso ninguém sabia onde nos tava, só sabia que era a Atena, né. Por causa do cheque, que eu deposei. Aí passou-se, aí depois de quinze dias um dos caras caiu com droga, aí vai e entrega a gente. Aí primeiro passei um mês na central e fui para o presídio pela primeira vez. Cheguei lá, otária, otária, otáriazinha como diz na gíria aqui. Cheguei lá, tava sentindo assim uma coisa estranha, antes de três meses eu fui julgada 30 anos de cadeia.

Com sua entrada no mundo do crime, começa uma série de ações idealizadas por ela. Seu marido e comparsas obedeciam ao que era idealizado por ela. Mas, a fuga foi por um instante a resposta para a vida que levava no presídio.

Aí eu me apavorei, aí fugi, fugi em 95 no dia da festa de natal. Pulei o muro, aí viajei, viajei fui tentar tirar o dinheiro do banco com um advogado, o advogado fez uma cilada pra mim, aí me entregou pros homens pra captura. Aí fui presa de novo cheguei no presídio, já mais experiente. Aí passei um mês na segurança, aí fui fiquei lá. Aí depois de seis meses, o advogado me disse que tinha mandado recorrer e tinha ficado em 24 anos, sabe! Tinha diminuído, eu era réu primária, tinha bons antecedentes, tudo bem! Aí nisso eu não ia fugir mais, aí meu companheiro o finado, que já morreu, ele fugiu, do Olavo⁶³, nessa época.

Seu companheiro não consegue viver dentro do sistema prisional, e acaba armando mais uma fuga. Desta vez pede que ela fuja, pela parte detrás do presídio, sua fuga é cinematográfica, e assim foge mais uma vez.

Ele tava num túnel por debaixo do rancho onde ele trabalhava, isso foi em 96, perto do final do ano, foi em outro. Aí ele cavou um túnel por baixo, nesse tempo até um levou um tiro no buraco o amigo dele estava saindo da muralhara veio um cana e deu um tiro nele, mas os outros escaparam. Eu não sei nem se morreu. Aí tudo bem! Aí nisso ele liga para mim. Pra mim fugir ou então ele me buscar lá com os caras aí eu disse não rapaz, eu não vou fugir. Você vai? Não vou! Isso eu falando com ele no telefone, eu peguei

⁶³Instituto Penal Olavo Oliveira – Presídio Masculino

disse assim pra quando ? Não agora, agora?! Sim, eu estou aqui do outro lado. Aí eu disse assim, não rapaz! “Eu vou lhe dá até às 9 horas da noite”, nessa época você era trancada às 10: 00 da noite. Tem um terreno baldio do outro lado, aí dava pra ele pular pra dentro pronto. Os guardas ficavam lá na frente, na entrada é tipo um quintal lá o presídio. Pois é, ele já tinha visto tudinho, já estava planejando tudo. Não eu vou, isso era de manhãzinha cedo. Ele queria me tirar por trás, não tem o canal , pois é ali, na Sargento Hermínio. Aí ia por trás, pulava de noite, aí pulava pra dentro do presídio que era onde ficava só uma guarda lá embaixo. Aí resgatava por lá, e quem estava lá na frente não ia nem vê, aí eu disse a ele que não, mas eu só sei que eu fui, isso era... tinha acabado de abrir a tranca às sete horas, eu peguei calcei um tênis, subi lá no muro, esperei o guarda sair da guarita, quando ele desceu, aí eu pulei. Fugi de novo..., segunda fuga, ele já estava já com o carro me esperando, por que se por acaso o policial fosse me deter ele tava lá. Aí a gente foi pra Recife, aí passemos dois ano em Recife, aí lá eu engravidei, aí lá eu engravidei. Eu disse: Vamo lá pra Fortaleza por que vai ser cesárea e a minha mãe tá lá . Aí eu vim pra cá, pra mãe. Aí ele foi fazer um assalto, nesse assalto ele foi preso. Ele foi assaltar um bancozinho em Guaramiranga, uma agenciuzinha em Guaramiranga, uma pequeninha, que dá mais é os dinheiros dos aposentados. Aquelas coisas. Aí ele foi preso, aí botaram ele para o penal e eu estava na liberdade de resguardo, quando ele foi preso eu estava de resguardo, ainda.

Como podemos perceber, Atena idealizou, planejou e formulou tática e estratégias para assaltar o patrão. Na sua cabeça, as coisas pareciam muito simples, não contava com a reação da vítima. E nem com a atitude de seu marido e colega de crime, que o mataram. Era considerada sábia, como a Deusa, pois sempre orquestrava as fugas, os passos a serem dados pelo grupo. Teria tomado as providências para não serem presos. Consta que sua vida do crime começou por uma vontade de ter mais condições financeiras, mas um dia estando no crime, continuou sendo a “cabeça” do grupo. Depois do crime e da prisão, Atena e seu marido fugiram para Recife, sendo que nos dois anos que passaram lá viveram bem, mas, com medo de serem presos, sempre se escondiam. Sua gravidez foi o motivo para voltar a Fortaleza. Na volta, “com a queda”⁶⁴ do marido, se desespera e começa a assaltar de novo... Vejamos;

Eu comecei, pensei... ele não está mais comigo, agora eu vou ter que assaltar, não tem ninguém que vá me sustentar, eu não posso trabalhar por que eu estou foragida, né. Voltar pra lá, pra Recife e deixar ele aqui só, quem vai ter que mandar as coisas pra ele. Aí eu começo, eu tinha os dois parceiros que era amigo dele que tinha fugido na fuga. O goiano, o paranaense, chamei eles pra gente fazer um assalto e começamos a fazer assalto. Aí pegava Pague Meno, Mercantilzinho pequeno, grande o que fosse. Aí era umas motos, uns carro aí pra vender. Só pra ganhar dinheiro. A gente fazia assim, num assalto, a gente

⁶⁴Expressão utilizada pelas mulheres encarceradas para definir a prisão de alguém.

pegava a vítima, eu era tipo a fisca e a gente saía, eles tinham comprador tudinho e dividia no meio. Só que a gente tinha um carro, se eu roubasse um carro e estava nós três então a gente tinha que roubar mas dois pra ser um carro pra cada. Pro dinheiro ser pra cada, por que o dinheiro de um carro dividido para os três ai ser pouco. Ah! Um carro é três mil, só!!! Depende do carro né ! Assim do mais pebinha é três mil. Então era mil pra cada! Aí pra gente não se arriscar muito, quando a gente estava muito visto, a gente ia pra moto depois pra carro. Aí quando parava e a polícia estava andando atrás da gente, a gente colocava para outra coisa, Pague Meno, ou então mercadinho...

A estratégia de sobrevivência foi sendo construída de acordo com o seu envolvimento no mundo do crime, mas na verdade, sua atividade era de “cabeça” no grupo. Mesmo sendo mulher, isso para um mundo masculinizado, agilizava as possibilidades de roubo. A estratégia de troca de mercadoria (o lugar a ser assaltado era trocado a cada assalto) para não ser percebida é utilizada pelos mais experientes assaltantes entre eles Atena foi construindo sua carreira. Outra forma de despistar a polícia foi com os roubos fora da zona urbana, Fortaleza estava excluída das tentativas. Observemos pelo depoimento:

Não era Fortaleza, não. Era só municípiuzinho, por que Ave Maria, eu era conhecida demais.... eu era foragida. Eu não podia assaltar por aqui não, tinha que ser esses municípiuzinho aquele Umirim, cidadezinha pequena.

Com a família do marido, Atena já não tinha mais paciência, a relação com a família do marido ficou estremecida desde primeira prisão, sua sogra alegava que seu filho era uma boa pessoa e acabou envolvendo-se com o mundo do crime por causa da sua ganância. Atena não agüentava conviver com tais acusações, sabia que tinha culpa mais não permitia que ela falasse, Em seu depoimento relatou ter chegado a espancar sua sogra; em contrapartida a sogra toma uma reação instintiva.

Ah! minha sogra tem raiva dele e de mim, pegou e me entregou, ela bebe muito e aí disse uma coisas com a minha mãe e eu peguei e dei uma pisa nela. Só não matei ela por que era a mãe do meu marido. Minha mãe, Isabel ela vai te entregar! Mãe, vai não! Eu com menino pequeno, o meu menino estava com seis meses, eu ainda estava dando de mamar. Quando menos espera, a polícia chega. Tava dando de mamar para o menino, você é foragida. Ela disse tudo, ela disse o que ela sabia da quadrilha. Os caras um conseguiu fugir (Atena).

Atena sabia que, com a prisão do marido e dela, as coisas não seriam mais as mesmas, já havia fugido duas vezes do presídio, e por isso sua pena teria agravantes

devido as fugas. No presídio, todas já conheciam a “rata branca” por causa da espreiteza para fugir. As coisas foram acontecendo rapidamente, até que um dia, seu marido telefona novamente dizendo que ia se encontrar com ela no mundo da liberdade. Desta vez, Atena pediu que ele não fizesse isso, seria outra fuga após terem sido presos quando retornaram de Recife, que continuasse no presídio⁶⁵. Ele, por sua vez, disse que iria repensar e que não faria esta loucura. Só que falo aquilo para não deixá-la preocupada. Desligou o telefone, mas a agonia em seu coração não passava, sabia que havia algo de errado.

Durante a madrugada, o Batalhão de choque, o GATE, o helicóptero da polícia foram acionados, a agitação no espaço dos presídios era muito grande. Ninguém conseguia dormir, muito menos ela. Sabia o motivo e a cada minuto ficava mais preocupada. Até que passou na televisão que havia ocorrido uma tentativa de fuga do IPPS, os presos tinham feito um túnel por baixo da quadra. A notícia seguinte foi mais terrível para Atena: o repórter disse que todos os presos foram mortos durante a fuga seu marido foi um deles.

Atena conta que não agüentou “queria morrer”; começou a quebrar as coisas em sua cela, as companheiras de cela tentaram segurá-la mas ninguém conseguia. Foi necessário entrar a guarda para acalmá-la. Antes, no entanto, Atena roubou a arma de um guarda e ameaçou matá-lo e depois matar-se. Estava completamente fora de si, só tinha na cabeça que o marido havia dito que não iria se envolver em confusão. E, agora, estava morto. Para ela, ele era o seu companheiro, seu amante, seu dorso, pai de seus filhos e tudo tinham acabado. Em um instante ele havia desaparecido... Neste instante, sua vida perde-se entre os acontecimentos, Atena não atirou, pois os policiais a conteram. A diretora do presídio foi acionada e ao chegar conversou com ela, tentou persuadi-la, explicou que lembrasse seus filhos e que não fizesse nenhuma besteira. Deram-lhe um “sossega leão”⁶⁶ para que pudesse se acalmar. No outro dia, após a

⁶⁵Com a terceira prisão ele já estava no Instituto Penal Paulo Sarasate e ela no novo Presídio Feminino. Instituições prisionais que ficam lado a lado em Itaitinga, município da zona metropolitana de Fortaleza..

⁶⁶Calmante, tarja preta, são medicamentos que só podem ser comprados com a bula do médico, devido seu alto grau de ação.

confirmação das identidades dos presos fugitivos, seu marido realmente estava entre os mortos. A imprensa soube do fato e quis entrevistá-la, conseguiram só depois de alguns dias.

A partir daquele dia morri por dentro, não importava o que acontecesse, as coisas tomaram um caminho ruim. Tava tão triste que não queria comer, beber nada. Minha mãe teve que vir de Sobral pra cá para conversar comigo aqui na prisão, um ano se passou... dois anos a dor ainda tava aqui (Atena).

O luto de Atena persistiu por um bom tempo, seu amor era grande, mas a saudade somava-se ao sentimento de culpa de ter sido ela a principal pessoa a envolver seu “finado” marido no crime. Tal sentimento perdurou por muito tempo. Até que um dia recebeu uma catatau⁶⁷. Isto foi por volta de outubro de 2002. Até dezembro de 2002, trocaram catataus. Um dia conseguiu autorização para passar o pernoite do dia de natal com o pretendente. Antes de conceder o direito, a diretora a chamou para falar com ela. Sabia que vivia triste pelos cantos, vivia por que lembrava de seus filhos. Atena conversou com a diretora e disse que já fazia tempo que não se interessava por ninguém e este rapaz parecia por ser uma boa pessoa. Através da conversa com Atena, a diretora concordou em dar o aceite para o serviço social⁶⁸. Seu pretendente havia sido preso por assalto a mão armada (art.157). Tinha visto Atena pela televisão no dia de sua entrevista e ficou interessado nela.

No dia da visita, Atena não esperava por uma surpresa: ficou grávida na primeira vez que teve relação com o seu pretendente. A surpresa foi geral no presídio feminino, pois, como numa brincadeira, neste pernoite de natal, dez mulheres ficaram grávidas. No início, pensou em abortar, mas como disse, já tinha “feito várias coisas erradas e não quis fazer mais uma”(Atena). Para ela, percebia ser um bom acontecimento, pois observei que aquela tristeza vista em seus olhos durante nossas conversas anteriores, estava sendo trocada pela espera do bebê, a preparação do enxoval. Tudo parecia ficar mais calmo.

⁶⁷Carta de um pretendente, o mesmo estava preso no IPPS.

⁶⁸Como era um caso especial, Atena, viúva, não poderia comprovar que conhecia anteriormente o seu pretendente, o que era uma exigência para a visita Íntima, mas houve um certo acordo entre as partes.

A calma não durou muito. Um dia, entrou no Instituto Feminino uma moça que havia matado a sobrinha, degolando-a nos braços de sua irmã. A partir deste fato, as mulheres no presídio começaram a se rebelar, depois resolveram continuar a rebelião motivadas pela falta de atenção aos processos de várias delas e começaram um motim. Queimaram colchões, invadiram celas, quebraram cadeados e avançaram; dos seis portões, já estavam no terceiro, que corresponde á cozinha. Queriam chegar lá para explodir os botijões de gás. Atena preocupou-se e relatou “as meninas quando estão revoltadas nada as seguram”. Começou então a conversar com o grupo que liderava, entre elas encontramos Afrodite, Héstia⁶⁹. Atena sabia que as duas a consideravam muito e pediu que parassem com aquilo, pois estava grávida de quase oito meses e preocupava-se com seu estado e com as crianças que estavam na enfermaria. Em relato de uma funcionária do presídio, disse que quase todas que lideravam estavam drogadas:

Aquela rebelião que teve aqui, as cabeça mesmo, tudo se drogando, tudo se drogando pra fazer a esculhambação, aquilo foi uma verdadeira esculhambação, eu cheguei pra elas, gente vocês não tavam reivindicando nada não, vocês fizeram foi uma baderna, elas mesmo disseram foi mesmo Atena, ninguém sabe o que era que queria na hora, era tudo drogada, quebrando tudo, roubando as coisas uma das outras, até a televisão de uma presa foi levada, roubaram mesmo, não foi reivindicação nem nada.nada, só quebrando, quebraram foi tudo ai dentro.(Auxiliar de enfermagem que estava de plantão no dia da rebelião).

Os ânimos no presídio não estava nada tranquilo, algumas mulheres começaram a “caçoar⁷⁰” dela, foi quando disse que não importava morrer, mas mataria quem entrasse em seu caminho. Atena foi até a líder do motim e pegou o “pé de cabra” que estavam usando para quebrar as traves das grades e os cadeados. As mulheres não entraram na cozinha, todavia não acalmaram os ânimos, até que o batalhão de choque e a guarda entraram em ação. Várias presas ficaram com braços e pernas quebrados, escoriações por várias partes do corpo. Um soldado relatou durante uma conversa que

⁶⁹ Afrodite terá sua história explicitada neste capítulo e Hestia é uma coadjuvante no dia da rebelião.

⁷⁰ É brincar negativamente.

“*eles entram para esfriar o asfalto*”. Isto significa que vem para cobrir qualquer rebelião.

Hoje, Atena está com a filha de quase um ano, ainda continua mais calma, como se representa, mas ainda sente a vontade de liberdade. Ao ser perguntada sobre o que faria ao sair da prisão, não esperou muito e disse que : Primeiro vou pra casa, depois queria tomar um banho de praia, passar um Sábado, por que Domingo tem muita gente. E depois andar, andar, andar, até cansar os pés...(Atena)

Como Atena, outras mulheres relataram a vontade que sentem de andar. Não andar em curvas, mas num sentido reto sem um ponto de chegada. A representação de não ter um ponto, uma parada, um muro, um guarda, estabelece uma relação de interação com a liberdade. O final será dado por elas mesmas e não pelo regime disciplinar que está regulando suas atitudes. O desejo em andar em linha reta, sem ter um ponto aonde chegar.

Afrodite – Deusa do Amor

Nascida da espuma das ondas, Afrodite, a Vênus dos romanos, é a deusa do amor. Ganhou o título de a mais bela, quando prometeu ao mortal Páris o amor de Helena que, raptada, provocou a guerra de Tróia. A deusa sempre foi disputada por seus inúmeros apaixonados. Ao tentar salvar Adônis do enciumado Ares, o deus da guerra disfarçado em javali, Afrodite pisou no espinho de roseira. Seu sangue transformou as rosas brancas em vermelhas.

Morena, 22 anos, magra, com um “corpo escultural”. Assim conheci Afrodite, que se diz sempre estar apaixonada. Entre seus amores estão os três pais de seus três filhos. Sempre amou demais, diz que se entrega com corpo e alma a suas paixões. Desde menina está no mundo do crime, foi como “menina de rua” e mesmo tendo uma “mãe devotada” como revela, não conseguia ficar em casa. Começou a usar drogas com quatorze anos, se nos envolvia mais diferentes “foguetes”, como ela mesma expressa.

Passou três vezes pelos aparelhos de proteção da FEBEMCE (SOS Criança e Moacir Bezerra)⁷¹, com dezesseis anos, e daí por diante não parou mais de ficar presa.

Era lá no Conjunto Ceará né, ai tudo bem né, a gente ia pro som e tudo, quando a gente voltou a gente voltou quebrando a rua inteira, voltou fazendo mil desordem, quebrando todos os telefone da rua, fiz mil onda né, tudo bem, quando foi no outro dia foram lá em casa, ai pronto, parou o camburão bem grande o camburão da polícia né, ai quando eu olhei, eu vi uma amiga minha dentro desse carro, ai quando eu disse assim olha a bolinha, e ai o que é que tu tá fazendo ai dentro do camburão, bolinha. A dona lá de dentro do camburão fala assim, essa daí tava também, essa daí tava também, ai eu “viche” na hora que ela diz essa daí tava também ai o camburão para em frente lá de casa e me pega, e eu “viche” ai, eu porra, pronto me arrastaram pra dentro do camburão ai eu fui pro SOS né, passei 3 dias lá ai minha mãe foi me buscar né, a primeira vez eu tinha 13 anos, tudo bem voltei pra casa, voltei a estudar e tudo, gaziei aula, fugi, fugi de casa passei bem uma semana fora, tudo bem eu comecei a me envolver com droga, me envolver com droga e tudo né, ai pronto, a segunda vez já foi por causa de droga, eu fui me sai né, me sai do SOS de novo a minha tia foi me buscar, eles ligam, ligam pra casa da gente pra saber se tem família e tudo né, se a família for buscar tudo bem né, ai pronto foram me buscar de novo, né, a terceira vez não tive mais chance, né ai infelizmente ela vai descer tudo né, eu fui Aldacy Barbosa passei 1 mês e 15 dias lá né, pronto fui pra casa, tudo bem né, minha família me apoiou de novo, me deram outra chance, eu não soube segurar essa chance né ai tudo bem eu comecei a ir pra baile funk e tudo, comecei a curtir com um cara muito doido, pirado sem vergonha né, que tudo isso deu início mais por causa de amizade né, se eu tivesse ido pra igreja com as minhas irmãs ia com certeza hoje eu tava em casa igual elas né, mais eu vou muito o que valo né, ai tudo bem, pá, comecei a curtir de novo, festa nisso eu já tinha 16 anos né, o tempo passando e tudo.

Com a vida que estava levando e com seu envolvimento com o traficante começou a ficar mais viciada, como disse sua vida era uma “festa”. Relata não ter consciência das coisas que acontecia. Assim, começou a ficar cada vez menos em casa.

⁷¹São duas instituições de privação de liberdade para jovens delinquentes.

... comecei a me envolver com coisas mais pesada né, curtir com outros caras diferente que já era mais cabeça de que eu, eu era otária porque agora que eu tava entrando na criminalidade naquele tempo né, tudo bem né comecei a curtir com traficante né, minha mãe não sabia que eu usava droga, ela tinha uma suspeita, só que mãe é aquela que não acredita enquanto ela não ver, ela não sabia, eu sempre na frente da família ela passava a mão em cima de mim né, não queria acreditar no que ela tava vendo em mim né, na pessoa que ela tava me vendo, eu não era mais a mesma pessoa, aí tudo bem né, pá né eu tinha 15 pra 16, comecei a me envolver, comecei a curtir, a curtir reggae, tudo né, isso tava na moda, reggae naquele tempo né, era em 96 por aí assim né, ai tudo bem eu comecei a curtir com os cara a ir pra praia tudo né, voltei, pronto, fiz uma tatuagem.

Entre estes acontecimentos, Afrodite, engravida do primeiro namorado, teve uma menina. Para sua mãe aquilo tudo era uma loucura, sua filha que não tinha nem dezoito anos e seguia uma vida que ela não sonhou para ela. As tatuagens foram motivos de brigas entre ela e sua mãe.

Por causa das tatuagens, tudo bem a minha mãe soube que eu tava morando na favela com um cara e a mãe dele, a mãe dele me apoiou na época que eu tava com o filho dela né, a minha mãe foi me buscar quando minha mãe foi me buscar me viu cheia de tatuagem, minha filha mais volta pra casa, eu te aceito, você é minha filha e tudo Afrodite minha filha saia dessa vida aceite eu tô olhe dando conselho, eu quero o seu bem e tal, tudo bem né e tal e aceito que ele vá namorar com você lá em casa, eu sei que você não é mais virgem, eu mãe quem foi que foi lhe dizer uma coisa dessa e tal, eu sei mais não importa você é minha filha, você é minha filha mais velha o que importa é que eu te amo acima de tudo, tudo bem né, eu voltei pra casa, saia, eu já não era mais aquela filhinha de 13 anos, eu já era uma pessoa totalmente diferente eu já me dominava com 13 anos né, o que eu queria era só curtir, curtir, curtir ai tudo bem né, eu me envolvi com esse cara mais e mais entrei na droga mais e mais é tanto que eu engravidei dele, tive uma filha com 16 anos, 15 pra 16 anos tive uma filha minha primeira filha, tudo bem, fui morar com ele na beira do rio, na beira do rio na favela, eu saí da casa da minha mãe pra ficar com ele né, minha mãe não podia fazer mais nada por mim, tudo bem fui morar com ele(Afrodite).

Na companhia do namorado descobriu que ele era extremamente violento. Sabia que ele “*era louco, por causa da droga*”. Nunca havia batido nela. Só que neste dia foi diferente;

...ele me deu um pau, um pau muito louco, drogado queria me matar né, por causa de onde mesmo dele, drogado, ciúme dele mentiroso, tudo bem minha mãe foi me buscar, pá, voltei pra dentro de casa, pronto né, eu tava envolvida com ele ainda as escondida né, só que a minha mãe não aceitava ele de maneira alguma, eu tava grávida e tudo né, depois tive a filha dele, e ela me apoiou acima de tudo, depois de tudo que eu fiz, depois de todo desprezo que eu dei a ela, ela me apoiou né.

Quando foi presa pela terceira vez, estava envolvida com um adolescente que ela mesmo se refere como o “caboeta”⁷². Havia escondido a droga no quintal de sua casa, vendia para pequenos viciados. Sua mãe não sabia que já estava comercializando. O rapaz havia comprado três balas de maconha, logo ao sair de sua casa, numa ação policial, o rapaz foi pego, a policia percebendo que ele portava droga consigo, o obrigou a delatar o local da venda, indo a casa de Afrodite. Como ela era menor de idade sua mãe foi acusada e presa por trafico de drogas, presa inocentemente. Já com a primeira filha nos braços viu sua mãe sendo levada dentro do “caborão”. Afrodite passou 8 meses presa, novamente, na FEBEMCE e sua filha foi levada para o presídio velho⁷³ para ficar com a avó. Através do relato:

Era assim uma parada legal⁷⁴, eu não, tava pesado mais era uma peteca⁷⁵ de fumo pra me queimar mais de uma semana, que ele era traficante e tudo ele só meteu a mão no saco assim, meteu e me deu, me deu né e eu pá enrolei no jornal e levei tudo bem, né, ninguém no sabia que e eu tava com essa droga dentro de casa ninguém, ninguém eu inocentemente cuidando da casa e tudo né, lavando as fraldinha do nenê tal de repente no quintal aparece um amigo meu né, hei Afrodite tá afim de queimar uma coisa e tudo, as área tá

⁷²Delata os comparsas.

⁷³Nesta época o presídio, ainda situava-se no centro da cidade.

⁷⁴Parada legal, expressão usada para designar um bom acontecimento.

⁷⁵Certa quantidade de maconha.

tudo seco não tem maconha e eu porra cabeça e tal, cara eu tenho um fino⁷⁶ aqui mais eu não sei se posso confiar em ti, tu tem Afrodite e cara faz ao menos umas 3 balas ai e tal, é né cara é dois conto tu vai querer, é minha irmã agiliza, eu, pá, corri pelo fundo do quintal, fiz 3 bala pra ele e dei R\$ 6,00, tudo bem né ai eu pá, ligo o som e tudo, ele vai embora muito doido morto de drogado, ai tudo bem ele vai embora, quando ele vai embora eu vou coloco a pivetinha pra dormir me balançando, me balançando com a menina e tal, eu tava pensando em ir pra praia, quando eu olho eu vejo o camburão do choque, o camburão do choque passa bem devagarinho olhando, eu porra a polícia o que será que aconteceu, de repente eu colocando a nenen pra dormir a polícia vem invade pelo quintal, com escopeta na mão invadindo a casa da minha mãe, eu porra o que foi que foi? Cadê a droga, cadê a droga isso pelo quintal, entrou pelo quintal pela frente lá se vem o cara que eu vendi a droga todo quebrado, o nariz saindo sangue e a polícia segurando nos cabelo dele e ele algemado e o cara pá diz assim pra não de cabuetar ele faz pior, de quem é a droga vagabundo e tal?

Neste impasse o rapaz acusou sua mãe e Afrodite percebeu que a situação era mais grave do que imaginava, depois disso a polícia começou a procurar a droga e complicando mais a situação de sua mãe, Afrodite tinha escondido a droga dentro da máquina de costura dela. O policial ao encontrar não teve dúvida, acabou levando sua mãe indiciada.

Olha a droga é dela, ai aponta pra minha mãe, diz de quem é a droga cara, não é da minha mãe não, diz que é minha, eu assumo que é minha, ele não é da Afrodite o cara muito doido, morto de drogado, não a droga é minha, pois cadê a droga ai começaram a dá vistoria na casa, a dá vistoria na casa todinha, e tudo e a droga tava perto da máquina da minha mãe, mais a minha mãe não tava costurando a máquina tá abandonada né, tava perto da máquina da minha mãe, ai leva as duas pra cadeia, mãe por favor me perdoa e tal, eu querendo fazer de tudo pra livrar a minha mãe, ai o cana diz assim, olha você é de menor você tá querendo fazer de tudo pra livrar a pele da sua mãe que é de maior, eu não a droga é minha pelo amor de Deus a droga é minha e ele ó a “sua mãe é traficante”, é não é não pelo amor de Deus a droga é minha, ele disse assim “você tá querendo livrar a cara dela porque ela é de maior”, ai pronto cara levaram a minha mãe pro camburão e me levaram “rumbora”

⁷⁶Cigarro de maconha.

leva tudinho, ai a partir daquele momento a minha vida acabou, a minha vida acabou mesmo, pense ai, ai levaram a minha mãe pro presídio e eu pra FEBEMCE, fui pra FEBEMCE de novo.

Pelo tempo que a mãe passou na cadeia ela se arrepende, mas logo depois que saiu do Instituto Moacir Bezerra, assumiu a casa materna sozinha e a transformou como mesmo fala no “cantinho dos vagabundos”, no motim, no Conjunto Ceará era conhecida por sua chama.

...quando eu sai eu vi todos os amiguinhos né todos os amiguinhos, eu vi o cara que me deu a droga, o pai da minha primeira filha, só que eu não fiquei com ele, eu fui curtir, me deram a chave da minha casa, da casa da minha mãe fiquei morando só né, fiquei morando com os amigos curtindo se drogando pixando, pichei minha casa todinha, a minha casa ficou pense o cantinho do vagabundo, o motim, ai pronto eu não tinha cabeça pra pensar na minha mãe, só em me drogar, transar.

Logo que saiu, invés de visitar mãe voltou para a vida que estava levando anteriormente. Mesmo sentindo-se culpada, voltou a mesma rotina, o mundo das drogas e das festas representavam muito para Afrodite, o estar com os amigos, que tinham envolvimento variados com o mundo do crime, servia como motor para suas ações.

Ela passou 8 meses no presídio de graça, por minha causa, isso eu não me perdôo nunca, por isso que eu não lamento por eu tanto sofrer, porque eu acho que eu mereço né, tirei vidas, fiz pessoas inocentes sofrer por minha causa, eu acho que isso não tem preço que pague(Afrodite).

Hoje em relação ao seu modo de agir, refere-se “que queria sumir, sumir me acabar, me acabar sem nunca ter existido na face da terra, eu me acho um lixo”. O arrependimento faz parte da fala de Afrodite, sabe que fez sua mãe sofrer. Se diz arrependida.

Não é por isso que eu lamento, mulher, o passado nunca vai se acabar, por mais que eu volte a me regenerar, a ser uma pessoa do bem, nunca vai sair da minha mente, o que eu passei dentro da cadeia, e nem o que eu fiz. Tudo bem, minha mãe foi pra cadeia, eu fui pra FEBEMCE ai depois daquele tempo, depois de tudo isso eu fui visitar minha mãe, lá na cadeia do presídio velho, eu era de menor ainda a minha filha foi levada pro presídio a minha primeira filha, foi levada pro presídio velho, e ela ficou tomando de conta da

minha filha e eu fui pra FEBEMCE, ai eu fiquei na FEBEMCE, fiquei, fiquei 3 meses não, não foi 3 meses não, foi 6 meses né, e ela ficou no presídio depois que eu sai, eu pensava que eu ia ter pena dela, mais como a minha cabeça era só de idiota mesmo naquele tempo, eu fui curtir, não me lembrei da minha mãe no presídio, tu acredita não é isso ai que eu não me perdôo, eu fui dura, eu fui um monstro né, por ela tá presa do presídio por minha causa, e eu não dá atenção, dá carinho dá força, ir visitar ela no presídio porque eu me soltei primeiro né eu era de menor e tudo eu me soltei primeiro do que ela, e ela não, ela ficou no presídio sofrendo por minha causa.

As coisas foram ficando mais sérias sem a presença de sua mãe em casa, seus amigos começaram a repartir roubo em sua residência Já estava segurando revolver para roubo. Durante nossas conversas percebia que Afrodite orgulhava-se de ter feito tantas coisas. Fazia questão de revelar ser uma mulher apaixonada, não somente pelos homens.

Mas, um dia teve que parar foi novamente para o Abrigo/ Albergue - situado na Praça da Sé, de lá retornou para o Moacir Bezerra.

....saí pior do que o que eu entrei né, saí pior mesmo, é tanto que quando eu saí eu não pensei nem nela, pensei só em curtir, transformei a casa dela naquelas casa de malandro, malandro mesmo, o vagabundo mesmo pense, repartindo roubo lá dentro de casa, os cara trocava bala e tal, era a maior onda mesmo, mas acima de tudo, eu era chefe de tudo que a casa era minha né, de tudo tenho que ter um pouco, segura os revólver Afrodite, pá, eu segurava os revólver, segura as parada Afrodite segurava tudo né, eu a minha mãe tava perto de sair, eu pedi apoio a FEBEMCE, mais não tinha aonde ficar tal fiquei na FEBEMCE, me transferiram pro Moacir Bezerra, abrigo de menor, eu fiquei lá no Moacir Bezerra era muito triste tudo.

Neste momento sua mãe havia saindo do presídio e foi buscá-la, no Moacir Bezerra, para ela foi uma emoção muito grande, por que pensou que sua mãe nunca mais queria vê-la, mas ao entrar no presídio, sua mãe passou a freqüentar os cultos dos evangélicos⁷⁷.

.... já transformada já não era mais aquela pessoa de jeito maneira, ai pronto a minha mãe chegou lá de repente, Afrodite, quem é? Uma surpresa, que “surpresa, eu não tenho surpresa”, vá ali na sala da assistente social que tu vai ver, quando eu cheguei lá a minha mãe, eu comecei a chorar, quando eu comecei a chorar ela disse assim oi Afrodite, mãe por que tu tá diferente? Porque agora eu sou uma serva de Deus, eu não sou mais aquela sua mãe de antigamente, vamos pra casa, ai eu não eu não quero ir, ela vamos Afrodite, pra casa, eu tô lhe chamando, a senhora não vai fazer nada comigo? Olha eu te perdôo, eu tenho Deus no meu coração, eu não sou mais aquela pessoa que eu era antes, eu te perdôo, vou recomeçar minha vida tudo de novo, vamos pra casa, vamos sair desse lugar, chega de prisão, tudo bem, comecei a chorar, tá legal vamos, a gente foi pra casa, me levou quando eu cheguei em casa, a casa não era mais aquela casa, era uma casa totalmente diferente, ai tudo bem, voltei pra casa, me abraçaram, me apoiaram e eu me senti muito bem, elas não me abandonaram naquele tempo,...

⁷⁷Há vários grupos religiosos que freqüentam o presídio, eles fazem pregação, tanto católicos, como protestantes, todos de certa forma estão no espaço prisional.

Apesar do retorno a casa da mãe, Afrodite, mais uma vez, envolveu-se com o crime, desta vez, um delito mais grave. Tramou a morte do rapaz que havia entregado o local da compra da droga, mas sabia que não podia fazer isso sozinha. Então se utilizou do amor que o seu atual namorado sentia por ela e pediu que o outro o matasse. Em nossas conversas, percebi que Afrodite se contradizia. No início, disse que pediu para matá-lo, depois afirmou que queria somente dá uma “prensa”⁷⁸ nele. Observemos o relato:

eu piorei, eu não me regenei, eu comecei a sair de casa, porque eu já me dominava, já era mãe de uma filha, eu me achei no direito chegava depois de 2 dias, 3 dias em casa, só curtindo né, meus amigos me ajudavam a estragar com a casa da minha mãe e nisso a mãe de uma amiga minha morreu de câncer, a mãe dela deixou a casa com tudo dentro pra ela, toda chance que eu tinha de sair eu ia pra lá, quando eu chegava lá eu me afundava nas droga, me afundava na droga, me aprofundei mais, em cada coisa ruim da vida eu me aprofundei né, eu vi amigo meu matar amigo meu, e aquele que me cabuetou no dia da prisão da minha mãe, eu mandei matar ele, mandei, mandei sem pena e sem dó, porque ele foi o começo, foi o início de tudo, de todo o meu ódio, assim né, de toda assim a minha mágoa de ver a minha mãe presa inocentemente no meio de tudo que é de ruim que você imaginar, dentro de uma cadeia tem.

A “lei do mundo do crime” é diferente, tanto no “mundo da liberdade” como “mundo da prisão”. “Cabueta” não é considerado, eles esperam um “vacilo” para “fechar” indivíduo. E foi isto que Afrodite fez, ao receber a notícia que ele estava na área; com estas palavras a entrevistada fez referência ao rapaz que para ela destruiu sua vida e de sua mãe.

O Cabeção tá lá na pracinha muito doido, “é mesmo me deu aquele ódio, eu drogada e tudo, e eu tinha o poder, eu tinha o poder porque eu tinha amigos que não tavam nem né, e eles tem ódio de cabueta, tudo bem né, chama os meninos, cadê os meninos e tal, não os menino tão ali na parada de ônibus e

⁷⁸Dá uma lição.

tal, e isso eu muito longe da minha mãe né, sem ela saber aonde eu tava, o que tava acontecendo, ai eu pá né, chamei o Satã que era o meu namorado né que eu tava namorando com ele, chamei o Satã, chamei o Caco, chamei o gambá, “Satã tu me ama”, “claro fia, Afrodite te amo e tal”, “tu me ama?” ó é assim o cabeção tá, tu tá ligado que a minha mãe foi pra cadeia, eu não perdôo isso não, tu no gosta de mim? Gosto pois vai lá e dá um pau nele, eu mandei dá um pau , eu disse assim olha eu quero que dê um pau nele tá ligado, eu vou ficar aqui eu vou fumar esse baseado aqui, quando eu voltar eu faço a presença de vocês, e hoje, e quando for hoje nós vamo cair fora, dá só um pau nele mesmo, ai tudo bem, os cara muito doido eu não pensei que eles ia matar ele né, mais quando eles chegaram lá na pracinha ele reagiu né, é bicho os cara quebrado, chegaram quebrado sem ele saber porque, ai tudo bem né, eu tô lá e tudo os cara chega correndo né, passa voando, só o Satã que fica né, vamo Afrodite vamos sair fora, e eu, não, não o que foi que aconteceu o que foi, vamo sair fora, ai a gente saiu fora, fomo lá pras Piçarra, Piçarra era outro bairro né, quando a gente chega lá no bairro, o que foi tu quebrou ele? Não nós demos só um pau nele e tal, tudo bem quando eu voltei pra área eu soube que os cara tinha matado ele. Mataram ele de pedrada e de punhalada, mataram ele é “Afrodite tu mandou matar o cara e tudo”, “não que papo é esse”, “eu não mandei matar ninguém nem”, “não porque o cara tem um furo na tua mão e tal”, “eu tu é louco”, é “cara tu acha que eu sou capaz, eu não, olha o que ele fez comigo, ele botou eu pra cadeia, botou minha mãe também, mais isso ai tá dizendo nada, nada, olhe cara eu não mandei matar ninguém não, jamais eu vou ser réu confesso entendeu, hei “Afrodite tu mandou”, “mandei não”, ai tudo bem né, sei que mataram ele né, ele morreu certo, morreu como cabueta, às vezes eu me arrependo, mais isso pra mim não tá dizendo nada, por ele ter morrido, porque ele estragou com a minha vida e com a vida da minha mãe.

Afrodite foi acusada de homicídio pela morte deste rapaz, foi presa e cumpre pena de vinte anos, devido à premeditação do crime. O namorado a denunciou e Afrodite sentiu que o amor se transformou em ódio. Seu olhar, ao falar dele, expressava uma raiva acumulada, um sentimento que chegava a assustar a estrutura de qualquer pesquisador. A mulher apaixonada também demonstrou seu lado obscuro. No dia da rebelião, por causa da moça que degolou a sobrinha, Afrodite fez valer sua voz.

...No dia da rebelião, eu estava só de brincadeira, eu sou conhecida aqui por adorar uma câmera. Toda vida que vem reportagem eu me arrumo toda e dou entrevista. Eu não podia perder no dia da rebelião, quando eu vi um monte de bata das agentes penitenciária fui só a conta, peguei uma e saí por aí desfilando. Chegava nas câmeras, dava tchauzinho e depois quebrava mesma, foi um curtidão. Eu me senti a própria, as meninas que ficaram frescando, tavam dizendo: Que meu sonho era ser agente por um dia (Afrodite)

Traz consigo alguns sentimentos como descrença no sexo masculino e afirma, hoje, que seu coração está debaixo de seus pés, demonstrando a sua falta de crença nos homens, as experiências anteriores foram significativas demonstrando uma relação cheia d situações difíceis.

... Uma amiga minha conseguiu ele pra mim, eu tava separada, só que com um jogo de cadeia, jogo de cadeia é só namoro nada sério né, ele quer que eu vá visitar ele, diz que vai fugir daí e tal ai eu não, não tá certo, eu te amo, te amo, só que eu não gosto de ninguém, meu coração é debaixo dos pés tá ligado, o coração de gente que sofre demais, não consegue mais amar ninguém, principalmente com o que aconteceu comigo, eu acho que isso ai já é uma grande mágoa que eu tenho de amor, né porque tudo isso aconteceu comigo, por que? Porque eu amava demais o certo! Eu deixei me envolver pelas palavras dele, pelos sentimentos mentirosos dele né, eu acreditei demais, no pai da minha filha esse que rolou uma onda com ele, eu deixei acontecer isso, um latrocínio, 11 anos de cadeia, ele dizia pra mim que nunca ia me abandonar que eu era a mulher da vida dele, tudo bem eu sai primeiro de que ele, porque ele assumiu o homicídio né, ele assumiu o latrocínio e tudo, ai sai primeiro de que ele ai eu fiquei visitando ele, a gente no fomo transferido pra Fortaleza né, eu fui transferida pro presídio velho e ele pro penal, ai tudo bem eu sai primeiro do que ele, tive uma filha dele dentro do presídio e tudo, eu tudo que uma mulher pode fazer pelo marido que ama eu demonstrei pra ele que eu era uma grande mulher e que eu amava ele de verdade, só que ele reagiu diferente né, ele tá pá tava ai no presídio eu visitava ele trazia a filha dele ai, ele foi furado ai foi levado pro Frotão, eu ia ver ele no Frotão, ele foi pro Otávio Lobo, tudo que é tipo de cadeia eu visitei ele, só que quando ele saiu, ele não me demonstrou amor certo.

Entre as situações colocadas, o espancamento e violência psicológica foram maneiras encontradas pelo marido para expressar sua revolta, Afrodite já não agüentava sofrer como sofria.

Ele queria me espancar botava revólver na minha boca isso dentro da casa da minha mãe né, ele tinha a casa da mãe dele deixou pra ele no interior que era a casa que a gente tinha marcado os esquema, tinha mais a gente não podia ir lá, porque a população queria matar a gente ainda, ai por isso que a gente tava na casa da minha mãe, ai quando ele saiu da cadeia depois de tudo isso que aconteceu, quando ele saiu, ele saiu mais revoltado, ele não demonstrava mais ter amor por ninguém, como assim não deixava a criança dele chorar a filha dele chorar, já queria logo da palmada na menina, porra Afrodite essa menina não para de chorar queria logo bater na bichinha, queria dá em mim, botava revólver na minha boca, chegava super drogado dentro da casa da minha mãe de madrugada, pô isso ai né, separou acabou com tudo né, ai tudo bem, eu peguei as coisa dele e joguei no meio da rua, eu joguei, porque assim eu amava ele demais certo, eu amava, amava o ciúme doentio, a gente deixa porque ama demais, um ciúme doentio, não tinha mais condições da gente viver junto, a gente todo dia brigava todo dia e eu coloquei na cabeça que tudo aquilo que ele me prometeu ele não fez né, ai pronto se é de sofrer mais ainda por ele é melhor a gente acabar, então pronto todos os dias a gente brigava, então pronto eu peguei as coisa dele joguei tudo no meio da rua, a gente se separou.

Na sua segunda prisão, já separada, Afrodite, encontra-se com um dos chefes do crime organizado, conheceu também através das catataus. É engraçado como Afrodite construiu exigências para poder aceitar o pedido de namoro de seu pretendente. Existem certos códigos que deverão ser respeitados, como: de o pretendente ser bonito, ter certa condição para que possa dá alguma ajuda para a pretendente (o homem deverá ajudar financeiramente, ou terem que dá alguma coisa em troca da presença da namorada, da companheira. Estas foram sendo aperfeiçoada por Afrodite, é necessário não ser barrigudo, nem careca e não usar chapa (dentadura). Estas condições foram colocadas por algumas entrevistadas que conheceram seus pretendentes através dos catataus, mas Afrodite catalisa todas as regras e repassa para as colegas de presídio.

No dia que eu fui pela primeira vez, cheguei na ala dele e pedi para falar com o Márcio, ele não tava na cela dele, tava resolvendo uma parada fora. Aí o outro chapa dele pegou o celular e ligou pra ele. Ele perguntou quando queria falar com ele e eu não ia dizer que era eu, depois ele era barrigudo e feio, disse que era um recado da Renata. Lá vem ele, correndo, quando chegou vem conversar com ele. A primeira coisa que disse foi que pensou que seria eu, mas eu fiquei calada, queria ver se ele usava chapa, se usasse eu saía de lá direto. Fiz ele rir e vi que era os dentes dele mesmo. Só aí eu disse que era eu mesma (Afrodite).

Mas Afrodite também gosta de amar diferentemente. Para revelar que também sentia atraída por outras mulheres, foi muito difícil, pois as bissexuais não são bem vistas pela comunidade presidiária. O medo de retaliações é freqüente, gosta de uma companheira de cela. Sua esperança é o dia de costura, pois pode conversar mais tranqüilamente com o seu amor secreto.

O capítulo II tem como objetivo demonstrar que estas histórias relevam o meu objeto de estudo, ou seja, a cada relação de mulheres, entre seus parceiros e parceiras, famílias e as diferentes formas de amar. Diversificam os tipos de relação, as tipificações vão sendo construídas, posicionando-se entre a tensão, a complexidade e a busca de serem mulheres.

Capítulo III

Por uma genealogia da Visita Íntima

Ao se perguntar pela sexualidade das mulheres encarceradas no Instituto Penal Feminino Desembargadora Aurí Moura Costa, posso perceber uma série de transformações ocorridas no campo das relações sociais no interior do sistema judiciário e da prisão. Para falar desta realidade, tem que se ter em mente que num espaço legitimado para a repressão, a figura feminina é subjugada, como na maioria das sociedades, apesar das práticas feministas e humanitárias que buscam o enfrentamento desta realidade social.

Para refletir sobre tal questão, deve-se entender como foi construído o benefício da visita íntima para quem está encarcerado. O percurso social se estabelece através de instituições delimitadas por um mesmo universo, os homens são regidos por leis e normas que são regimentadas diante de um estatuto jurídico e outro moral. Pode-se perceber pela estrutura montada, o mundo jurídico é acionado pelas leis e normas concentradas no código penal, na Lei de Execuções Penais, enquanto que o moral são as regras sociais que são mantidas pela tradição. No caso da visita íntima, a sociologia (SIMMEL, 1987) se encarregará de repassar a estrutura necessário para a manutenção do benefício.

Revela, assim, uma espécie de genealogia da visita íntima, ou seja, delimitando sua origem e o percurso que teve dentro da história das prisões. O sentido dado á visita íntima será constituído diante de vários anos de transformações entre o Código Penal, Lei de Execuções Penais e de um código simbólico, que é o valor as relações ocorridas em nossa sociedade e no espaço do cárcere, estabelecendo determinadas normas de conduta social. Demonstrem-se resoluções que são configuradas pelos operadores do

direito e pela sociedade civil (através de todos que estão envolvidos, como: parentes, cônjuges, advogados) etc. O primeiro grupo toma a dimensão jurídica do fato e a segunda dimensiona o estatuto antropológico, assumindo a lei que organizará a manutenção do benefício. Esta lei será gerida pelos encarregados da prisão, neste caso, as agentes prisionais, a direção, os guardas, todos que de alguma forma estão envolvidos com esta realidade.

Em busca desta resposta tive a possibilidade de percorrer caminhos tanto da aérea jurídica como uma visão sócio- antropológica do cárcere. A primeira, devido às inúmeras delimitações da Lei, as quais podem encontrar tanto no Código Penal, na Lei de Execução Penal e em Resoluções federais que serviram de parâmetro para os diversos Estados Brasileiros e no mundo. A segunda ressalta um movimento constituído em torno das ações do grupo encarcerado e outros níveis da sociedade, como operadores do jurídico, grupos de Direitos Humanos (COLIBRI, Associação de Juízes para Democracia, Comissão de Direitos Humanos – CE e SP) e pessoas sensíveis a causa (Pastoral Carcerária).

Neste sentido, podemos observar toda uma socialização em torno da visita íntima. Mesmo quando não estava determinada na lei, o conjunto de reações tomadas pelo grupo de homens e mulheres encarcerado refletia a busca de outras formas para exercer a sua sexualidade. Temos como exemplo a dissertação de Amparo (1988), que pesquisou a sexualidade feminina numa instituição prisional, numa cidade de Pernambuco. A autora relata experiências onde a sexualidade das mulheres no presídio é reprimida, tanto pela ordem religiosa que coordena o presídio, como no âmbito jurídico, que resguarda as resoluções tomadas para gerir o cotidiano das prisões, tanto no atendimento da mulher e do homem presos.

Assim, abria-se um espaço para criar novas formas de envolvimento sexual, através de relações homossexuais, masturbação e outras estratégias. Mas o tempo passa e com ele, novas resoluções jurídicas foram aparecendo. O exercício ao direito à visita íntima percorre, um todo emaranhado que vai do velado/punitivo ao liberal coercitivo, podemos entender este movimento através das formas de socialização dentro do ambiente

prisional, antes, o encontro, a chamada visita íntima não era permitida, ocorrendo de forma velada. Os encontros eram realizados às escondidas e se descobertos seriam punidos e modo exemplar. Com o passar do tempo, e com as mudanças no interior das leis que regulam o atendimento aos detentos(as), este benefício começou a se configurar passando do liberal, pois pudesse ter à visita, mas a disciplina e as normas que a orientam passariam de democráticas para coercitivas, o benefício à visita íntima será uma nova forma de coerção.

A visita íntima, por algumas décadas, ocorria segundo a análise de cada caso, começam a se configurar a busca desta abertura. O benefício é concedido primeiro aos homens, como veremos nos anos 30, enquanto as mulheres só tiveram este benefício com uma diferença de quase 50 anos em relação aos homens. Neste sentido, a visita vai construindo formas para sua efetivação, homens, mulheres, companheiros(as), esposos(as), profissionais do sexo. Todos que, de certa forma, estão envolvidos nesta realidade. Isto demonstra algumas faces da visita íntima. Passados 74 anos pode-se entender que o direito foi constituído em torno das ações e reações colocadas no cotidiano. Homens que se rebelaram, violências, abusos, a promiscuidade ocorrida dentro do espaço prisional, até chegar na nova forma de coerção. Tudo se direcionava para a efetivação do direito a visita íntima.

Presos e presas tem o direito a ver seus parentes, mas a prisão representa igualmente os códigos morais estabelecidos na sociedade fora do mundo da prisão. O homem é mais privilegiado que a mulher. Tanto que, com o passar dos anos, mulheres foram sendo esquecidas atrás dos muros das mais diferentes prisões. A reprodução social, também, é colocada no universo prisional, como a mulher não tivesse direito e fosse biologicamente anormal. É uma contradição. As mulheres encarceradas em São Paulo só viessem receber o benefício no ano de 2002. Até que ponto as resoluções não são colocadas de lado, em favor de atitudes tomadas fora das necessidades reais da comunidade carcerária. Hoje, no Brasil, a visita íntima é um dos itens para elaboração de critérios para diferenciar um atendimento humanizado no espaço prisional.

O tempo configura as transformações ocorridas em nossa sociedade, através das resoluções no âmbito jurídico e nas maneiras informais de rebelar-se no cotidiano prisional. Mas vejamos como a visita íntima se insere dentro do discurso jurídico e das ações cotidianas.

A primeira experiência de visita íntima pode ser considerada, o pernoite⁷⁹, concedido a presidiários e suas esposas, a partir de em meados da década de 1930. O responsável por tal “benefício” foi o pernambucano Roberto Lyra⁸⁰, de grande importância no mundo jurídico, ícone das atividades do Ministério Público. Mas sua posição causou furor e revolta na sociedade da época, fazendo-o desistir de avançar nesse benefício, devido às pressões sofridas e inconveniências causadas à sua carreira⁸¹.

Nesta mesma época, ocorre a primeira tentativa de uma codificação a respeito das normas de execução penal, elaborada por Cândido Mendes, Lemos Brito e Heitor Carrilho⁸² que foi abandonada, não sendo promulgada no Código Penal de 1940. Seria nestas normas que o direito à Visita Íntima poderia ser previsto. Assim, em 1951, o deputado Carvalho Neto elaborou um projeto de lei no qual seria aceito e resultou na aprovação da lei no. 3274, de 2 de outubro de 1957, passando quase vinte anos. Deste material, ocorreram várias transformações, das quais remetemos que sua reprovação foi devida não prever sanções para o descumprimento dos princípios das regras contidas na lei. Em 1963, Roberto Lyra, novamente, redige um anteprojeto de Código de Execuções Penais, que não foi transformado projeto em lei, devido o golpe de 1964. Somente o texto de Benjamin Moraes Filho, em 1970, novo anteprojeto de Código de Execuções Penais, mas não foi aproveitado. Somente o texto elaborado por uma comissão instituída pelo Ministro da Justiça e composta pelos professores Francisco Toledo, René Ariel Dotti, Miguel Reali Júnior, Ricardo Antunes Andreucci, Rogério

⁷⁹concedido em unidades de privação de liberdade, e em outras instituições que é necessário permanecer durante a noite. No caso dos homens e mulheres preso(a)s, recebem este direito no dia do preso, na noite de natal, nos dias das mães e dos pais.

⁸⁰Jurista e promotor sempre se preocupou com causas ligadas aos direitos humanos, mesmo que na década citada não existisse esta nomenclatura.

⁸¹Cf. CORRÊA, Mariza. Crimes de Paixão. Pg. 43, Ed. Brasiliense, 1981.

⁸²Juristas encarregados de elaborar a Lei de Execuções Penais.

Lauria Tucci, Sérgio Marcos de Moraes Pitombo, Benjamin Moraes Filho e Negi Calixto apresentou o ante projeto da nova Lei de Execução Penal. Passou, ainda, por várias opiniões de cunho jurídico. Até que, em 29 de junho de 1983, o então presidente da república João Figueiredo encaminhou o projeto ao Congresso Nacional. Em 11 de julho de 1984 é promulgada a Lei de Execução Penal, que levou o no. 7210. (Mirabete, 1993.p33).

Como podemos ver, o campo jurídico se arrastou por mais de 50 anos para fundamentar uma lei que pudesse regulamentar as ações da Execução das Penas e medidas de privativas de liberdade. Enquanto isso se constituiu redes de socialização para efetivar o exercício da sexualidade, fundamentando ações e reações com diversas características, em cada Estado e estabelecimento prisional.

Contudo não posso deixar de ressaltar que o comportamento do preso e da presa, anteriormente, era delimitado através dos dispositivos do decreto-lei no. 2848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal. Cada presídio tinha sua própria forma de organizar as ações que estabeleciam não somente uma lei, mas várias que seriam geridas de acordo com o Juiz de cada Estado e o diretor de cada presídio, especificando autuação no interior da prisão.

Através dos artigos do código penal pode-se perceber:

Art 3^o - Dentro de 1(um) ano, a contar da vigência da Lei, a União, os Estados, o Distrito Federal e Territórios tomarão as providências necessárias para a efetiva execução das penas restritivas de direitos, ou penas privativas de liberdade sem prejuízo da imediata aplicação e do cumprimento dessas penas onde seja isso possível.”

Art.668. que diz da “execução, onde não houver juiz especial, incumbirá ao juiz da sentença, ou , se a decisão for do tribunal do júri, ao seu presidente”.

Parágrafo único. “Se a decisão for de tribunal superior, nos casos de sua competência originária, caberá ao respectivo presidente prover-lhe a execução. Na maior parte das vezes, a lei exerce dentro do ambiente prisional”.

O Estado estabelecia, desta forma, uma orientação para regular as ações legais dentro da sociedade e no espaço do Cárcere, orientando para um comportamento disciplinado e delimitado por cada estado, decidido pelo juiz do tribunal superior em nível macro e da própria organização do presídio. As personagens mais representativas eram o diretor e o chefe da guarda. Mas, tal situação não estava definida em lei, um poder concedido sem o estabelecimento de uma ordem formulada no Código de Processo Penal.

Na realidade, o diretor tinha plenos poderes dentro do presídio, mas a figura do chefe da guarda delimitava-se para além de suas funções estabelecidas formalmente. Conhecido popularmente como “carcereiro”, representava uma das peças chaves do sistema carcerário da época, revelando mais concretamente uma estrutura entre dominantes e dominados. Como ressalta Bourdieu(1989), o trabalho de compreensão objetivo das práticas exercidas pelos agentes sociais devem ser observadas através da mediação entre agente social e sociedade, estabelecendo assim a problemática para a pesquisa sociológica.

Eles impuseram formas de agir e de se comportar dentro do espaço do cárcere, legitimando práticas diversas tanto punitivas como de indulto. Nesta perspectiva, a prática desenvolvida nos presídios delimitava-se entre a tortura e a troca de favores pessoais, envolvendo dinheiro ou regalias. Assim, o “carcereiro” é o agente que ficou no imaginário popular, sendo, hoje, difícil compreender a sua função.

O presidente dos Agentes Penitenciários do Estado do Ceará, em uma conversa informal, relatou existir hoje uma ação para remodelar o comportamento dos agentes e a própria caracterização do agente penitenciário:

Antes, nós éramos considerados como os carcereiros, aquela pessoa que intimidava hoje, a gente fica dentro do presídio com vários presos sem nenhuma proteção, sem arma, nós nos arriscamos muito. Por isso, queremos que as pessoas tenham outra idéia do nosso trabalho, além de ser muito estressante, gostaríamos de sermos valorizados enquanto profissionais. (24 05. 2003)

Com a mudança da lei, implementada no ano 1984, podemos verificar que a LEP, trouxe outra orientação para execução e cumprimento das leis. Podemos verificar isto através dos artigos (que ressalta a transformação da lei, tornando-a mais específica):

No Título I – Do objeto e da aplicação da Lei de Execução Penal:

Art.1^o A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

Art. 2^o A jurisdição penal dos juízes ou tribunais da justiça ordinária, em todo o território nacional, será exercido, no processo de execução, na conformidade desta Lei e do Código de Processo Penal.

Nesta perspectiva, a ação fica centralizada em nível nacional para todos os Estados, configurando um modelo de atuação referenciado pela Constituição Federal e pelo Código Penal. A Constituição de 1988 trouxe garantias explícitas para proteção da população encarcerada, entre essas o inciso onde é assegurado aos presos à integridade física e moral. A constituição avança e consta, na lei, a garantia de um tratamento não discriminatório (racial, social, religiosa ou político). Assegura leis voltadas para o indivíduo e sua ressocialização, legitimando uma prática orientada por princípios mais democráticos e igualitários. O indivíduo responderá delitos de forma punitiva, mas uma punição que possa restabelecer um novo objetivo de ressocialização para o(a) apenado(a). A lei de fato avançou, entretanto, a realidade dos Institutos Prisionais não acompanhou tal avanço. Levantam-se controvérsias em relação mais pragmática prevista na LEP. Na verdade ressalta, hoje, vários direitos para serem seguidos, no entanto, ao verificar como estes direitos e deveres são

exercidos, observa-se uma ação velada exercida pela a instituição organizada através da Ministério e Secretária de Justiça, Institutos Prisionais, Direção e corpo de funcionário, interrompendo uma prática mais democrática e ressocializadora, afirmada na constituição. Percebo esta realidade ao conferir os direitos e os deveres dos presos e das presas. Além de se constatar artigos relevantes que possibilitam o direito à visita familiar e o benefício à visita íntima, veja como se forma uma prática coercitiva no seu exercício.

Para verificar tal fato, vide o Capítulo IV da LEP- Dos deveres e dos direitos e da disciplina (Ver em anexo Seção I – Dos Deveres, Seção II – Dos Direitos, Seção III – Da Disciplina - Subseção I, Subseção II – Das faltas disciplinares, Subseção III – Das sanções e da recompensas, Subseção IV – Da aplicação das sanções, Subseção V - Do procedimento disciplinar). Na seção I, pode-se verificar a utilização de normas que deveriam ser cumpridas dentro do espaço do cárcere. No caso de um mau comportamento ou divergência, o apenado sofrerá sanções que estão estabelecidas na própria LEP. Façamos fazer referência ao Art. 53. Seção III - que suspende ou restringe os direitos assegurados e na Seção II Art. 41. (parágrafo único), em que a visita íntima através de regulamentação estabelecida pelo Estado faz parte. Nesta perspectiva, vê-se, de certa maneira, uma utilização prévia dos direitos como “barganha” para um comportamento disciplinado. Sobre esta realidade temos um relato seguinte reflete esta perspectiva; *Quando é semana da visita a gente fica mais calma, se tiver uma cruzeta⁸³ a gente deixa pra cobrar depois... (Afrodite).*

A realidade passa a conter não somente uma perspectiva direcionada para os direitos ou benefícios concedidos á’ população carcerária, mas expressa uma tensão que fundamenta a ação de diversos presídios tanto em nível estadual como federal. Tanto a visita familiar como visita íntima podem ser utilizadas como um mecanismo de coerção dentro do espaço prisional. Os direitos básicos foram ser garantidos pelo Estado, no entanto, a qualidade não é boa. Exemplo disso retira-me ao fornecimento de água no presídio que além de ser insalubre é ligada somente por 20 minutos por dia. Não se pode tirar as condições estruturais como iluminação, alimentação,

⁸³Armadilha, momento de perigo.

dormitório, atendimento médico etc. Estado lança mão de bens simbólicos de importância subjetiva, como o banho de sol, a visita íntima, o uso da tv, que também fazem parte do universo da mulher encarcerada. São possibilidades de ações que fragilizam a humanidade e deterioram a subjetividade daqueles que se encontram no ambiente prisional. A coerção será o instrumento para esta ação.

Com esta referência, ressalto a importância do Art. 41 item X – que se refere à visita do cônjuge, da companheira, de parentes e amigos em dias determinados. Neste artigo verifica-se uma ambigüidade, pois ele ressalta a visita, mas não a visita íntima, ficando a cargo do juiz da Vara de Execuções do Estado conceder ou não o benefício e do diretor do presídio estabelecer critérios para o direito á visita íntima. Fica, em aberto, sofrer ou não sanções de acordo com o comportamento do preso.

Uma das reivindicações da Comissão dos Direitos Humanos é o estabelecimento da Visita Íntima como um direito fundamental. Mas existem controvérsias dentro do Poder Jurídico. Se a visita íntima se tornar um direito, deverá ser implementada em todos os Estados⁸⁴, além de que, em muitas legislações, a visita íntima é considerada recompensa ou regalia, gradativa ou limitada, e concedida às presas (as) de ótimo comportamento. A tendência moderna é de considerá-la como um direito, ainda que limitado, do preso. É um direito limitado por não ser expresso na lei como um direito absoluto e sofrer uma série de restrições, tanto com relação às pessoas, como às condições que devem ser impostas por motivos morais, de segurança e de boa ordem do estabelecimento (Mirabete, 1993).

Assim é delimitada a posição da visita sexual na lei de execução brasileira. Como consta no art. 41 X, o preso tem direito a visita do cônjuge ou companheira e o contato íntimo está entre os direitos não alcançados pela sentença ou pela lei (art 3º) porém é limitado, já que pode ser suspenso ou restringido mediante ato motivado do diretor do estabelecimento(Art. 41, parágrafo único). Ou seja, dependente do comportamento do preso, que delimitará a aprovação do benefício.

⁸⁴Como no caso de São Paulo, que ainda não é permitida a visita íntima para as mulheres presas.

A concepção da Visita Íntima/conjugal como direito do apenado consolidou-se há algum tempo, tendo superando argumentações arcaicas n sentido de ser a mesma regalia do recluso. Desde 1971, a Carta de Princípios do Congresso Estadual de Penologia e Direito Penitenciário, realizado no Rio Grande do Sul, passou a recomendar tal entendimento, asseverando ser a visita íntima um direito inclusive para manter-se relações sexuais, seja homem ou mulher, casado, concubino ou solteiro.

Em outubro de 1999, o II Encontro da Execução Penal, realizado pela Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, recomendou em seu item 9 a *“implantação de programas de orientação aos visitantes “incluindo a visita de companheiros do mesmo sexo, prevenido, desta maneira, doenças sexualmente transmissíveis(...) possibilitando o sexo seguro”*. O Secretário de Justiça de Pernambuco foi o primeiro a reconhecer o direito à visita íntima aos presos de orientação homossexual nos estabelecimentos penitenciários.

E, finalmente, o próprio Conselho de Política Criminal e penitenciária do Ministério da Justiça, através da Resolução no. 1 de 30/03/1999, recomendou que os presídios de todo o país assegurassem o direito à visita íntima a ambos os sexos, dispondo ainda acerca da orientação sobre as DST/AIDS e uso indevido de drogas, que deve ser promovido em relação da visita.⁸⁵

Em pesquisa na Secretaria de Justiça, tive a possibilidade de compreender como está regulamentada a visita íntima no Estado do Ceará. Na resolução de 30 de março de 1999, o presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) constitui a visita íntima em direito constitucionalmente assegurado aos presos, sendo elaborada a nível federal, que regulamenta a visita íntima nos estados brasileiros. Na nomenclatura utiliza-se a palavra direito, mas em entrevista com diversas o procurador de justiça do Estado, revela que:

⁸⁵Dados referentes a Resoluções, Congressos e Encontros que recomendam a visita íntima, foram fornecidos gentilmente pela historiadora Mariza Fernandes, ao artigo Encarceradas, igualdade de Direitos e a visita íntima de Alessandra Teixeira, advogada e integrante do Coletivo para Liberdade e Reinserção Social – Colibri.

O benefício será disposto a cada Estado, ficando relegando a ação do juiz da Vara de Execuções Penais. Ele será a pessoa que definirá o uso ou não do Benefício da Visita Íntima (Procurador de Justiça do Estado do Ceará).

Nesta realidade, as ações permanecem confusas, pois a visita íntima não está regulamentada na Lei de Execuções Penais, ficando a ser estabelecida pelo juiz da Vara de Execuções Penais de cada Estado, abrindo assim margem para a efetivação ou não do benefício. É interessante ressaltar que este benefício é exterior á Lei de Execuções Penais, sendo encarada como extraordinária. Assim, passa a ser fomentada de acordo com as relações de todos os interessados, tanto no âmbito legal, político e como no cotidiano do cárcere. São vários os elementos que possibilitam a discussão deste processo em nível estadual. No caso do Ceará, a LEP ainda não foi regulamentada. Sobre isso, a Superintendente dos Assuntos Prisionais relata:

A lei diz que nós devemos ter a LEP regulamentada em nossos estados e nós tentamos alguns contatos com parlamentares para que nós conseguíssemos esta regulamentação. Na verdade, eu estou aqui um ano, só! A gente não conseguiu por que todos estavam em final de mandato, preparando para a eleição, então foi um ano complicado. E, também os parlamentares não acham uma causa simpática. Por que todos que eu procurei, todos disseram assim: o preso vai sair com raiva, a família do preso vai protestar, eles tem medo de que isso cause alguma revanche e tal. Porque regulamentar a LEP, tanto diz respeito a parte de direito, você garantir os direitos que tem na LEP, como também você terá que garantir os deveres. E como nós temos o costume muito arraigado na questão das penitenciárias acaba por atingir. Por exemplo: Da família, da visita, por exemplo nós temos venustério no IPPO ⁸⁶, que os presos não querem visita íntima no venustério. Então isto pode causar uma antipatia para o parlamentar e ele acaba por não querer regulamentar, aí eu não sei como a gente vai conseguir fazer isso, pegar um parlamentar que consiga. Por outro lado, a gente também tem receio... Então a gente queria que estes parlamentares fizesse a regulamentação, mas também não queríamos que fosse um parlamentar neurótico, mesmo.... Pena de morte, eu não queria isto. Eu queria que as pessoas entendessem a necessidade de se regulamentar tanto o que se diz a direitos como deveres. E, se a gente pegar um parlamentar desses, eu tenho medo que a proposta possa sair pior do tudo que nós temos hoje. Que nós estamos trabalhando por analogia baseada numa jurisprudência nacional, baseada nas resoluções dos conselhos, Conselho Nacional de Política Criminal, Penitenciário. Então são coisas que tem um extremo respeito aos direitos humanos. Eu tenho medo que a gente pegue um parlamentar

⁸⁶É segundo Instituto Penal Olavo Oliveira, sua construção ocorreu em 2002 e tem como diferença a sua administração, que é organizada por uma empresa privada.

que não tem esta preocupação, eu acho e este ano a gente tem a intenção de provocar a comissão de direitos humanos, pra que os parlamentares que compõe a comissão de direitos humanos possa provocar a regulamentação da LEP. Porque nós temos, historicamente o sistema foi negando alguns direitos e estabelecendo algumas concessões que é pra calar a boca, que diz assim: nós negamos isso, mas nós damos isso. Aí o preso foi ficando calado e a família do preso, também. Hoje, nós temos uma situação que a mulher do preso acha inclusive que tem o direito de entrar com drogas, que ela tem o direito de entrar com qualquer alimentação, que ela tem o direito de entrar com qualquer equipamento. Chegou-se a este extremo...(Superintendente de Assuntos Prisionais, entrevista concedida em 18.01.2003)

Os profissionais do campo jurídico (diretores, defensores, promotores, juizes, policiais militares, agentes penitenciários), outros profissionais como assistente social, socióloga, médico e as mulheres encarceradas formam um conjunto de produtores de opinião diante da obtenção deste benefício. Mesmo que esteja regulamentado no Presídio Feminino do Estado do Ceará, são estes profissionais que determinam de certa forma a utilização da visita no cotidiano do presídio de acordo com o disciplinamento das mulheres encarceradas, dependendo do “humor” de alguns agentes, policiais e funcionários. Em nível macro, temos o relato da Superintendente de Assuntos Prisionais, mas cada agente citado acima exerce uma opinião sobre a questão dos direitos e deveres do preso (a).

Em matéria do Jornal intitulado “Juizes para a Democracia”(jul/set.2001), sobre a questão da mulher no sistema carcerário, no Estado de São Paulo, pode-me perceber a amplitude do problema apresentado. Em vários momentos houve citações, nesta matéria, afirmando que visita íntima seria uma regalia para presos(as). No entanto, percebe-se que, ao se tratar de um direito ou benefício ao exercício da sexualidade, compreende-se em seu sentido amplo, com a preservação da intimidade, não é possível afirmar que seja uma regalia, apesar de constar no Regimento Interno Padrão dos Estabelecimentos Prisionais do Estado de São Paulo, datado de 1999. Esse documento ressalta a permissão somente para pessoas do sexo masculino. No tocante a este ponto, a Resolução 1/99 do Conselho Nacional de Política Criminal e

Penitenciária já estabelece que o direito à visita íntima em presídios é assegurada a ambos os sexos⁸⁷.

Este dispositivo busca atender os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres presas, lhes garantido: acesso aos serviços de saúde da mulher; aconselhamento de saúde sexual e reprodutiva, incluindo a discussão e oferta de métodos contraceptivos e de prevenção às DST/Aids; sempre com observância à gravidez e à maternidade e a urgente capacitação das profissionais de saúde e agentes penitenciários.

Em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, é interessante contextualizar o seu percurso como parte dos Direitos Humanos. Estes foram reorganizados a partir da Conferência do Cairo (Egito/1994)⁸⁸, que estabeleceu princípios básicos para a legitimação dos direitos e deveres relacionados ao exercício da sexualidade de forma segura, sem preconceitos e orientada nos princípios formadores de uma cidadania plena. Para LONDONO (1993:87) os direitos sexuais e reprodutivos:

“concentram-se em informações sobre infertilidade/fecundidade, condições ambientais propícias as mesmas, optar livremente pela maternidade, legislação favorável, serviços seguros e com qualidade para fazer interrupções de gravidez, educação sexual, liberdade de acesso na escolha de métodos contraceptivos, proteção contra DST’s e Aids, estudo e apoio adequado para trabalhadoras do sexo, reconhecimento do prazer sexual como direito inerente às pessoas, respeito pelas orientações e exercício íntimo da sexualidade, ênfase na igualdade de responsabilidade entre homens e mulheres na formação ética, legal e garantindo sua presença nas instâncias que decidem sobre as tecnologias e pesquisas sobre saúde reprodutiva”.

No Estado do Ceará, a visita íntima está regulamentada na Resolução para os Estados, na LEP, passando a organizar os serviços, estendendo-se aos casais

⁸⁷Em conversa com Juízas do Estado de São Paulo, pude saber que a visita íntima foi concedida para as mulheres no ano de 2002, sendo uma avanço para o movimento de mulheres encarceradas do Estado de São Paulo.

⁸⁸Conferência mundial que teve com objetivo estabelecer os critérios básicos para a manutenção dos direitos sexuais e reprodutivos.

homossexuais femininos, ponto que parece ser contraditório, no tocante ao seu regimento na Lei de Execuções Penais. Em resumo, ressalta-se que a visita íntima preserva a ordem e os bons costumes, permitindo somente casais com uma união amorosa estável e continuada, excluindo-se a de caráter homossexual e a visita de prostitutas.⁸⁹ Na prática, esses casos excluídos ocorrem em conformidade com as decisões da direção do Presídio.

A VISITA ÍNTIMA: UM BENEFÍCIO OU UMA COERÇÃO.

Diante de um breve histórico, delimito a prática punitiva como um exercício das penas privativas de liberdade, onde o indivíduo perde o seu direito de ir e vir. A palavra prisão, no sentido que se encontra, hoje, surgiu a partir do séc XIX, dentro de uma estrutura da sociedade ocidental, mediante a construção social do indivíduo e de sua maneira de agir diante dos fatos individuais, coletivos e das ações dentro da sociedade.

Através do estudo das práticas punitivas (Foucault1999a, 1999b) geridas dentro de uma estrutura social, faço referência a categoria saber-poder colocada pelo autor, com objetivo de fundamentar as formas de saber como maneira de validar a produção de uma verdade. Roberto Machado reflete sobre a mesma questão, e ressalta; que (...) “não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (Machado, 2000, p.xxi).

Neste instante, retomo as considerações de Bourdieu, sobre a noção de campo social e campo de poder:

⁸⁹Na Venezuela, os presos tinham a permissão de receber prostitutas, contudo os casos de DST'S constatados foram bastante elevados devido a falta de um serviço mais rigoroso de prevenção às DST's e Aids.

(...)”entendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um quantum suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição de forma legítima do poder”(...)(Bourdieu.1989:28).

Para isso, Bourdieu faz referência à necessidade de perceber o “reflexo direto das relações de força existentes”, no *corpus* jurídico, orientando as estratégias de formação e de legitimação do discurso utilizado como um capital prático/simbólico que permite pertencer a este campo específico.

Ao realizar uma análise mais profunda da prisão, tem-se um outro olhar. Como ressalta Marc Augé(1994:80), a prisão é reconhecida como “um não lugar”, pois esta não é tida como um espaço em que se proporcione sociabilidade, questionando todas as tendências que fundamentam a ressocialização. Na realidade, Bourdieu reflete que na sociedade moderna o sujeito estava ligado à estrutura social de acordo com as posições sociais que o indivíduo ocupa de acordo com o capital cultural e econômico que detêm.

No entanto, hoje, percebe-se um processo no qual a fragmentação é peça marcante para a formação deste indivíduo e das sociedades modernas. Sua linguagem é expressa em forma de códigos dos quais nem todos têm acesso. No caso das mulheres encarceradas, percebe-se esta realidade por ações diferenciadas que se tornam formas concretas de agir. Cada mulher tem um “habitus” diferenciado para se manter dentro do espaço do cárcere. Apesar de uma grande maioria estar inserida numa mesma classe social, encontramos diferentes maneiras de se relacionarem e de se comportarem.

No entanto, com o passar do tempo, estas mulheres introjetam as normas, regras e os padrões exigidos para um bom comportamento, além de isto ter uma relevância para adquirirem o benefício da visita íntima. Para isso, a administração dos presídios relaciona a visita íntima como uma fórmula para “driblar” a violência que poderia ser cometida dentro do presídio, através de rebeliões, mortes, vingança. Na verdade, este direito, sem dúvida, estabelece uma relação tensa entre ser uma das

vertentes mais avançadas dos direitos humanos, e também ser uma relação de coerção, movimentando outra análise para a construção dos direitos do preso (a).

Como diria Girard, o grande objetivo da visita íntima é “desviar a violência”. Na passagem retirada da Bíblia, (...) a Bênção de Jacó por seu pai Isaac (...), traz de forma clara que a intenção da substituição sacrificial é enganar a violência:

“Isaac está velho. Pensando que vai morrer, quer abençoar seu filho mais velho, Esaú; pede que, antes da bênção, ele cace e traga-lhe um prato suculento. Jacó, o caçula, tendo escutado tudo, previne sua mãe Raquel. Ela escolhe dois cabritos do rebanho e com eles prepara um prato suculento, que sem tardar Jacó oferece a seu pai, fazendo-se passar por Esaú. Isaac é cego. Mesmo assim, Jacó tem medo de ser reconhecido, por causa da pele de suas mãos e de seu pescoço, que é lisa e não peluda como a de seu irmão mais velho. Raquel tem a feliz idéia de cobrir sua pele com a dos cabritos. O velho apalpa as mãos e o pescoço de Jacó, sem reconhecer seu filho caçula; é a ele que a bênção é dada” (Girard, 1923:16)

Nesta reflexão, o carneiro foi sobreposto a fim de evitar o contato direto entre pai e filho, resguardando Jacó da violência e possibilitando que seu pai, mesmo através do engano, pudesse o abençoar. Ao relacionar esta parábola com a realidade do cotidiano da prisão, faço referência á utilização da visita pelo judiciário como um poder simbólico⁹⁰, que pode desencadear uma violência que nem todos percebem. Somente aqueles que fazem parte, de certa forma, do cotidiano do cárcere, conhecem códigos expressos em condutas e regras para obtenção de um comportamento disciplinado.

Sobre a importância da visita íntima no presídio, a vice-diretora relatou que no estado do Ceará *as coisas acontecem, enquanto em outros Estados brasileiros ainda continua no papel*⁹¹. Ao ser indagada sobre a falta de condições do próprio presídio, fez referência que o presídio feminino é um dos melhores e as “meninas” (como chama as presas) se comportam muito bem. Lamentou somente que as mulheres não têm a compreensão dos direitos que lhes assistem. *“Elas não sabem dar valor”*.

⁹⁰O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (Bourdieu, 1989:9).

⁹¹Aqui, ela faz referência à falta de condições oferecidas para que a visita íntima seja regulamentada nos outros Estados, como vimos no Estado de São Paulo.

Durante as conversas com as mulheres encarceradas, elas sempre colocam como é bom terem o direito à visita íntima, no entanto, ao serem indagadas a respeito de como as relações ocorrem, percebo um medo aparente em seus olhares, como se não se sentissem bem. Várias relataram que sofrem humilhações, maus-tratos, sem falar dos parentes que para poderem entrar no presídio passam por uma revista rigorosa. Sobre a revista, esta é encarada como uma das situações mais humilhantes como neste relato pode perceber:

Ah! A vistoria (nome dado para revista) muitos se sentem constrangidos, principalmente se é a primeira vez, falam, reclamam da vistoria. Principalmente se, se trata de senhoras de idade. Por que acima de 60 anos, já não se agacha. Por que a vistoria que é feita normalmente, ela precisa se agachar, tem que abrir as pernas, fazer todo aquele sistema que faz: tirar a calcinha e tudo lá... Então tem esse processo todinho, tem algumas visitas que reclamam, se inibem e muitas das vezes têm vergonha de se despir na nossa frente. Eles dizem: Eu nunca fiz isso, nunca passei por isso. E a gente fala: Olhe senhora! Mas, a senhora vai ter que se submeter a essa vistoria, se a senhora se recusar não vai poder adentrar. (agente penitenciária, responsável pela revista).

O medo também está inserido na possibilidade de perder o momento de ficar com seu companheiro e/ou companheira. Por isso, na maioria das vezes, não contradizem estrutura do cárcere, assumindo uma ação conformista diante de sua condição de presidiária, mesmo diante das humilhações sofridas. A chefe das agentes penitenciárias ressalta que as mulheres têm medo de perder o dia da visita;

(...) as que visitam o presídio, elas morrem de medo de perder. Quando é assim, no dia anterior porque as visitas são nas quartas-feiras, então aquela que tiver com briga alguma coisa, ela evita e diz assim: eu só não vou fazer isso com você por que amanhã é o penal, por que eu não quero perder a minha visita . Então elas temem perder a quinzena como elas chamam. No caso de uma briga, por parte dela, ela sabe que vai perder o penal, ou o Olavo. Quando é o dia da Terça-

feira elas ficam temerosas e fazem qualquer coisa, por que sabem que podem ser castigadas e não ir(...)(Agente penitenciária).

Um exemplo do que ocorre quando se foge às regras foi o caso de uma presa que quebrou um dos aparelhos sanitários, por ocasião da inauguração do presídio Feminino, em um momento de revolta. Ela ficou por algum tempo no isolamento, perdendo, assim, os direitos assegurados pela lei. Sua ação foi vista como uma forma de protesto devido a não concordar com a mudança de endereço. Antes, quando o presídio localizava-se nas proximidades do centro da cidade de Fortaleza, os parentes tinham mais condições de realizar as visitas, pois além de ser de fácil acesso, a vigilância era menos rígida. Agora, por localizar-se em um complexo ao lado do Presídio Masculino Paulo Sarasate, a vigilância foi redobrada e alguns familiares não têm condições de pagar a passagem de ônibus⁹².

O medo também pode ser utilizado como instrumento de controle, relacionado com a estrutura de sociabilidade diante das ameaças físicas “externas”, produzindo mecanismo de autocontrole. Segundo Nobert Elias, este controle (autolimitação) se deu diante da monopolização da violência física nos espaços sociais pacificados. Tal estrutura se forma de acordo com a personalidade de cada indivíduo. Estes mecanismos funcionam como um agente controlador que se funda em cada sociedade.

Para Pierre Bourdieu (1999) e Michael Foucault (1989), o corpo pode estar associado a relações de poder e controle. Estes se exercem da forma mais banal, atravessando sentimentos, formas de comportamento, de vestimenta, de discurso, de apresentação em público etc. A cultura é repassada através deste corpo “ lugar prático direto de controle social”(1989, p 86). Nos livros *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, Foucault(1989) ressalta como a organização do tempo, do espaço e das relações cotidianas estão marcados pela estrutura normalizadora que delimita corpos, sexualidades, o ser feminino e masculino. Para Foucault, os corpos femininos tornam-se corpos dóceis, aqueles que estão direcionados a contenção pelo mundo externo, por

⁹²A passagem de ônibus custava até o período de janeiro de 2003, R\$ 2,50 (somente ida).

normas e sujeição. A mulher acaba interiorizando e demonstrando através de seu corpo esta estrutura dominadora, que age de forma simbólica e sutil, na maioria das vezes, impondo ditos através dos papéis sexuais, da forma de agir, falar, vestir, maquiar, chegando à esfera pública e privada. Quantas vezes sentimos olhares de reprovação após tomarmos certas atitudes diante da família, de amigos, do universo social, no qual estamos inseridas? Na verdade, este disciplinamento e normatização dos atos e fatos relacionados ao corpo da mulher é, sobretudo, uma forma de mantê-la dentro deste controle social.

A história brasileira demonstra que, após o período colonial em que se exercia a dominação patriarcal, surgiu a normalização médica, com a instituição da sociedade burguesa que crescentemente se transformava, devido à inserção dos valores urbanos de europeização da cidade e medidas de higiene dentro da família. Estas medidas vêm em resposta ao desenvolvimento urbano e criação do Estado Nacional. A medicina social, através de uma política de higienização, buscou a normalização da família, onde a mulher permanece submissa não somente em relação à figura do marido, mas em relação à estrutura médica. Este papel de higienizador é preenchido pelo médico, que além de interagir integralmente com o aparelho do Estado, como regulador das ações, comportamentos, sentimentos, delimitam a ação feminina, tornando-a mais casta e presa aos padrões da sociedade vigente, através de práticas e teorias que, combinadas, exerciam este controle social (Costa, 1983).

Contudo, esta realidade se diferencia diante das estruturas sociais. Mulheres de classes mais abastadas e aquelas de classes populares, encontram-se em equidade diante da estrutura controladora, mas os métodos são diferenciados. Para cada classe há formas de controle que respondem às necessidades social, política e médica.

A primeira dessas intervenções deu-se através da medicina doméstica. Esta medicina, no interior da burguesia, estimulava a política populacionista, reorganizando as famílias em torno da conservação e educação das crianças. A segunda, dirigiu-se às famílias pobres sob a forma de campanhas de moralização e higiene da coletividade (Costa, 1983:51).

Em relação aos controles do corpo devo ressaltar, além de Foucault, também Nibert Elias (1994), que apontou o autocontrole físico como sintoma de civilização e os aspectos que originaram a civilização. É uma forma diferenciada de perceber a cultura mais ligada às estruturas populares, na qual o corpo era pensado como desregramento, capaz de excessos, como o uso de magia. Porém, de acordo com o processo civilizatório, houve uma ação sobre esta realidade, exigindo políticas de controle cada vez mais ligadas à capacidade de reprodução e sobre as formas de gerir por si só o corpo feminino, impondo, desta maneira, uma nova forma de controle ligada à estrutura do casamento.

Questões como estas torna o corpo uma referência marcante de identidade. Com isso, deve-se descobrir como esta identidade se reflete, individualmente e diante das relações familiares, conjugais e de sua sexualidade. Para a psicologia social, “a identidade se constitui num produto de processo permanente de identificação” (Ciampa, 1989: 68). A construção desta identidade é marcada por uma subjetividade estigmatizada, ou seja, no caso da mulher, deixa-se de considerá-la “criatura comum e total, reduzindo a uma pessoa estragada e diminuída” (Goffman, 1998:12).

Na verdade, sentimentos como estes são refletidos nas ações e reações destas mulheres. O universo feminino traz uma série de preconceitos e estigmas. No caso em estudo, a mulher que comete o delito acaba revelando uma alternativa para além das atitudes normalizadoras. A violência entra na vida destas mulheres como estratégia de sobrevivência nas relações do cotidiano.

Entrando no campo da violência, percebo que este pode ser encontrado não somente nas transgressões sociais, mas também nas relações assimétricas entre os sujeitos. Segundo Marilena Chauí:

Em lugar de tomarmos como violação e transgressões das normas, regras e leis preferimos considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como conversão da diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica e desigualdade entre superior e inferior. Em segundo lugar, como ação que trata o ser humano não sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (Chauí, 1997:35).

As relações de violência podem ser expressas pela violência simbólica ou agressões físicas. Sua ação acontece diante de um indivíduo ou grupo. No caso da mulher, o poder exercido nestas relações age como elemento marcante para seu desfecho, assumindo uma busca de afirmação nas relações com a sua sexualidade, seu companheiro, e sua família e construindo, desta forma, identidade.

No próximo capítulo assumo uma reflexão do benefício da visita íntima como um instrumento tanto de legitimação dos direitos do preso (a), priorizados na Lei de Execuções Penais, como também e mais criteriosamente como um instrumento de coerção, e uma forma de barganhar mulheres que se encontram em regime de privação de liberdade, para desempenharem um bom comportamento. A exemplo disto tem-se o motim ocorrido em setembro de 2002, no Instituto Penal Feminino em que a secretária de Justiça, Sandra Dondi, na época, quis implementar uma sanção coletiva para as mulheres, impedindo a visita íntima, mesmo tendo consciência que a sanção não poderia ser atribuída coletivamente. A legislação não permite a execução de regulamentos e penas coletivamente. Perde-se o caráter individual da pena. Cada caso deverá ser analisado, e só assim, poderá tomar alguma providência. Mas, a Secretária manifestou seu repúdio, dando entrevista aos meios de comunicação relatando a necessidade da punição devido o comportamento das mulheres durante o motim. No entanto, nem todas participaram e a secretária puniria a coletividade.

A VISITA ÍNTIMA COMO UMA REGRA DE TEMPO⁹³.

Para compreender as relações existentes neste campo, utilizarei algumas categorias analisadas por Pierre Bourdieu. A visita íntima ocorre dentro do espaço do cárcere, que pode ser considerado também um espaço social. Tal espaço se estabelece mediante um campo de poder, que no caso é identificado como o campo jurídico legitimado através de ações e reações que ocorrem em seu meio, através dos conflitos que permeiam o cotidiano de todos os agentes sociais envolvidos.

Para Bourdieu(1989, p.27), “campo”, *se define como o locus onde se trava uma luta concorrencial entre atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão.*” Neste sentido, o autor levanta críticas à atuação do objetivismo e da fenomenologia, pois busca trabalhar com uma teoria que fundamente sua análise em torno das ações práticas do agente social relacionado com as funções objetivas que estrutura a sociedade. Para isso, elege a categoria de *habitus* como fundamental para ressaltar o sistema de percepção, de apreciação e de ação dentro de espaços específicos da sociedade (Ortiz, 1980:18).

O *habitus* se integra como uma história individual incorporada, onde cada indivíduo vai apreender o mundo exterior à sua forma, sem perder de vista que ele é formado dentro de uma coletividade específica. Assim, *habitus* é o “conjunto de disposições adquiridas, modos de apreensão e ação inculcados pelo contexto social em um momento e em um lugar especial”.(Bourdieu, 1989, p.60). É imprescindível a interação entre estes dois pólos de forma a mediar o mundo exterior (objetivo) e o subjetivismo interior, no caso individual. Nesta perspectiva, a categoria *habitus* fundamenta a compreensão da categoria de campo.

Neste espaço as experiências são fixadas e agem de acordo com o campo que está colocado, movimentando as relações de poder existentes no campo, configurando

⁹³A visita íntima é força motriz para uma série de conflitos ocorridos no espaço do cárcere, tanto a nível jurídico, como a nível do cotidiano. Irei aprofundar tais ações no decorrer deste análise.

as ações em que os agentes sociais estão presos às relações dos grupos às quais pertencem, estabelecendo que todo espaço (campo) produz dominação através do conflito estabelecido.

Nesta perspectiva, Bourdieu ressalta que toda relação humana é fundamentada pelo conflito, percebendo como os interesses de cada grupo são manipulados para manutenção do grupo dominante. No espaço do presídio, a mulher encarcerada não está convencida de que terá de passar pela privação de liberdade e muito menos pela privação ou negociação de sua sexualidade, ressaltando assim, a existência de uma dominação pela coerção para que ela aceite sua situação.

Como o autor demonstra em suas pesquisas, a apreensão do objeto de estudo será delimitado através de sua estrutura dinâmica, percebendo o conflito entre os agentes sociais envolvidos no campo levantado. Para Bourdieu, a noção de espaço social movimenta não só os agentes sociais, mas, sobretudo, uma relação com o mundo social ao qual pertencem, mostrando, assim, as adversidades que se estabelecem através das diferenças entre os grupos deste campo. Para o autor, a noção de espaço.

...contém, em si, o princípio de uma apreensão relacional do mundo social: ela afirma, de fato, que toda a realidade que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem. Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela diferença, isto é, enquanto posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (Bourdieu, 1994:48).

O espaço no qual a visita está inserida revela-se como um *locus* de contradição. No cotidiano do presídio, tive a possibilidade de perceber outra lógica que se movimenta através do tempo, diferentemente das “meninas–mulheres” que tive a possibilidade de analisar em pesquisa anterior⁹⁴. Elas não estavam preocupadas com o tempo, queriam viver o “aqui e agora”; para a mulher encarcerada, que irá passar um

⁹⁴Monografia “Meninas Mulheres – Histórias de Violência no contexto da rua” 1998.

longo período no cárcere, a situação é diferenciada. Como elas mesmas se referem, trata-se do ao tempo que deverão “puxar pelo pé”⁹⁵.

Neste contexto, a visita íntima revela-se como um instrumento de diferenciação da realidade/tempo, pois acaba sendo um dos acontecimentos marcantes deste cotidiano. Para Mirabete(1993), um dos principais motivos para se respaldar as visitas familiares e principalmente, a conjugal, é o princípio de que o preso não deve romper com o mundo exterior e que não sejam debilitadas as relações que o unem aos familiares e amigos. Mas, para as mulheres que estão em cárcere privado, a visita familiar e íntima deflagra uma nova forma de interagir com o processo de privação de liberdade. Elas passam a contar o tempo pelo número de dias que faltam para ver o companheiro ou a família, demonstrando até mesmo um comportamento mais sossegado, ou menos vingativo. Como se pode ver no depoimento: *Se for na semana de visita, a gente guarda a discórdia para depois, por que se não eles podem cortar o dia e se acontecer isso, eu não respondo por mim* (Mulher condenada por tráfico e homicídio).

Para entender a construção do benefício à visita íntima, percorro alguns caminhos que me leva a estrutura legislativa da sociedade, á preocupação com um instrumento de pacificação entre os presos e o exercício de legitimação na questão dos direitos humanos. Para isso, as mudanças realizadas na Lei de Execuções Penais de 11/07/1984 foram marcantes, haja vista que até então legislava a sociedade brasileira sem a predominância de uma lei única para o território nacional. As leis eram regulamentadas na “lei do mais forte”, ou melhor, como relatou o diretor do maior presídio brasileiro - Carandiru – “a lei do cacete” (referenciando o uso da força e tortura dentro dos presídios) Algumas mudanças⁹⁶ se basearam em organismos internacionais como a ONU, modificando alguns itens na Constituição Federal e no próprio Código Penal. Cito as principais leis:

⁹⁵O imaginário das mulheres no presídio demarca o quanto é pesado o seu destino, sendo necessário levá-lo com muito esforço e dor.

⁹⁶Deve-se perceber uma mudança de postura de vários segmentos da sociedade, o que resultou no aparecimento da Lei de Execuções Penais.

- A declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada e adotada pela ONU em 10 de dezembro de 1948. (Art.7º Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação).

- Regras Mínimas para o tratamento dos reclusos – resolução adotada pela ONU em 30 de agosto de 1955 (no. 37- os reclusos serão autorizados a comunicarem-se, periodicamente, sob vigilância, com sua família e com os amigos de boa reputação, tanto mediante correspondência como por visitas).

- Constituição de 1988.(Art. 1º A República Federal do Brasil tem como fundamento: III a dignidade da pessoa humana. Art. 3º Constitui objetivos fundamentais da República Federal do Brasil: I – Construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - Garantir o desenvolvimento nacional; III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais⁹⁷.

- Lei de Execução Penal no. 7210, de 11 de julho de 1984.(Ver em anexo).

- Lei no.8.080, de 19 de setembro de 1990 – SUS (Art. 2º - A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado promover as condições indispensáveis para o seu pleno exercício. Art.5º - A assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com realização integrada das ações de assistenciais e das atividades preventivas⁹⁸.

Ao relacionar os princípios que regem a sociedade, percebemos haver uma discrepância muito grande entre o que está posto na lei e a realidade. A questão dos

⁹⁷Estes artigos da Constituição Brasileira determinam princípios básicos para legitimar uma ação voltada para a construção de uma sociedade democrática, estabelecendo parâmetros para ser executadas em vários âmbitos de nossa sociedade.

⁹⁸A visita íntima também faz parte de parâmetros que envolvem a saúde do homem e da mulher encarcerados.

direitos humanos, a Constituição, o Estatuto da criança e do adolescente relacionam-se com uma realidade marcada por profundas desigualdades sociais fincadas em raízes históricas de dominação. É contraditório existir leis que fundamentam os princípios básicos de atuação como os direitos e deveres do preso (a), no entanto, sob uma análise mais pragmática, estas leis não regulam verdadeiramente as ações delimitadas pelos Código Penal, Lei de Execuções e a própria Constituição.

A busca de uma atuação mais coerente com a realidade justifica ações como o Plano Estratégico de atuação de defesa à mulher presa e à mulher do preso, planejamento nacional, que procura uma maior humanização nos procedimentos referentes as ações governamentais que estão sendo implementadas. Todo e qualquer procedimento, dentro de uma instituição total, tem como princípios de atuação estas leis, no entanto, há uma distância muito grande da lei formal e a realidade. Mesmo com todo este aparato legal, ainda existe um estabelecimento prisional em São Paulo que nega o direito à visita íntima.

Em apresentação realizada no Seminário sobre o Sistema Penitenciário,⁹⁹ da superintendente dos Assuntos Prisionais da Secretária de Justiça, Leila Paiva: é revelado que a LEP, “*não é colocada em prática dentro dos presídios, os presídios são uma selva de pedra*”. Podemos perceber tal distinção pelas mais variadas notícias dos meios de comunicação, mas ainda mais, pelas denúncias que são feitas às Comissões de Direitos Humanos.

Contudo, a formulação destas leis abriu um espaço para a construção de uma das modificações mais importantes, pois até então a legislação não assegurava nenhum direito aos presos (as) do sistema penitenciário brasileiro. Assim, a Resolução no.1, regulamentada em 30/03/1999¹⁰⁰, ressalta como deverá ser

⁹⁹Seminário ocorrido em setembro de 2002, para discutir as condições do Sistema Penitenciário do Estado do Ceará.

¹⁰⁰Conselho de Política Criminal e Penitenciária do Ministério da Justiça, através da Resolução no. 1 de 30/03/1999, recomendou que os presídios de todo o país assegurassem o direito à visita íntima a ambos os sexos, dispondo ainda acerca da orientação sobre as DST/AIDS e uso indevido de drogas, que deve ser promovido em relação da visita.

cumprida. Apesar de não ser amplamente respeitada, ela estabelece um parâmetro entre as atitudes que devem ser estabelecidas tanto no âmbito jurídico quanto pragmático no cotidiano relacionado aos direitos e deveres do preso (a) no universo da prisão.

A VISITA ÍNTIMA NO CEARÁ

Como já havia citado, o benefício a visita para homens foi constituído anteriormente ao das mulheres. O IPPS¹⁰¹ é o presídio onde estes presos têm mais possibilidades de efetivar o benefício. Devido ao fato de serem mais antigos, os presos podem receber as mulheres em suas próprias celas, havendo assim um revezamento entre os companheiros de cela, enquanto aqueles que estão na selva de pedra¹⁰² podem receber suas esposas e companheiras em sua cela individual. Nos outros presídios (IPPO 1) ocorre da mesma forma que no IPPS, no entanto, no IPPO 2, há algo diferente¹⁰³. Foi construído, na estrutura do presídio, o Venustério, no entanto, os presos se negaram a receber suas companheiras nestes locais, alegando ter o direito garantido de recebê-las em suas celas. Pois assim se nos dar outros presídios. Tal fato foi motivo de rebelião no IPPO II, logo no início de sua abertura que levou à concessão da visita nas celas.

A visita íntima no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa foi constituída ao longo de dezenove anos. Era exigido que as mulheres comprovassem que estavam vivendo maritalmente com o companheiro. Existia somente um espaço, conhecido no mundo do cárcere como venustério, que ficava em um anexo do antigo Presídio Feminino. Nesta época, começo da década de 1980, o conflito se agrava

¹⁰¹Instituto Penal Professor Paulo Sarasate

¹⁰²Local onde ficam os criminosos de alta periculosidade, estes ficam sozinhos em suas salas. Podendo assim receber a companheira sem a necessidade de revezar, além de poder passar o dia inteiro. As mulheres chegam ao presídio em torno das seis horas, devido a quantidade de pessoas para puder participar da visita. No presídio masculino os dias referentes a visita familiar e íntima é na Quarta-feira e no Domingo.

¹⁰³O IPPO1 e IPPO2 são dois institutos prisionais distintos primeiro mais antigo fica na Av. Expedicionários e o outro em Itaitinga. A direção do primeiro é pública e do segundo, como já foi relatado é privada.

também pelo fato de algumas agentes se negarem a escoltar a mulher até o ambiente onde se daria a visita íntima. Podemos perceber pelo relato abaixo:

Ave-maria, eu vou te contar uma coisa, a visita íntima em si, nós tínhamos no outro presídio o espaço que era reservado pra acontecer, pra ter esse encontro o venustério era do lado de fora do presídio, não era dentro do presídio, era anexo ao presídio, não fora do muro, mais era anexo ao presídio, então eu nunca levei, sempre me recusei a levar preso até esse espaço, eu nunca fiz escolta de presa, não fazia, fazia qualquer negócio, qualquer negócio eu fazia. Menos esse tipo de percurso, eu não aceitava, eu não aceitava, eu achava um insulto a mim mesma, eu era fechada como eu te falei, eu tinha uma cabeça fechada. O meu diretor, não, não sei se os meus diretores tiveram conhecimento disso, mais as minhas companheiras é quem iam no meu lugar, eu pedia pra fazer qualquer coisa pra elas, tirava até o horário das meninas, mais não queria ir, nunca queria ir, Aproximadamente uns 10 anos. Uns 10 anos já tinha na época do doutor Feijó. Na época, o diretor foi o doutor **Feijó**. O normal era da presa ir ao presídio pra visitar o companheiro, isso existe desde que eu entrei, desde que eu tô trabalhando no sistema que isso existe. Mais uns 19 anos, existe era uma vez por mês ou era de 2 em 2 meses, era mais ou menos assim. É, aí depois foi regulamentado uma vez por mês e depois foi regulamentado pra 15 em 15 dias.(Chefe das agentes prisionais)

Demonstra-se, assim, o conflito de gênero, acentuando-se as diferenças dos papéis sexuais masculino e feminino. Como a sociedade brasileira obedece os ditames do mundo masculino, não poderia ser diferente no mundo jurídico. Hoje, encontramos mulheres e homens, operadores do direito, que estão revendo tais posições, buscando equilibrar estas distorções que por décadas impuseram diferenças tão graves.

A sexualidade feminina foi colocada em segundo plano; afirmo tais posições observando a construção dos papéis sexuais entre mulheres e homens. À menina cresce observando reações orientadas por uma norma inconsciente que molda padrões estabelecidos coletivamente, assim ficando reservado o espaço doméstico, o privado, o “mundo de dentro”, para a menina que depois crescerá e passará este modelo

para outras mulheres formando um círculo, priorizando a repetição. Ao menino é dado o espaço da rua, o público, o “mundo de fora”, toda a liberdade que se possa ter.

A permanência dentro da prisão é regulamentada por uma legislação apoiada no Código Penal brasileiro, como já referi. Trata-se, assim, da proteção e salvaguarda do(a) preso(a), além de permitir, através da mesma legislação, o benefício à visita íntima. Além destes momentos reservados ao casal, também é garantido a visita para os filhos dos (as) internos (as), só podendo permanecer no presídio nos dias das visitas. O restante das visitas divide-se entre companheiros e companheiras que estão em liberdade.

Durante a pesquisa de campo, entrei nos quartos e encontrei pouco mobiliários, entre estes, uma cama, uma cadeira e uma pequena mesa de apoio com ventilador. Há também um banheiro no quarto. As presas relatam o encontro como sendo um momento especial:

Ontem, foi dia de visita, vi o José, às vezes quando a saudade aperta peço para uma amiga escrever uma carta pra ele, quando ele sair eu entrego pra ir com a lembrança em mim (Mulher de homem em liberdade, processada por tráfico).

Entretanto, queixam-se afirmando que gostariam de trazer sua própria roupa de cama que atualmente, é concedida pela direção do presídio. Reclamam da falta de higiene do local, por ser usado por vários casais e nem todos terem o hábito de limpar o ambiente para o próximo casal. Além disso, o tempo às vezes, é suprimido. Pelo relato podemos perceber como isto ocorre:

(...)o funcionamento deles são quatro apartamentos, de quatro quartos, tem as camas, elas entram e a gente tem um portãozinho com cadeado que é fechado, fica lá às 3 horas, chega aquele determinado tempo, elas mesmo batem no portão para sair, tomam banho. Mas, muitas vezes elas entram e a gente vai avisando, são três horas mas se precisarem do quarto, meia hora eu aviso. Vai ter sair, então muito das vezes, eu chego no quarto e digo: Fulana, é o tempo! Vai ter que sair! É o tempo que elas tem para se ajeitar, elas já estão

acostumada e a gente dá um toque e elas já ficam, já vai, estamos nos arrumando!!!(...)(Chefe das agentes penitenciárias).

No presídio Feminino Auri Moura Costa, o direito à visita íntima também é exercido por casais homossexuais. Numa visão mais pragmática os detentos receberam este direito décadas a frente das mulheres encarceradas, mas o benefício é concedido aos casais homossexuais, refletindo uma mudança na mentalidade institucional e jurídica que regulamentam as leis que serão necessárias organizar o benefício da visita íntima. Diante de tal realidade, é interessante analisar como fica a questão da mulher heterossexual, a princípio e depois dos casais homoafetivos.

A emancipação sócio-política do indivíduo traz para o cotidiano da sociedade moderna a construção de uma cultura inculcadora de idéias sobre o valor do ser humano, da ética e dos direitos de proteção à vida humana. Tais valores acabam sendo construídos a partir da sociedade na qual está inserido. Para Berger e Luckmann, *“o indivíduo não nasce membro da sociedade, nasce com uma predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade”* (Berger e Luckmann, 1995: 173).

É necessário se reconhecer pertencente a esta sociedade, percebendo os códigos, as normas, os valores inseridos na cultura e nos papéis sociais. A mulher, no entanto, para obter o benefício da visita íntima, movimenta-se entre o apoio e a repulsa da sociedade, daqueles que fazem o campo jurídico e prisional, que deflagram um discurso legal a favor e contra a visita íntima baseado sobretudo, em práticas moralistas.

Em relação aos casais homossexuais, a visita íntima só foi conquistada no ano de 2001, depois da mudança de endereço do presídio. Antes não existia esta possibilidade de encontro, como se pode observar:

Não, eu já me acostumei e vejo uma boa pra eles, eu acho que todo mundo precisa, que seja preso ou não, ele tem as necessidades orgânicas dele, ele precisa tanto da mulher pra ter relações com o companheiro, ela precisa, como o preso também precisa da visita íntima e no caso da pessoa tem outra

opção sexual, no caso de lésbica né, lesbianismo, eu acho normal, eu de primeiro eu não gostava da idéia, eu não gostava eu não conseguia, mais depois eu fui ver por outra ótica e vi que realmente elas precisam, ninguém tem culpa, se elas tem essa opção sexual né, eu só quero uma coisa, a única coisa que eu exijo delas, a gente mantém essa situação e a única coisa que eu quero delas, exijo é respeito, e espero que as pessoas, queria que as pessoas também a respeitassem, inclusive as próprias companheiras xingam elas, tá entendendo, aquelas que não tem cabeça, uma visão mais aberta em relação a esse assunto, chega até a xingar. Não, os homossexuais, elas não gostam dos homossexuais e tudo bem minha filha você não faz, mais você está trabalhando num espaço que lhe dá esse direito e você tem mais é que acatar. É, traz muito conflito, traz, tanto com as agentes como também com os policiais. Traz, traz muito conflito, isso aí nós dá muita, existem as chateações (Chefe das Agentes).

Para a agente penitenciária a visita para homossexuais é na realidade uma afronta para algumas companheiras de cela, funcionários e para os policiais militares, decorrendo destas representações situações de constrangimento para as detentas e suas companheiras. *Na época não existia esse negócio de mulher lá não, não existia essa história de bissexuais (Agente Penitenciária).*

Ao realizar, uma das visitas ao presídio, conversei com algumas agentes penitenciárias. Uma delas relatou que a visita íntima é na realidade “*uma verdadeira sacanagem*”:

Eles (fazendo referência as mulheres e aos homens encarcerados) matam, roubam, traficam e vem pra cá e ainda tem o direito de se encontrar com a mulher e com o marido, é demais. Eles deveriam era pagar pelo crime que comentaram.

Em outro depoimento, percebo que algumas mulheres se referem aos policiais que as humilham de forma ostensiva em relação aos casais homossexuais. Este depoimento é de uma mulher que mantinha um relacionamento homossexual dentro do presídio que, saiu em liberdade condicional¹⁰⁴, mas manteve a relação. Para ela, o

¹⁰⁴A liberdade condicional é concedida por completar 1/6 da pena estabelecida pelo juiz, acompanhada por bom comportamento.

preconceito é maior devido ser homossexual e ex-presidiária. O depoimento ressalta como ocorrem os constrangimentos no dia da visita íntima, do momento da entrada até o momento da visita.

Muito preconceito, principalmente, não pelas guardas penitenciárias não, mais pelos policiais militares que ficam vigiando a gente pela guarita aqui de cima, a gente tem que por o colchão assim no cantinho. Dizem que dá não sei, eu ainda não subi lá pra ver, dizem que dá quando a gente sai, eu quando saio lá fora, eles ficam dando piadinha, é tirou né, tirou a gala seca da cabeça, como diz o ditado e outras coisas mais, a gente tem que aguentar e baixar a cabeça, só a humilhação de você vir por exemplo eu saio lá da Caucaia pra cá as vezes fico aguentando humilhação deles, não das agentes não, não delas mais dos policiais militares, porque quando é dia de visita íntima, a revista não é feita pelas agentes prisionais é pela CAPEM,¹⁰⁵ tem uma que é bem boazinha aqui, mais tem outra que encarna mesmo na minha matéria, só falta abrir meu ânus pra ver se tem alguma coisa dentro, eu acho que deveria ter uma máquina de Raio X pra evitar tudo isso, poxa eu venho de tão longe, as vezes eu reclamo é muito pra elas, muitas 5ª feiras às vezes eu não venho mais por causa disso, por causa da revista e por causa é muito cansativo, muito cansativo mesmo (Casal homossexual que recebe o benefício da visita).

O conflito em relação à visita íntima ocorrem de várias formas, revelando-se, muitas vezes, como uma aberração. As representações sociais mais constantes é que “preso não deveria ter vida sexual, já fez muita atrocidade” e, assim, “é até imoral” ter este direito. Estas foram palavras obtidas em conversa com os policiais da guarda. Estas representações em torno do preconceito e da legitimação de um senso comum que não beneficia nem os casais heterossexuais. No caso da chefe das agentes penitenciárias, anteriormente, mostrava-se mais ligadas aos preconceitos citados. Revela ter mudado de atitude. Percebe-se pela fala abaixo:

Agora eu já percebi também que esse conflito, ele passa não somente pela homossexuais, passa pro preso, conceder um direito a um preso isso já é...

¹⁰⁵Policial feminina.

Uma afronta, uma afronta a polícia, uma afronta para as agentes que acha que não merece, mais eu chamo essa pessoa fechada acho essa pessoa fechada, como eu era fechada uma pessoa não esclarecida, porque ela tem que ver que ele é gente, ele é preso mas ele é gente não deixou de ser gente e quer dizer todos nós estamos sujeito a cometer um erro e porque não, e porque não porque hoje eu sou uma funcionária eu faço de tudo pra não ser um delinqüente aí qualquer, mais sei lá eu não sei o meu futuro, faço de tudo pra preservar meu nome, pra preservar minha dignidade preservar tudo mas sei lá futuramente, só a Deus pertence, ninguém sabe o dia de amanhã, então eu como eu te falei logo no início quando a gente começou a conversar eu via preso como animal, hoje em dia eu já não vejo mais(Chefe das Agentes)

Para a chefe das agentes, a mudança foi sendo construídas no dia-a-dia de trabalho, as situações foram sendo colocadas, tendo assim que mudar de postura. Hoje, ela sugere as outras agentes a mudarem de mentalidade. Sabe-se que esta mudança é muito complicada, principalmente devido às regras seguidas no interior do sistema.

O dia a dia, o trabalho, o dia a dia eu aprendi aqui dentro, essa minha mudança, ninguém muda ninguém, as pessoas se mudam, eu mudei pode ter certeza que eu já não sou mais a mesma de 15 anos atrás, eu tenho outra visão (Chefe das Agentes)

A VISITA ÍNTIMA PARA ALÉM DO CEARÁ.

Drauzio Varella relata em seu livro “Estação Carandiru” como se deram os primeiros encontros que possibilitaram a institucionalização da visita íntima na Penitenciária do Carandiru, São Paulo.

“São nebulosas as origens das visitas íntimas. Contam que começaram no início dos anos 80, indiciosamente, com alguns presos que improvisaram barracas nos pátios dos pavilhões nos dias de visita. Outros, mercenários, juntavam dois bancos

compridos, cobriam-nos com cobertores e alugavam o espaço interno para a intimidade dos casais” (1990:60).

O autor expõe a forma de construção do benefício jurídico que se adquiriu de maneira bem inusitada. Para o ex-diretor da Penitenciária do Carandiru, considerado o maior presídio do Brasil, desativado e implodido no ano de 2002. Um dos pontos que legitimaram o direito seria que após o encontro com o cônjuge, companheiro, ou amante, os presos(as) ficavam mais calmos.

Outro motivo que tem impulsionado o campo jurídico a possibilitar os presos exercerem o direito de encontro com o cônjuge, foi a demonstração de que a proibição levaria a um problema que afeta não só a integridade física¹⁰⁶ mas sobretudo psicológica.

No cárcere, ambiente fechado, instituição total, a atividade sexual é absolutamente imprescindível para a saúde psíquica de seus habitantes. A abstinência, sobretudo prolongada, gera não só problemas no plano individual, provocando desequilíbrios psicológicos e favorecendo comportamentos condenáveis, senão também no plano coletivo, dando causa a um clima de agressividade, de tensão e a conseqüentes distúrbios intramuros (Leal, 2000:35).

No relato de um agente penitenciário do Carandiru, revela-se que a visita íntima é o momento em que os presos conseguem baixar a pressão e manter um pouco de humanidade:

(...) parece que ao vê a mulher (companheira), ela traz mais humanidade para o preso, aqui dentro. Talvez quando ele sair, ele roube, mate, a gente não tem bola de cristal (...) (Documentário sobre a desativação do Carandiru, passado pela TVC, no dia 30.06.2002).

¹⁰⁶Sabe-se que no cotidiano das prisões, encontra-se inserido neste espaço várias formas de violência, no qual as relações são efetivadas não somente por vontade própria, mas sobretudo em forma de coerção, em práticas homossexuais, principalmente nos presídios masculinos.

Na ótica do sistema judiciário do País, verifico que não são todos os Estados que instituíram a “Visita íntima”. Constatado que no âmbito do Direito, no Brasil, a visita íntima está fundamentada como um benefício concedido de acordo com o comportamento do apenado (a), mas no cotidiano, vejo diferenças bem estabelecidas, ou seja, o reflexo direto das relações de força existentes em cada Estado brasileiro, que movimenta ou não, o estabelecimento deste benefício. No âmbito internacional, há diferenças marcantes. O direito à visita íntima em vários países não é legalizado. No caso dos Estados Unidos, a maioria das prisões federais nega o direito de encontro com o cônjuge. Mas, por outro lado, em outros países da América Latina, sobretudo no México, Chile, Peru, Nicarágua, Venezuela, Argentina, e Europa com a participação da Espanha, é concedido o benefício à visita.(Mirabete, 1987).

No caso do Brasil, observam-se diferenças entre os Estados. Na região Sudeste, especificamente no Rio de Janeiro, os homens têm o direito à visita íntima, mas as mulheres não conseguiram ainda este direito. No Presídio Evaristo de Moraes (RJ), em um complexo com uma superlotação de 1552 homens, apenas 126 internos têm o benefício da visita íntima. Além de passarem pela revista íntima, os presos revelaram existir um pagamento para poder permanecer com sua companheira. Há, inclusive, valor tabelado de R\$ 100,00 reais por visita. Isto demonstra o conflito existente nas relações que acontecem no dia-a-dia da prisão, conforme analisa a Comissão Nacional de Direitos Humanos - Relatório/setembro 2000¹⁰⁷. Em relação à revista, aos procedimentos previstos por lei, a segurança do estabelecimento prisional deverá submeter as visitas e o material que transporta a busca pessoal e rigorosa, a fim de evitar a entrada de armas, drogas ou objetos que possam comprometer a boa ordem, a disciplina e a segurança do presídio(Mirabete,1993).

Na região Nordeste, especificamente em Fortaleza, o benefício foi estendido às mulheres.

¹⁰⁷No presídio Bangu I- RJ - “os presos recebem visitas semanalmente e podem privar com suas companheiras nas celas” (Relatório da II Caravana Nacional de Direitos Humanos 2000 – Sistema Prisional Brasileiro).N no entanto, devem passar pela revista íntima ficando desnudos no momento da revista. Em São Paulo, a visita íntima é permitida somente nos presídios masculinos, enquanto na ala feminina não é permitida. Uma das reivindicações das mulheres encarceradas em Tatuapé(SP) é o estabelecimento do benefício da visita íntima no presídio.

As presas recebem visitas e podem manter relacionamento sexual com seus namorados e/ou companheiros. Nos alojamentos, as detentas constroem os Venustérios, nome dado aos espaços reservados – demarcados por lençóis e cobertores – onde se exercitarão na arte do amor. De alguma forma a humanidade se afirma de ali em meio ao arbítrio e às ameaças. Ela está em cada fita, em cada laço, nos espelhos, nas rendas, nos batons, na vaidade, daquelas mulheres, mães, amantes, prisioneiras (Relatório da II Caravana Nacional de Direitos Humanos 2000 – Sistema Prisional Brasileiro).

A Resolução Nacional de 1999 considerou também aquelas com uma “opção sexual diferenciada”, mudando assim sua prática que, anteriormente, não tolerava relações homoafetivas. Em Pernambuco, no Presídio Barreto Campelo, a visita íntima é concedida, além de não ter revista íntima como uma prática regulamentada entre as companheiras e familiares. Todos passam por um detector de metais. O Estado de Pernambuco foi o pioneiro a estabelecer a visita íntima para homossexuais.

Na região Sul (Porto Alegre), para os homens já estava garantido o exercício deste direito, proporcionando depois a abertura das visitas conjugais para as mulheres, ampliando para visitas homossexuais. Existe o repasse de preservativos para a prevenção de DST/AIDS. Na penitenciária Estadual de Jacuí(RS), as visitas são admitidas, no entanto, a revista é humilhante e vexatória, pois além da prática de desnudamento, há a exigência de flexões e arregaçamento da vagina e do ânus (dados do relatório da Comissão de Direitos Humanos)¹⁰⁸. A preocupação com a revista é um contraponto com o benefício da visita íntima, pois qualquer pessoa que adentre no interior da prisão deverá passar pela revista.

É possível encontrar no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, o repasse de anticoncepcionais comprados pela Secretária de Justiça do Estado do Ceará, no entanto, esta ação foi desarticulada logo, após a troca de diretoria, negligenciando, assim, uma prática que fundamenta os direitos sexuais e reprodutivos.

¹⁰⁸O relatório foi elaborado após visitas a cada estabelecimento prisional, em que cada comissão foi organizada por entidades preocupadas com a carcerária. No Ceará, a Comissão seus membros escolhidos, entre a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e da OAB.

Enfim, encontram-se, no Brasil, diversas formas de atuação que são regulamentadas pelas leis de cada Estado, estabelecendo provisões para sua atuação. Apesar de serem parecidas, estas atuam de acordo com as regras instituídas em cada Estado, estabelecendo ou não, o direito às visitas íntimo-conjugais, agindo de acordo com as posições referenciadas pelos padrões sociais de cada região.

No entanto, este benefício pode ser revogado mediante ato motivado do diretor do estabelecimento (neste momento é referenciado o Art. 53 III, que diz da suspensão ou restrição dos direitos). Assim, instala-se uma série de lutas no espaço do cárcere, no campo jurídico e constitucional. Neste caso, contraponho o mundo de dominação e conflito, que se estabelecem mediante os grupos envolvidos, no caso os mentores da lei (inseridos no campo jurídico), as mulheres encarceradas e os profissionais do presídio.

CAPÍTULO IV

A VISITA ÍNTIMA: DE SÍMBOLO AO “VALOR DE TROCA”

Ao pensar a Visita Íntima, como uma das formas de expressão das redes de sociabilidade dentro da prisão, pude perceber sentimentos variados através das relações de dominação, contradição, prazer, medo, alegria, ressentimento, raiva, que foram sendo expostos no decorrer da pesquisa.

As histórias das mulheres detentas demonstram que, a cada passo dado no interior do presídio, há uma construção de uma novo “ser feminino”, podendo ser através de mecanismos negativos e/ou positivos. Algumas se colocam contra as práticas da direção, com a exigência de só poderem ter a visita íntima aquelas mulheres que tem um bom comportamento, com o estabelecimento desta norma, há mulheres que se rebelam diante deste fato. Mas, outras demonstram passividade perante a direção. Fazendo o “jogo” exigido pelos que configuram a Lei e a direção do presídio.

O estar presa retoma uma série de situações que mobilizam o percurso de terem cometido algo que foge das normas estabelecidas socialmente. A Visita Intima, na verdade, poderá ser considerada uma preciosa mercadoria dentro do espaço estudado. Como Coelho(1987) ressalta, ao estudar a Sociedade dos Cativos, denominação encontrada para analisar a crise e os conflitos no Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro, a economia delinqüente tem como ponto chave a “visita”, no entanto, pude perceber que estas “visitas” adquirem não só esta tensão de mercadoria de troca , mas várias outras.

A tensão a que me refiro é que, a partir da institucionalização de um direito, há um carga de opressão vivenciada por mulheres, parentes, companheiros(as), pessoas que de certa forma estão envolvidas com a situação de cárcere. Assim passo a diferenciação entre a visita familiar e íntima, com a ciência de que as duas são faces do encontro com o outro, o parente, o companheiro e/ou companheira, etc. A visita familiar é socialmente aceita, mas a visita íntima é muitas vezes rejeitada, apesar de ser um benefício

regulamentada pela LEP. É encarada como “servegoice”, falta de vergonha, que podemos ver através do depoimento obtido de um oficial da lei. *...ladra e assassina não é pra ter direito a sexo, que pensasse nisso antes..*(Oficial, faz a segurança do Instituto).

A espera pela visita se faz tensão e se efetiva pela não possibilidade de ter o encontro com o outro. Para Coelho(1987), a visita, conforme o contexto for analisado não é somente a influência, é o sacrifício de famílias, é o local da economia delinqüente que fornecem todo tipo de mercadoria, como: peças de roupas, artigos de higiene, (escovas, pastas de dente, sabonete) doces, biscoitos e outras miudezas além, evidentemente, de dinheiro, isto de forma ilícita, quando a quantidade ultrapassa a R\$ 50,00. Tais coisas abastecem a economia citada.

Coelho(1987) afirma que

...Dentro das prisões, qualquer destes objetos adquire valor de raridade. É dessas razões que a visita é um tópico recorrente nas conversas de cadeia e uma ocasião de importância única para os internos, que por ela esperam com enorme ansiedade; é quando se abastece a Economia delinqüente.

Podemos inserir neste contexto, o conjunto de materiais ilícitos(maconha, cocaína, crack, medicamentos psicotrópicos, giletes, e até armas), que são disponibilizados em verdadeiras operações de disfarce. Observa-se o máximo de cuidado para não serem descobertas nesta prática, sendo uma das preocupações mais recorrentes das pessoas envolvidas nestas operações.

A visita também delimita uma dimensão simbólica, referida comentada anteriormente. O encontro com o outro (a) é a ponte com o mundo de fora, é uma linha expressa com sentimentos que podem ser esquecidos ou retroalimentados, dependendo da situação construída. O encontro passa ser o demarcador de tempo para um cotidiano que esquece o calendário e o relógio, dois instrumentos da modernidade que delimitam o cotidiano de cada ser humano. É, ainda, o exercício de barganha de um Estado regido

sob leis arcaicas e sem perspectivas para uma ação mais pragmática perante as presas e suas famílias; é a possibilidade de rever o passado e de encontrar o presente, mesmo que este presente seja dolorido.

Na verdade, a visita, tanto da família como do cônjuge, vai muito mais além de uma simples manutenção de um sistema econômico lícito e ilícito. No entanto, para as autoridades, reflete somente a possibilidade de coerção e disciplinamento de corpos que estão sob sua jurisdição. É o que percebo no relato seguinte:

É de extrema importância, a gente não pode ficar sem a visita, mas eu só acho que a forma que ela foi concedida dentro da nossa realidade foi para barganhar. Mas não é que ela não deveria ter sido concedida, ela deveria ter sido concedida mesmo. O Estado passou muito tempo proibido coisas e para que os presos não se rebelassem eles acabaram dando alguns benefícios para calar a boca dos presos e deixá-los mais calmos. (Superintendente de Assuntos Prisionais).

Percebe-se que as relações simbólicas e práticas se diferenciam quando da autorização para receber a visita, apesar de estar garantida na Lei de Execuções Penais – LEP, direito de recebimento de visitas de familiares, cônjuge ou esposo (a). No âmbito legislativo existe um mecanismo simbólico e efetivo mais severo no interior da prisão, que delimita as várias esferas do cotidiano do presídio. Observa-se que tais relações entre a diretoria, agentes, policiais, funcionários, familiares, companheiros (as) e as próprias mulheres.

A Visita Intima é considerada como um fio condutor para interpretação e compreensão de uma das faces do sistema carcerário brasileiro, representada pelos direitos e deveres do indivíduo, que neste caso, é a mulher encarcerada. A visita íntima é condicionada como uma mercadoria de grande valor, uma espécie de Kula – para os nativos da papua, conforme analisa Malinowski (1976).¹⁰⁹

¹⁰⁹Malinowski descreve minuciosamente o sistema de troca existente nas ilhas Trobiard- os nativos Mailu sociedade Kabila, os objetos trocados representavam muito mais que simples colares e pulseiras, um valor simbólico que somente os nativos da região sabiam o quanto era importante a troca estabelecida entre as tribos vizinhas.

Malinowski privilegia o comportamento encontrado no lócus da pesquisa empírica, cada indício será ferramenta para sua interpretação. A permanência com o outro, no caso os nativos, busca aprimorar as técnicas de apreensão e, sobretudo, inovar as técnicas até então utilizadas. É neste sentido que faço uma analogia com a KULA, no entanto, devemos ter em mente uma diferença primordial que seria a valor utilitário deste sistema organizacional da cultura nativa dos povos das ilhas Trobiard. O Kula traz valor utilitário, as trocas mostram este perfil. No entanto, ao analisar a visita familiar e íntima, podemos encontrar tanto o valor utilitário como o valor simbólico, como vimos anteriormente. Para isso foi necessário perceber como as relações cotidianas foram construídas, a partir do exercício da observação, analisando discursos, práticas e sobretudo movimentos no interior do presídio.

Relendo os ditos e escritos de Malinowski,

o Kula ... é um fenômeno econômico de considerável importância teórica. Ele assume uma importância fundamental na vida tribal e sua importância é plenamente reconhecida pelos nativos que vivem no seu círculo, cujas idéias, ambições, desejos e vaidade estão intimamente relacionadas ao Kula.(Malinowski, 1976, p.19).

Em minha percepção, a Visita articulará uma série de fenômenos dentro da sociedade dos cativos (as). Na verdade, a visita será uma repetição desta realidade, devido à sua liquidez e rentabilidade nas ações econômicas dentro do cotidiano do cárcere. Mas, a consciência das mulheres presas se modifica a aproximação do dia estabelecido para a visita íntima. Percebe-se isto através de seu comportamento, especialmente e relação as suas práticas diárias. Rever a pessoa amada, é um tipo de entorpecimento da realidade vivenciada na Sociedade dos Cativos (Coelho, 1987), diminuindo assim a tensão.

A Visita Intima, neste caso, será um mediador das relações de sociabilidade dentro do ambiente carcerário, refletindo uma nova forma de visualizar as relações sociais ocorridas entre as mulheres presas, tendo a sexualidade uma importância fundamental na compreensão destas relações. O disciplinamento estará presente, mas as mulheres fogem desta realidade, vive uma tensão entre o constrangimento da vigilância e a visita; por um momento - momento este de junção entre os corpos que até então estavam subjugados ao poder do Estado, e os corpos dos companheiros e companheiras “esquecem” a tensão:

... suas paredes falam, o sentimento é de vergonha, até entrar é como a gente tivesse fazendo uma coisa errada, os policiais ficam “frescando”, as agentes ficam olhando, a gente ficam toda encolhida... Mas depois que entra esquece...(Mulher que recebe o benefício da visita).

Contudo esta visita assume várias facetas, entre elas a visita familiar, que se dá semanalmente nos dias de Quarta-feira e Domingo. Pode-se perceber um grande número de pessoas que trazem objetos, comidas, roupas, para quem está na prisão. O pátio fica repleto: pais, mães, irmãs (os), amigos (as), enfim as pessoas que, de alguma forma, querem se encontrar com a mulher encarcerada.

A visita íntima é na verdade outro momento de visita familiar. Nesta o cônjuge, o companheiro, a companheira, namorado e a namorada são as pessoas esperadas. A visita íntima se dá semanalmente ou quinzenalmente, dependendo para quem é a visita. Se for para mulheres que tem o companheiro (a) em liberdade poderá ser semanalmente, mas se for para mulheres que estão com seus companheiros na prisão, será quinzenalmente.

(...)o benefício que elas tem é toda semana enquanto as outras dos presídios são de quinze em quinze dias. Porque elas é quinzenal e elas não, é semanal, nós temos a relação na parte do venustério¹¹⁰, que é no dia de quartas e domingos. Aquela que tem direito de na quarta vai pro venustério dia de quarta, aquela, que vai no domingo só vai no domingo. Todas as quartas-feiras, ela pode e todos os domingos. Já os

¹¹⁰Local concedido pela direção para encontro de natureza sexual.

presídios não, é de quinze em quinze dias. Eu creio que já seja pelo fato de ser presos e elas presas. E no caso destes outros, que os maridos já são da liberdade é toda semana (Chefe das agentes penitenciárias)

Dentro do mundo da prisão ocorrem diferenciações, como esta levantada pela agente penitenciária que, ao ser indagada sobre esta divisão do espaço de tempo entre uma visita e outra disse não ter condições de levar as presas todas as semanas devido às condições de segurança, sem mais explicações.

A VISITA E SUA PREPARAÇÃO

Nos dias que antecedem a visita íntima, as mulheres passam por um ritual de preparação de seus corpos. Mesmo não podendo interagir com as várias possibilidades de apropriar-se das técnicas existentes no “mundo da liberdade”, é realizado um roteiro de embelezamento. O cuidado começa com o bronzamento de corpos¹¹¹, as unhas são pintadas de preferência com esmaltes vermelho ou preto - como a moda dita. A depilação é realizada por cabeleireiras que “caíram na vida do crime”. Se as companheiras não têm dinheiro para pagar é realizada uma espécie de escambo. A troca depende do que se quer trocar, tudo é negociável e como não é permitida a entrada de aparelho de barbear, a retirada dos pêlos é feita pela depilação. Algumas delas ficam revoltadas com esta decisão da direção. Quando um aparelho passa despercebido pela revista, logo é objeto a ser cobiçado e, automaticamente, some num piscar de olhos. As mesas que são destinadas às refeições transformam-se em mesas de depilação. Os cabelos são lavados, colocados na touca¹¹². O corpo passa a ser símbolo de beleza, representando tanto uma vontade individual de se manter bela como da introjeção de

¹¹¹No espaço interno das alas há um grande pátio sem cobertura. São inúmeras as mulheres que ficam de calcinha e sutiã para obter a “marquinha”, sendo apanhadas pelas câmeras de segurança (ao total são 50). Por algumas vezes passei pela sala dos monitores e presenciei o policial de guarda observar estas mulheres. O passatempo no momento era ver vários ângulos do mesmo corpo.

¹¹²Touca, utiliza grampos para buscar cabelos mais lisos, mas não são todas que usufruem desta artifício. Algumas delas, acham perca de tempo pois depois que molha volta tudo ao normal.

valores repassados pela indústria publicitária que inculce padrões a serem seguidos por estes corpos.

Como a ociosidade é grande, várias tem na TV seu maior passatempo, assimilando a moda ditada pelas novelas. O que se percebe na escolha das roupas colocadas no momento da visita (Ver anexo I).

As vestimentas são, para a maioria das mulheres no presídio, uma extensão de seus corpos, delimitando sua identidade e individualidade. Mesmo estando presas estão em sintonia com o mundo de fora através de suas roupas, maquiagem, sapatos, bijuterias e batons.

Para Schilder (1994), a imagem corporal pode ser modificada de diversas maneiras. Uma delas é se fazendo uso de objetos que se conectam a superfície do corpo, podendo até mesmo ser incorporado a ele. O ser tenta alterar a imagem corporal, podendo incluir, além da limpeza e higiene, a tentativa de fazer desenhos na superfície da pele, como as tatuagens, modificando a parte visual dos corpos em exposição. A pintura dos lábios, das unhas, do rosto, a descoloração dos cabelos, os penteados, tudo são tentativas de mudar a imagem visual deste corpo. Schilder, ao citar Flügel, relata que as roupas também exercem várias funções, além de proteção, exercem uma função de decoração, tornando-se, assim, parte da imagem corporal, fazendo parte da libido narcisista do ser como produtor de sentido.

A roupa para a entrevistada é um instrumento de ornamentação diferenciando-se com a necessidade apresentada. Ao pegar a bata da agente prisional, queria, através da ironia, “abalar” com a rigidez dentro do espaço prisional, mas num sentimento mais íntimo, o estar como agente por um dia, revelava-se como uma vontade contida que foi satisfeita no dia da rebelião. O estar com as vestimentas da agente penitenciária, ou melhor, na pele da outra, mesmo por brincadeira, tornou-se extremamente significativo.

Schilder (1994) também faz referência às roupas utilizadas, preferencialmente, pelas mulheres revelando que mesmo após despidas, elas continuam fazer parte do

corpo, como uma segunda pele. Ao mudar o estilo de roupa muda-se, também, a atitude. Reflete que ao se tirar a roupa, à noite, tem uma maior proximidade com a própria imagem corporal, as tendências e pulsões libidinais. Assim posso fazer referências à utilização de vários artefatos como produtores de sentido. A cada movimento de transformação corporal realizado por estas mulheres descubro não só uma expressão de cuidado para com o outro, numa dimensão simbólica que ultrapassa o estado de privação de liberdade destas mulheres.

O CORPO DA MULHER PRESA

A análise da imagem corporal das mulheres no universo do Presídio Feminino Desembargadora Auri Moura Costa são ressaltadas através dos signos que são representados cotidianamente, através das escolhas de como se vestir, falar, dialogar, se preparar para a visita íntima¹¹³.

Analiso sua auto-imagem que se reflete dentro do cotidiano do cárcere, por um sentido imaginário repassado através da formação do “ser mulher”, possuidora de um corpo, corpo este concebido socialmente, através da cultura, dos costumes e padrões vigentes nas mais variadas sociedades. Para Rodrigues, o corpo humano é socialmente concebido, a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular (Rodrigues, 1986).

É neste sentido que analiso o que ressalta Rodrigues(1986): o comportamento individual é construído coletivamente, subordinado a códigos que muitas vezes não são percebidos. Através de uma ação inconsciente, estes códigos estabelecem a forma de permanecer em grupo numa sociedade. Esta percepção demonstra a possibilidade de apreensão de mensagens significantes.

¹¹³No decorrer do trabalho irei aprofundar mais sobre esta realidade. Com a autorização das mulheres pesquisadas, tive a possibilidade de realizar imagens de momentos antes da visita íntima, as imagens poderão ser vistas no decorrer do trabalho.

A prática deste exercício destaca o corpo como produtor de sentido, um corpo-significante, que corrobora para a compreensão de um discurso que se exprime através de uma linguagem corporal. A auto-imagem é representada por signos que são expressos pela forma como os seres agem socialmente, utilizando ferramentas que exprimem suas preferências através de suas vestimentas, adornos, palavras, gostos. A leitura sem palavras é uma metalingüística, descrevendo qualquer sistema de comunicação. Estas preferências decifram opções sexuais, modos de convivência, rituais cotidianos. *Estes signos falam sem palavras, são linguagens não-verbais altamente eficientes no mundo da comunicação humana* (Ferrara: 2000, 7). (Ver anexo I).

Ao realizar uma primeira leitura desta foto, pode-se perceber signos falados e interpretados pelo senso comum, que caracterizam a figura feminina como mulher “sexo frágil”¹¹⁴, ou caricatura do gênero masculino¹¹⁵. Com o decorrer do trabalho, as imagens puderam ser re-integradas a uma visão mais específica, realizada por uma leitura não-verbal. A imagem estabelece novas fronteiras de interpretação.

As entrevistadas trazem códigos não verbais, modelos visuais femininos que ultrapassam uma linguagem socialmente pré-concebida sobre a sexualidade feminina. Falo de signos que correspondem a uma gramática corporal que parece ser bastante eclética.

Adorava brincadeiras de meninos. Brigava feito menino macho no meio da rua, nunca perdi um briga. Os bolsos do calção era tudo rasgado, eu gostava de calção largo, blusa frouxa pra não apertar, até hoje uso estas roupas, eu gosto...(Artemis)

Ah! Eu gosto de mim vestir assim, gosto de blusa que mostra a barriga, saia e calça de cintura baixa, pra mostrar o umbigo...(Afrodite)

Na sociedade encontramos aqueles que se referem a mulheres que respondem aos anseios dos papéis sexuais ditos femininos, usam roupas mais discretas, obedecendo

¹¹⁴Ludibriada pelo companheiro, e presa por tráfico de drogas.

¹¹⁵Conhecidas, popularmente, como “sapatões”.

padrões segundo os quais a mulher deve ser recatada, sem gestos exagerados, mãe de família¹¹⁶. Outro modelo distingue a homossexual feminina como uma caricatura do masculino imitando gestos, roupas, linguagens. Mas encontrei o inverso desta realidade, mulheres que se recusam a assimilar os padrões masculinizados, optam pelo mesmo sexo, mas tem gostos, gestos e aparência expressamente feminina, como o uso de batom, de unhas pintadas, de roupas que delineiam o corpo etc. Tal situação contrapõe-se a um pensamento formalizado que tende a padronizar que “mulher que gosta de mulher, vulgarmente chamadas de sapatões, tem um ar masculinizado”. Por outro lado, existe a transformação da mulher do dia-a-dia para o modelo típico de mulher fatal, com roupas colantes, saias curtas e acessórios exagerados (Ver anexo – Fotos 2, 3 e 4).

As redes de relações estabelecem novas formas de sociabilidade, ultrapassando fronteiras culturais entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres¹¹⁷, mostrando um outro universo de pesquisa. Velho (1987) ao estudar grupos desviantes, reflete sobre um problema crucial que seria perceber se indivíduos que partilham preferências por comportamentos condenados ou discriminados desenvolvem uma identidade comum e de solidariedade¹¹⁸.

O homem e a mulher estão inseridos em um contexto mais amplo, de acordo com o sistema social, econômico e cultural em que se encontram, sendo organizados por padrões estabelecidos pela sociedade. Para Ferrara (2000), as expressões destes padrões são representadas através de signos, que serão apresentados mediante o significado do próprio sistema sócio-econômico e cultural que apreende o real.

Le Breton (1985) analisa o corpo como produto de uma construção social. Nesta perspectiva, devemos ressaltar que a compreensão da natureza cultural do corpo, e de

¹¹⁶Existe um discurso, entre algumas mulheres que alegam tê-lo feito por necessidade, para não deixar a família morrer de fome, entrando assim no mundo do crime.

¹¹⁷Como o local de pesquisa é o Presídio Feminino, não pude mencionar homens e homens, mas no universo do sistema prisional é uma outra face deste universo corporal.

¹¹⁸No decorrer desse texto, analisarei como se dão as redes de relação entre os grupos específicos dentro do presídio, refletindo principalmente os códigos referentes a cada opção sexual encontrada no universo do presídio.

seus indícios históricos, revela, a priori, uma fundamentação do indivíduo que se constrói mediante sua cultura, seu cotidiano e seu tempo. O indivíduo vai assimilando tanto referências de caráter cultural como de marcas que se inscreveram em seu corpo dentro do seu cotidiano.

O autor irá tecer considerações a respeito das sociedades arcaicas e tradicionais, nas quais o corpo não é partícipe num processo dual, o corpo não difere do indivíduo.

“Cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, desenha um saber singular sobre o corpo: Suas constituições, suas performances, suas correspondências etc. Ela lhe dá sentido e valor”. (Le Breton, 1985)

Para o autor, o aspecto cultural irá refletir-se, intrinsecamente, a formação de sua pessoa. Nas sociedades ocidentais, o corpo moderno é possuidor de outra lógica, “O ter um corpo é mais que ser um corpo”, caracterizando a ruptura com os outros para o estabelecimento do individualismo, delimitando uma nova estrutura de relação. “ *O corpo é visto como signo das sociedades, é o lugar da diferença, de sua distinção e ao mesmo tempo paradoxalmente, ele é freqüentemente dissociado de si...*” (Le Breton, 1990). Nesta perspectiva, o corpo é visto como parte dual contrapondo-se à noção anterior.

As transformações que ocorreram na sociedade moderna orientam para outra nuance, em que o individualismo aponta para novas relações sociais, a possibilidade de se ter um corpo como sustentáculo de toda uma ação que o movimenta como parte da propriedade privada. Estabelece uma nova leitura para sua compreensão, o corpo não é visto como sendo um corpo e sim como parte de um contexto mais amplo.

A consciência do homem é corporal, o corpo em si não existe, cada sociedade dá um sentido a ele, diferenciando-o de acordo com a sociedade a que pertence. O corpo, para as sociedades modernas, se constitui como um atributo. Para trabalhar, busco não somente estes corpos, mas sua imagem reproduzida, adentrando assim o universo representativo do corpo.

O corpo-imagem é produto que mobiliza o olhar para a compreensão do corpo-processo. O corpo, como matéria significante, é um corpo que age; a representação do corpo refere-se à noção de acto, de comportamento (Veron, 1976). Este corpo, que é formado por várias possibilidades de identidades de gênero, revela significados sobre sua sexualidade, através das opções sexuais escolhidas.

Veremos como as representações são construídas e decodificadas dentro do universo do presídio. Através de seus comportamentos, os corpos são expressões que serão pistas para sua compreensão mediante o olhar de outro corpo, a partir da produção de sentido de um corpo para outro à medida que agem. O significado de um corpo ou fragmento de um comportamento (olhar, expressão, gesto) só será reconhecido mediante uma leitura minuciosa das pistas deixadas pelo caminho.

A gente olha para elas e vê um monte de mulher, cada uma tem um jeito de ser, diferente, eu vejo como tivesse vários grupos e, cada um tem um jeito de ser, diferente de se relacionar, de estar aqui na prisão. (Assistente social)

A leitura como uma linguagem corpórea interpreta uma relação que se fundamenta pela produção de sentido, perceber que a forma de ser irá refletir sobre as relações que irão acontecer. Os processos de identificação usaram esses indícios para mediar relações sociais estabelecendo contato com o sujeito que fala. Ressaltamos, contato, que este mesmo sujeito age, e também se estabelece “ no e pelo corpo”(Veron, 1976).

Como entender o corpo como um produtor de sentido?

Para Veron, a produção de sentido estabelece-se através da categoria de semiose social (Veron,1980), que fundamenta que o sentido é construído socialmente, produzindo um dispositivo significante, no caso o corpo. Ao colocar-se no lugar de outro, muda o sentido a princípio imposto. A denotação dá ao “mundo” um sentido construído pela linguagem e toda a linguagem constrói um mundo, quer seja ele proposto como imaginário ou como concreto, como significante ou como puramente material. Para ele, esse mundo é uma ordem de representações, que fundamenta esse dispositivo como socialmente produzido (idem,179).

Os corpos representam, além do dito, o “falar”, sendo uma expressão que nem sempre oferece todas as oportunidades de apreensão do real. A inscrição possibilitará a leitura do corpo como um meta-corpo. Ferrara propõe que todo código deve ser interpretado por seu receptor, produzindo assim os processos de identificação. Grupos irão se aglutinar buscando características semelhantes entre seus pares.

Percebi, então, que para possibilitar outra forma de interpretação deveria “lançar mão” das marcas construídas no cotidiano do cárcere. Assim, através de uma leitura não-verbal, transformaria “fragmentos espaciais específicos, diluídos no cotidiano expressivo, em imagens valorativas, buscando a percepção de índices que exprimissem possibilidades de recepção de mensagens ainda não lidas” (Ferrara, 1997).

A LINGUAGEM DOS CORPOS – MARCAS DEIXADAS PELO CAMINHO

Ao observar os gestos, fala e expressão de intimidade pôde perceber uma linguagem voltada para ressaltar códigos diferenciados de inserção, que são expressos de acordo com a opção sexual e suas preferências. O interessante é que pouco a pouco a atividade sexual torna-se uma característica fundamental para definição de um tipo específico de indivíduo inserido no universo da prisão. As mulheres passam a se definir como diferentes. Não por seus crimes¹¹⁹ ou nível de periculosidade, mas pela opção sexual que escolhem. Os corpos são produzidos e reproduzidos diferentemente, ocupando espaços de acordo com a sua conduta no espaço prisional. Legitimando, assim, o lugar de onde falam.

A luta que se deflagra dentro do espaço da prisão, revela um enfrentamento pelo lugar que cada uma ocupa. Seus corpos são construídos dentro deste universo. As escolhas perante a sexualidade mostra a diferença entre esses corpos. De acordo com as

¹¹⁹Tráfico, roubo, seqüestro, assassinato, o nível de periculosidade é importante mas se estabelece uma outra ordem de curiosidade quando a mulher adentra o presídio “o que é que ela é, hetero, homo, ou bi ?”

diferentes formas de socialização, irão se formar processos de identificação entre o corpo individual/coletivo. Cada grupo terá suas características instituídas, assumindo assim suas escolhas, com ressalva às bissexuais¹²⁰.

Para Barbosa (1997), a diferença é construída através da sexualidade. Ao longo do século XX, as pessoas passaram a se definir através da expressão de seu sexo/gênero, de tal forma que o indivíduo que emerge deste processo histórico tem na sexualidade a chave de sua identidade, o que justifica a busca incessante da resposta à pergunta: “Quem sou eu, sexualmente? Homem ou mulher; normal ou anormal, hétero ou homossexual, travesti, transexual ou sadomasoquista?”(Barbosa: 1997, 43-44).

É neste contexto que ocorrerá a construção destes corpos, como corpos-significantes, representando o lugar que ocupam dentro do universo do presídio. O cotidiano é marcado por várias relações. Dentre elas, a questão da sexualidade demarcada é uma das mais instigantes. O universo sexual construído dentro da prisão pode ser percebido por relações hetero, homo, bissexuais¹²¹;

A VISITA COMO DEMARCADOR DE TEMPO

Para melhor entender a questão do tempo, analiso como as mulheres presas refletem e se apropriam deste tempo na prisão. É interessante perceber que ao entrarem no “mundo do cárcere” fora da liberdade, o processo socialmente padronizado será o mesmo que aprendeu no “mundo de fora”. Conta-se as horas, minutos e segundos. Mas, como ressalta Nobert Elias(1998, p.7), *os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, mas o tempo é invisível, e sendo assim, como medir uma coisa que não se pode perceber pelo sentido?* Para o autor o que será contado são questões concretas da

¹²⁰Este grupo é rejeitado pelos demais por suas escolhas sexuais.

¹²¹Nas próximas páginas irei aprofundar estes tipos de relacionamentos.

nossa realidade, como um dia de trabalho, um eclipse lunar, mas no caso das mulheres presas a vivência será diferente.

O conceito de tempo, no uso que fazemos dele, situa-se num alto nível de generalização e de síntese, que pressupõe um riquíssimo patrimônio social de saber no que concerne aos métodos de mensuração das seqüências temporais e às regularidades que elas se apresentam. (idem). Entre os instrumentos mais antigos de mensuração do tempo encontramos os movimentos do Sol, da Lua e das estrelas. A cada movimento, uma nova leitura, hoje os instrumentos estão cada vez mais aprimorados. No entanto, falaremos de outras formas de interação com o tempo.

Tempo que não é somente o dito acima, objeto de vários cientistas dentre os séculos, a cada descoberta uma revolução se anunciava. Este tempo é um tempo diferenciado que estará interligando com o real, mais será do abstrato que falaremos. Os símbolos que estão por traz das horas, dos dias e dos meses. Falo dos encontros e desencontros com outra forma de levar a vida na prisão. Fugirei como diz Elias(idem) de uma experiência de tempo como um fluxo uniforme e contínuo de só se tornou possível através do desenvolvimento social da mediação do tempo, pelo estabelecimento progressivo de uma grade relativamente bem integrada de reguladores temporais, como os relógios de movimento contínuo, a sucessão contínua dos calendários anuais e as eras que encadeiam os séculos(vivemos hoje no vigésimo primeiro século depois do nascimento de Cristo). Quando faltam esses instrumentos, essa experiência do tempo também fica ausente. Mas, a busca será de outras formas de mediação que se apropriam traz da realidade experiências do cárcere.

O que será contado no início serão os dias, meses, anos contabilizados a cada segundo que passa. Contudo, com o passar do tempo e os anos que vão se acumulando, o sistema de mensuração irá se modificar. A hora não será contada, mas se saberá o momento do acordar, através da abertura das trancas, do café, do banho de sol, do almoço e do “Barra Pesada” ou “Rota 22”, do jantar, do fechamento das trancas.

Com o passar do tempo as mulheres vivenciam novas formas de apropriação demonstrando que o importante não é mais olhar o calendário e nem o relógio, mas criar

mecanismos de suporte para estar nesta realidade. Uma mulher, ao entrar no regime fechado do cárcere, percebe que o tempo toma um novo significado.

O calendário eu vejo assim, todo dia eu tiro aquele número, mas um dia, tchum! Eu vou tirando aquele número, e como fosse 30 cadeias e todo dia eu vou tirando uma cadeia. Vai acabando, eu vou puxando aquela e a vai riscando o calendário. Antes eu riscava, agora eu não tenho mais nem calendário.... (*Atena*)

Mas entre as teorias sobre o tempo encontramos duas bases iniciais, a primeira destaca o tempo como um dado objetivo do mundo criado, não se diferenciando, pelo seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, por ser perceptível. O seu principal representante seria Newton, objetivista, afirmava que o tempo é uma maneira de captar em conjunto os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana, assim, antecede a qualquer experiência humana. Descartes aceitava tal opinião, mas foi com Kant que encontrou mais representação, a princípio, o autor considerava o tempo e o espaço como representação a priori, ou seja, busca o tempo como uma forma inata de experiência, portanto, um dado não modificável da natureza humana.

A tendência dessas duas teorias são naturezas objetiva e subjetiva, sendo a primeira independente da realidade da natureza humana e a segunda terá bases no contrário da primeira, ou seja, na subjetividade. Mas, realmente o indivíduo terá seu saber construído em torno do processo de aprendizagem, que não teve começo na história da humanidade. Todo o saber vem de um patrimônio pré – adquirido, aumentando a cada experiência vivenciada. Assim coloca Elias correlacionando com a experiência de construção e conhecimento sobre o tempo.

O isolamento permite a disciplina prisional, mas acarreta a dilaceração das relações estabelecidas no mundo de fora, como elas mesmas colocam “mundo da liberdade”. Aquelas que têm seus companheiros vêem nisto a amenização deste sofrimento, pois de certa forma o tempo será delimitado não cronologicamente, mas através de acontecimento marcantes dentro do cotidiano destas mulheres, constituindo assim outras formas de mediação do tempo. Como ressalta este depoimento:

Eu não quero nem mais vê calendário, nem saber de hora, às vezes eu pergunto quando é dia de visita que tem gente pra entrar. Mas, eu não pergunto que dia é . Às vezes eu estou atordoadinha...Que dia é hoje? Que mês? Aí me dizem é tal dia! Aí eu: Vala meu Jesus ...

Mas a expressão, “puxar o tempo pelo pé” é constantemente utilizada:

Puxar (risos...), a gente disse que puxa cadeia por que eu fui julgada e vou passar tanto tempo na cadeia! Tem que puxar, puxar aquela cadeia todo dia, todo dia vai tirando aquele dia. Mas para quem puxou sete, né.. Diz o ditado: Agora eu puxo os três achando graça. Agora eu não vou puxar, eu vou empurrar!!! (Mulher presa por homicídio)

Encontrei casos em que a relação resiste “*ao mundo de dentro, o da prisão*”, ou são criadas novas formas de socialização, como relações com presos de outros presídios, ou a relação afetiva com o mesmo sexo.

Assim, o tempo passa mais rápido, por que a gente se envolve com outras coisas.

É neste sentido que encontramos diferentes mulheres, em seus estilos, classes sociais, linguagens, formas de ver o mundo e lidar com a sua sexualidade. São mulheres detentoras de significados, produtoras de sentidos de imagens e auto-imagem. Seus corpos são marcados por suas experiências, que se transformam, no decorrer de suas histórias, corpos femininos que apreendem características ditas masculinas, corpos que vibram, em fragmentos, buscando outras maneiras de passar o tempo na prisão.

Eu ainda tenho que puxar mais dez anos de cadeia (mulher julgada a dezessete anos de prisão por latrocínio).

A lógica do tempo para algumas delas, preferencialmente aquelas condenadas a muito tempo de cadeia, torna-se uma realidade muito dura. Pensar que terão que passar anos num mesmo lugar é terrível. O tempo demarca outra lógica, na qual é necessário se criar artifícios para poder conviver com a realidade. Neste contexto, encontrei falas que representam a dificuldade de convivência com as diferenças no mundo da prisão.

São três coisas que acabam com elas aqui, a primeira é o telefone (parece que quando você está aqui tudo de ruim

acontece e o pessoal dá família sempre fala, parece uma coisa...), a outra é a droga, tem gente aqui que vende até as comidas pra sustentar o vício, é o maior fojo¹²². A droga é proibida mais tem dia aqui depois da visita, que o presídio está tão abastecido que parece lá fora. E a outra é o lesbianismo, é uma pouca vergonha, é um troca- troca danado, num dia estão apaixonadas por uma, depois por outra, é tanta briga, traição... (mulher heterossexual julgada por homicídio).

Puxar o tempo de cadeia sozinha é a coisa pior que pode acontecer na vida de uma mulher, meu marido me deixou depois que estava com três meses de cadeia (Pérsefone).

A maioria das mulheres enfrenta dificuldades em suas relações conjugais, como o seu amortecimento, ou seu total esquecimento por parte do companheiro. Tratava-se, portanto, de um assunto muito delicado que dificulta o acesso às representações destas mulheres.

O cotidiano do presídio, para esta mulher, é visto como um grande inferno. Conviver com outros padrões, fora daqueles com que aprendeu a viver¹²³, trouxe para ela uma grande angústia. Ao se referir à droga, demonstra um discurso comum no presídio, *a droga faz parte do dia-a-dia do presídio. Quando é dia de visita sai todo mundo abastecido (mulher heterossexual)*. Em conversa com a diretora do presídio, esta relatou que, se todas as mulheres dependentes entrassem em abstinência, quebrariam todo o presídio. No decorrer do trabalho de campo é comum se observar esta realidade. Como a maioria das mulheres é presa por tráfico, muitas delas são dependentes químicas. “Para algumas, a droga é possibilidade de suavização desta realidade”.

¹²²Troca de mercadoria(roupas, sapatos, comida) por droga.

¹²³A entrevistada pertence a uma classe social mais privilegiada. Relatou que ao entrar na prisão, achava que não agüentaria por se considerar muito frágil, mas, com o passar do tempo se descobriu forte para enfrentar aquela situação. Acusada de ser mandante do assassinato da mãe, correm dúvidas sobre a autoria do crime, algumas pessoas acham que caiu em uma armadilha montada pela irmã. Foi condenada a quatro anos de reclusão. Por ter advogado próprio e ser ré primária estará saindo no próximo mês de novembro. Cumpriu 1/6 da pena, mais o tempo da remissão(a cada três dia, um será diminuindo na pena). s de trabalho um é diminuído da pena).

Desta forma, criam novas formas de sublimação deste tempo cronológico; para algumas a droga será um anestesia para os sentimentos e lembranças do mundo de fora. A maconha, o crack e os comprimidos são os mais utilizados. Assim montam um subterfúgio para vivenciar a falta de ter o que fazer.

Outra maneira de driblar o tempo será a televisão, com o advento da comunicação, a TV entre outros meios de comunicação será um mecanismo de repasse unilateral de informações com o mundo de fora. Quase todas as celas têm um aparelho de TV, por mais simples que seja, as presas dão um jeito para conseguir. Mas, ao pensarmos numa Instituição Total (Goffman, 1987), o uso de instrumentos de entretenimento seria posto em discussão, podendo ser vetado pela possibilidade de interligação com o “mundo de fora”. Mas, hoje, a tendência das discussões jurídicas e da justiça penal é abrandar ações que possam deixar os presos (as) entretidos. Na realidade, a televisão será muito além que um simples mecanismo de apropriação do tempo, mas uma forma interrelação com o mundo de fora, mesmo que virtualmente. O uso da TV reflete que os preso (as) estão super conectados a tudo que acontece no seu exterior.

Principalmente, no que se refere aos programas com o interesse voltado para ações policiais, como Barra Pesada e o Rota 22, programas onde passam os últimos envolvidos que foram presos (as). Basta chegar o horário que lá estão elas conectadas; a televisão seria desta forma, além de um entretenimento, uma janela para o mundo de fora, com direito até as informações sobre os últimos acontecimentos do mundo do crime, além de também assistirem ao jornal e observarem as mudanças tanto na sociedade como no direito, no mundo extramuros. Assim reflito o uso da TV não somente como uma possibilidade de apropriação deste tempo cronológico e simbólico, mas, sobretudo de uma ferramenta de sublimação da realidade encontrada nos diversos presídios brasileiros.

O tempo poderá ser visto como a noção de tempo analisada por Evans Pritchard, nos “Os Nuer”, como um tempo desconectado do cronológico que é marcado por acontecimentos cotidianos mais marcantes no grupo.

Assim, percebe que as mulheres no presídio além de passar o tempo conectado à televisão, medem o tempo na prisão através dos acontecimentos cotidianos que ocorrem no dia-a-dia do presídio. As visitas familiares e íntimas terão este caráter. As mulheres sabem que de quinze em quinze dias poderão ver os seus companheiros e que semanalmente poderão receber visitas de seus familiares e amigos. Demonstram outra forma de interação com a realidade temporal. O espaço da prisão terá outro mecanismo de orientação social. A cada data comemorativa este tempo ganha outro viés, sendo um marcador temporário. Natal, Páscoa, dia da visita, visita íntima o tempo é delimitado por datas comemorativas ou de encontro. Assim o cotidiano torna-se insuportável. *Viver entre quatro paredes é horrível, se pudesse fugiria daqui (Afrodite)*

Encontramos, também, a definição de Roberto da Matta, que ao trabalhar com os índios Apinayés, percebeu o tempo pensado e vivido como um processo de descontinuidade. Para um Apinayé, o tempo não é visto como um fluxo linear. Não será o cronológico, o calendário que dará a noção dos dias. Mas, acontecimentos marcantes como a mudança na natureza, através das estações climáticas, seguido acontecimentos na tribo. Neste contexto, busquei perceber que alguns acontecimentos também, tinha o mesmo sentido para as mulheres encarceradas, como o dias das mães, dos presos, o natal pois serão datas que oportunizam a saída de algumas mulheres encarceradas. Ganhando um novo ar em suas expressões.

Outra forma de passar o tempo serão as atividades cotidianas, como a sala de aula, o trabalho na padaria, na cozinha, na oficina de desinfetante, mas o número de vagas é pequeno para o número de mulheres presas. Entre as atividades observadas teve uma que pareceu de interesse das presas. Falo do Fanzine, confeccionado por algumas mulheres sob a orientação da assistente social. Alguns deles eram distribuídos nas alas e passavam de mão em mão, sendo uma forma de ironizar com a realidade vivida.

Os Fanzines são uma espécie de fuga, a idéia é a gente lançar as historinhas do presídio em forma de humor pra coisa não ficar tão pesada. Porque, quando você conta a tua história de vida, você chora, sofre... (Hera)

Vejamos os conselhos dados pelas companheiras, aquelas que estão na Pensão da Auri, denominação criada pra definir o Instituto Penal Desembargadora Auri Moura Costa.

1. Não roubar as colegas de cela;
2. Não cabuetar, para não ser cabuetada;
3. Não cobiçar a mulher, alheia porque dá peia;
4. Não sair para nenhum lugar sem fazer suas orações;
5. Não usar drogas químicas, para não prejudicar à saúde;
6. Evite uma briga mesmo que leve vantagem;
7. Quando vê a Polícia não dê sugestão;
8. Não abandone as crianças porque elas poderão rachar o meio do céu contigo;
9. Não contar o tempo pois ele não vai passar de qualquer jeito;
10. Quando sair da pensão da Auri, não se misture com STF (Sem futuro Total).¹²⁴

Cada mandamento equivale a uma orientação para passar cada dia na “Pensão da Auri”, na realidade, a brincadeira tomou pé sendo feito oito exemplares, sendo abordados problemas como fuga, maus tratos, falta de condições, saudade, e a questão do próprio tempo como vemos no item 9. O mais importante é que mulheres se encontram para conversar sobre seus problemas e dali constroem estratégias mesmo que simples de sobrevivência a um estilo de vida que as oprimem.

¹²⁴ Reproduzido do Fanzine no.01/novembro de 2002.

OS CORPOS COMO IMAGENS

O cotidiano da sociedade contemporânea é bombardeado por imagens que são veiculadas pelos meios de comunicação expressando uma cultura espetacular e narcisística, onde o corpo é imagem, é objeto de veneração e consumo. A cultura de massa estabelece outras formas de lidar com a questão da sexualidade, representado pela publicidade em torno do corpo belo, saudável, malhado, trazendo um contexto que se confunde entre as aparências e o excessivo culto ao corpo.

Para Joly (1996), a imagem adere a diversas significações, demonstrando várias formas de compreensão que “nem sempre remete ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz a reconhece”(Joly: 1996, 13).

As mulheres encarceradas se vêem de forma diferente. Por estarem fora do mundo da liberdade, expressam a vontade de vivenciar experiências tidas quando estavam mundo de fora, mundo da liberdade. Questionam que sua vida só terá sentido quando ultrapassarem os muros que separam o mundo de dentro (prisão) do mundo de fora (liberdade). Mesmo não tendo condições de pertencer à esfera de consumo, observada no mundo da liberdade¹²⁵, muitas delas adentram ao mundo do crime, por buscar os signos repassados pela mídia, pela cultura de massa.

Quando eu ganhava uma grana numa parada, dava parte pra minha mãe pra cuidar dos meus filhos, eu tenho três, mas comprava também umas roupas de marca. Eu gosto, a gente fica mais bonita (Afrodite).

A maioria delas, principalmente mulheres pobres, sente-se excluídas destes prazeres da sociedade contemporânea. Enquanto outras, consideradas pelos

¹²⁵As expressões são utilizadas pelas mulheres para expressarem a liberdade, o viver fora da prisão.

profissionais do presídio e pelas próprias presas, como peixes grandes¹²⁶, estão dentro do círculo de consumo. Em relato de uma das funcionárias do presídio, podemos perceber esta relação:

Era perto do natal e a (...) disse que estava doida para comprar uns sapatos, me pediu que trouxesse um catálogo da Arezzo, passei na loja e trouxe para ela, ela escolheu três pares de calçados com bolsas combinando e disse que o dinheiro iria cair na minha conta pra comprar. Em três dias o dinheiro entrou na minha conta e, eu comprei os sapatos e as bolsas. Tem mulheres aqui que têm a sua manicure, cabeleireira, lavadeira, todos os serviços são feitos por outras presas. Como o presídio está lotado e chega um peixe grande, ela não tem direito a pedra (cama de alvenaria), se a presa tem condição ela compra a pedra da mais pobre(Funcionária do presídio feminino).

No relato acima, podemos perceber como as “coisas funcionam no ambiente da prisão”. Quem tem mais condições compra uma melhor estadia dentro dos muros do cárcere. É comum saber que as mulheres que tem mais condições contratam os serviços de suas companheiras de cela, em troca de dinheiro, comida e proteção dentro da prisão. Aquelas que são de uma classe mais desprivilegiada acabam prestando serviços de lavadeira, manicure, cabeleireira, guarda-costas, etc.

O cotidiano deixa estas mulheres marcadas por fatos e situações de humilhações e violências. As marcas em seus corpos refletem imaginária e concretamente o início de sua “vida de delitos”. Eis o relato de uma das mulheres encarceradas:

Comecei na vida com 12 anos, meu pai me colocou para fora de casa, comecei a me prostituir e a ser mula¹²⁷. Aos quatorze anos matei o primeiro, foi vingança. Ele matou meu irmão e vivia passando lá na frente de casa dizendo que mataria o resto. Até que um dia eu fiquei com raiva e peguei ele. Quase que eu ia junto, ele me deu 3 facas, uma no meu rosto (elevou a mão para o lado esquerdo do seu rosto e mostrou uma cicatriz) com essa aqui eu perdi três dentes. Mas ele levou a pior, dei uma facada

¹²⁶ Chefes do tráfico (principalmente estrangeiras), seqüestradoras, filhas da classe média alta que, apesar de serem minorias, ditam normas dentro de suas alas, por terem dinheiro e assim podem consumir mais.

¹²⁷ Mula quer dizer a pessoa que leva a droga, às vezes pode ser dependente química como era o caso da entrevistada.

nele perto da garganta e pegou a veia. As outras duas foram no peito e na perna, até hoje quando olho pra marca me lembro do dia. Aos dezesseis, fiz um assalto dos grandes num apartamento lá na Praia do Futuro, naquele tempo o pessoal tinha ouro, hoje é tudo lataria. Com o dinheiro fui pra Manaus pra comprar droga, fui e voltei em cima de um caminhão. Eu era danada, trouxe 2 Kg de cocaína. Com o dinheiro comprei a casa que até hoje meus filhos moram nela. Me vejo no espelho e sei que estou feia, descuidada, fui viciada em maconha, cocaína, mas foi o crack que me acabou. Mas, você precisa vê no dia da visita, eu me produzo toda Hoje tô limpa, antigamente eu me drogava muito, até um dia meu filho me disse, por que a senhora fica assim, mãe eu vou trabalhar pra te tirar desse mundo (Héstia)

O corpo das mulheres na prisão tem diferenças que se expressam também pela condição social questão inserida. Na realidade, o corpo daquelas que tem, mas condições é um corpo mais cuidado, têm a preocupação do uso de cremes e sabonetes com cheiro. Para as mulheres que são de uma classe mais pobre, seus corpos são mais sofridos, a idade é uma armadilha, pois não se percebe a idade real destas mulheres. A vida levou o viço, a beleza dos corpos, mas a deterioração dos corpos está em níveis diferentes. A pobreza reflete-se com mais severidade sobre o corpo feminino, suas marcas são mais visíveis.

A estrutura da pessoa no cárcere revela uma identidade deteriorada (Goffman, 1980), na qual aparecem sentimentos, lapsos de memória, lembranças que não querem ser reveladas, marcas que exprimem vários momentos de suas vidas. O corpo, como ressalta Diógenes (1998), transforma-se no corpo-texto, onde as marcas expressam os vários sentidos que são escritos a serem lidos. A dor das recordações expressam não somente a dificuldade de esquecer o passado, mas a “reação” que aparece. Ao relatar sobre suas lembranças, seus olhos representavam o sentimento de vingança e o orgulho de ter sobrevivido ao combate com o sexo oposto.

Clastres (1979), ao analisar a inserção da tortura nas sociedades indígenas, nos remete ao corpo como rito iniciatório. O corpo é o lugar que a sociedade designa como único espaço propício a conter o sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a

determinação de um destino. A apropriação deste rito de iniciação delimita a aquisição de um saber, um saber que é inscrito no corpo.

Ao analisar o contexto em que os fatos ocorreram, Héstia, em seu relato, revela-se aos quatorze anos seu ritual de iniciação, que não marcou somente seu rosto, mas sua vida. Hoje, aos 53 anos de idade, confessou ter matado seis pessoas, entre estas a mulher de seu companheiro. Num excesso de ciúme, a vítima avançou para a condenada. Após uma briga corpo-a-corpo, caiu sobre a faca que empunhava. Ao falar sobre o fato, referiu-se á falecida “como uma vacilona”, por achar que não vale a pena brigar por homem.

A cada depoimento, descobri que as marcas são inscrições de suas histórias, símbolos de violência e bravura. As marcas representam não somente a dor do passado, mas como Clastres define, *a marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória* (1974,128).

Para ela, seu corpo é expressão de sua vivência, memória de fatos doloridos, mas também surpreendentes para uma sociedade em que os papéis desempenhados são outros. A entrevistada sempre superou seus limites. Na primeira vez que foi presa, seu companheiro que estava em liberdade sempre a visitava, sendo preso logo depois, por tráfico. Ao fazer referência ao sentimento que tinha ao estar separada do marido e filhos, disse: “*A prisão é uma fronteira que divide as pessoas que a gente ama*”.

Para cada mulher encontramos uma história que aparenta ser um mosaico desordenado cujo sentido pode ser desvendado na percepção dos signos que são transmitidos através da história de seu corpo. Falo de corpos marcados por símbolos de feminilidade, hierarquização, amor, ódio e violência.

Ao citar Kafka, Clastres (1974) anuncia que a lei encontra formas de se inscrever em espaços inesperados. A colônia penal é expressão de que o corpo é como uma superfície de escrita, como superfície apta para receber o texto legível da lei. Demonstra através da tríplice aliança, entre a lei, a escrita e o corpo, o aparecimento das tatuagens.

O autor revela que no plano real, a lei não precisa mais da máquina de escrever, pois o próprio prisioneiro transforma-se em máquina, introjetando a lei que se inscreve sobre o seu corpo, de forma inconsciente.

No presídio, encontrei uma realidade dual. A lei permeia todas as relações dentro do universo prisional, a lei impetrada pelos órgãos de Segurança Pública é apreendida por um cotidiano repetitivo, sem mudanças significativas, mas que pode ser subitamente modificado mediante a vontade do grupo, projetando assim uma das maiores preocupações da direção, a rebelião¹²⁸.

Encontrei, no entanto, artifícios para a permanência da tranquilidade controlada. A visita íntima é objeto para deflagrar esta realidade, na qual o venustério funciona como um mecanismo disciplinador na vida das encarceradas. A máquina de escrever (Kafka), torna-se simbolicamente expressa através do mecanismo da sexualidade. A corporalidade é negociada, o pagamento é a pacificidade, contudo isto nem sempre sai como uma realidade instituída. A permanência, dentro da prisão, é regulamentada por uma legislação apoiada no Código Penal Brasileiro. Este regula a proteção e salvaguarda do (a) preso (a), além de permitir, através da mesma legislação, o benefício à visita íntima.

No espaço prisional, a questão da sexualidade é algo que ganha cada vez mais visibilidade devido às transformações no âmbito dos direitos fundamentais e direitos humanos; além de suscitar uma discussão em torno das identidades de gênero, que demarca uma nova posição no campo científico e jurídico expressos pelo código civil e penal brasileiros.

OS CÓDIGOS CORPORAIS...

Quando ela olhou a primeira vez pra mim, eu comecei a ficar balançada, eu nunca pensei que pudesse gostar de mulher. No dia que eu entrei o guarda até falou, mais uma pra fazer sabão, fiquei com

¹²⁸Ver anexo de jornal, no final do trabalho.

tanta raiva e jurei pra mim mesma que nunca iria acontecer aquilo comigo. O tempo foi passando, a gente vai ficando carente, quando menos espera tá gostando das mulheres que ficam perto da gente. Eu comecei a sentir uma coisa estranha quando minha colega de cela olhava pra mim, tinha uma coisa diferente, eu não sabia o que era. Quando ela me tocava eu sentia algo diferente, Ai um dia de noite ela veio e começou a me tocar, durante o dia eu nem olhava na cara dela. Às vezes eu fazia que estava dormindo e deixava ela me pegar onde quisesse. Mas com o tempo a gente acaba perdendo a vergonha, eu ainda penso em homem se meu marido voltasse eu ficava com ele numa boa. Quando eu sair daqui não quero mais saber disso. Os meus filhos lá fora não pode nem desconfiar que sou disso. Eu tenho medo deles saberem, porque aqui ninguém é amiga de ninguém. Quando tem raiva acabam falando, fazendo vergonha dizendo que a gente é do babado, na frente das nossas visitas (Héstia)

O corpo é o instrumento deflagrador de vários sentimentos que confundem padrões. Padrões considerados permanentes na vida destas mulheres. O ser ou estar homossexual reflete um momento de dúvida, a identidade passa a ser construída em favor de suas relações. A identidade social se constrói em conformidade com a possibilidade de os sujeitos existirem e se expressarem dentro do espaço social. A identidade social passa a ser definida pela opção exercida sexualmente. Esta realidade já vem sendo pensada cerca de três décadas, relacionada a uma grande mudança na área dos costumes, revelando novos códigos relativos à sexualidade e a homossexualidade. Tais transformações acabam por revelar a fragilização do modelo tradicional, onde a mulher e o homem só poderiam se relacionar com o sexo oposto. No entanto, tais expressões são vistas mais nas classes médias e altas dos grandes centros urbanos.

A maioria das mulheres encarceradas pertence às classes populares¹²⁹. Com relação à sexualidade exercida no interior da prisão, pode deflagrar uma ação de rejeição ou aprovação no envolvimento entre relações hetero, homo, bissexuais. Nos dois últimos casos, por ser uma relação considerada fora dos padrões considerados normais, existem vários códigos de percepção entre as mulheres encarceradas, ou seja, quando uma mulher se relaciona com ambos os sexos, a relação com o sexo feminino é escondida, apesar de ser difícil esconder isto na coletividade. Mas, ao serem indagadas sobre sua bissexualidade, a mulher logo desmente. Com o passar do tempo, os

¹²⁹ Ao verificarmos as estatísticas é contundente o número de mulheres das classes populares no interior do presídio. Ao tentarmos perceber o motivo principal é alegado a sobrevivência, envolvendo-se com o tráfico.

comentários vão surgindo, roupas e os adereços são utilizados como resposta á sua feminilidade. Algumas mulheres ainda trazem o estereótipo masculinizado, vulgarmente conhecido como “sapatão” ou “guarda-roupa”. No entanto, são totalmente diferentes neste tipo de colocação. A mulher encarcerada bissexual é feminina, gosta de se vestir na moda e usa todos os artifícios femininos para sua ornamentação, como batom, lápis, esmalte, roupas provocantes...

Na verdade, isto estabelece uma séria confusão na cabeça das pessoas que convivem com elas. Algumas ressaltam como as mulheres bissexuais são “falsas e totalmente sem vergonha”, pois só pensam nelas mesmas.

CAPÍTULO |V

OS DESAFIOS ENCONTRADOS PARA VIVENCIAR A VISITA ÍNTIMA

As mulheres que visitam seus companheiros e namorados nos presídios masculinos recebem o direito de passar o dia. Ao serem liberadas para a visita íntima, elas conseguem ter, por algumas horas¹³⁰, como algumas relatam, “o sabor da liberdade”. Ao sair da estrutura prisional, por aquele certo tempo, estabelecem um contraponto entre a prisão e a liberdade. A visita íntima transcende tudo criando, mediatizando uma relação simbólica entre o concreto e o imaginário da vida na prisão.

O corpo como imagem reflete-se como um rito de passagem entre a prisão e a liberdade. Para aquelas que se ausentam do presídio, a possibilidade de sair dos muros do regime fechado, é encarado como extremamente esperado mesmo com empecilhos, destratos e humilhações impostas por aqueles que fazem a guarda, no caso os policiais militares.

A maneira rude de alguns policiais é alvo de queixas constantes, “*eles não respeitam a gente*”, *depois que a gente sai perguntam se a gente tirou o queijo da cabeça*”.¹³¹ Esta expressão pode ser encarada como brincadeira por parte dos policiais, mas o que passa nas expressões é desprezo e ironia. Para as mulheres, estas falas dos policiais são encaradas como falta de respeito e geram conflitos entre os envolvidos. Tomadas pela raiva, algumas se revoltam, chegando, às vezes, até a levar empurrões.

Outro momento destas humilhações ocorre do instante que se ausentam do presídio até o seu retorno. Em relato de algumas mulheres que visitam o Instituto Penal Paulo Oliveira – IPPO descobre-se que são chamadas de “putas” pelos policiais. Como

¹³⁰As mulheres ausentam-se do presídio Feminino às 9h00 m retornando às 17h00m. Têm direito a pernoitar nos outros presídios no natal, dia do preso, cogitando-se também no dia dos namorados, mas não ficou nada acertado.

¹³¹A brincadeira tirada tem um forte conteúdo de humilhação, pois como as mulheres passam muito tempo sem manter relações sexuais, isso é considerado como um caso de deboche.

são levadas em ônibus da Secretária de Justiça, são algemadas e, por várias vezes, obrigadas a descerem na Avenida dos Expedicionários, até chegarem ao presídio, devido á solicitação da guarda de policiais de plantão. As algemas são símbolos agressivos de negação da liberdade, mas para a Secretaria de Justiça seu uso é considerado uma medida de segurança. Percebe-se uma dimensão que se contrapõe à anterior: se ao sair se sentem livres, ao colocarem as algemas retornam ao mundo do cárcere. O corpo aprisionado produz um sentido simbolicamente expresso ali. Não ter direito sobre seu corpo é não ter direito sobre si mesmas.

O olhar dos transeuntes e de outras pessoas é encarado como códigos que exprimem muito bem a rejeição deles por uma situação desviante, mostrando as marcas de violência que serão decifradas pelos mais variados intérpretes entre policiais, passantes, funcionários do presídio e elas próprias.

Ao ser indagadas se a visita valia realmente a pena, mesmo com todos estes sofrimentos, as mulheres relatam que a visita íntima no outro presídio é considerada um grande momento:

(...) Vale a pena, quando a gente chega, a gente se sente na liberdade, a gente é muito bem tratada, a gente é tratada como princesa. Quem ganha um dinheiro com a remissão (R\$ 40,00) compra refrigerante, a comida fica por conta do parceiro e a mulher leva a bebida .Quem é mais antigo na cela fica com a esposa primeiro, depois os outros vão poder, enquanto isso eles ficam nos corredores esperando, eu só acho ruim sair pra tomar banho, a gente é respeitada, quando a gente sai eles ficam de cabeça virada pra parede, e ai deles se virarem, mas eu sinto vergonha e outra coisa é como os policiais trata a gente, se eu abrisse a boca dava até morte...(Afrodite)

O código moral existente na prisão é muito forte, tanto por parte dos homens através do respeito expresso na ocasião, como ficar de costas no momento que a companheira do parceiro de cela está passando. Nenhuma mulher pode ser desrespeitada por outro homem, isso poderia ser motivo de briga e, como relata Afrodite, isto poderia ser motivo de briga. Contudo, o parceiro da mulher pode se exaltar, ficando a mercê do temperamento de seu companheiro nesta hora. Algumas já sofreram violências físicas, mas ressaltam que “o parceiro estava em uma veia ruim” perdoando logo depois.

A humilhação na hora da revista

Os companheiros e companheiras das mulheres que freqüentam o venustério relatam sofrer constantes humilhações, onde seus corpos são alvos de tais expressões, como o agachamento, arregaçamento das partes íntimas, ficar despido, em alguns presídios até passar por exame ginecológico. Para elas, a violência sofrida estabelece-se durante o percurso até a hora da visita. Para entrar é necessário mostrar a carteira, na qual se encontra o nome da presa que receberá a visita. A cada troca da guarnição, é necessário mostrar a carteira, ensejando assim uma invasão da intimidade destas mulheres. O problema encontrado não é no conhecimento de sua opção sexual, mas no “deboche” cometido pelos policiais.

“O preconceito ocorre pelos guardas militares que ficam vigiando a gente pelas guaritas aqui em cima, tem que por o colchão assim num cantinho, dizem que dá pra vê a gente dentro do venustério. Quando eu saio lá fora eles ficam soltando piadinha, é “tirou a gala seca da cabeça” e outras coisas mais que a gente tem que agüentar e baixar a cabeça. Só a humilhação de você vim lá da Caucaia pra cá e às vezes a gente fica agüentando humilhações deles, não das agentes, não. Quando é dia de visita íntima quem faz a revista não são as agentes prisionais, mas é a PFEM (polícia feminina), tem uma que é bem boazinha mas tem outra que encarna mesmo na minha matéria, só falta abrir meu ânus pra vê se tem alguma coisa dentro, eu acho que deveria ter uma máquina de raio x, pra evitar tudo isto. Tem muitas quintas-feiras que eu não venho mais por causa disso por causa da revista e por causa que é muito cansativo. Eu tenho certeza, que é por que eu visito uma 12(tráfico), tem gente que é um 155(roubo) e eles não fazem isso e também por que eu sou ex-detenta, já faz 5 cinco meses que saí daqui, por isso que eles encarnam tanto.(Mulher homossexual relaciona-se com outra mulher julgada por tráfico).

A respeito da revista, os comentários são contundentes entre os companheiros e companheiras das mulheres encarceradas. Em várias conversas tidas, é recorrente o relato demonstrando o desconforto em torno do detalhamento da visita. Inclusive, os depoimentos das mulheres homossexuais são bem mais marcantes, pela rigidez da revista. Pelo que percebi, existe um preconceito muito forte com os casais homoafetivo, é como a visita já fosse algo fora do comum e praticada por casais que estão fora dos padrões, leva a expressões significativas de preconceito e discriminação. No relato da coordenadora das agentes penitenciárias, podem-se perceber estes detalhes. Este

depoimento foi colocado em torno da possibilidade de diminuição da quantidade de droga dentro do presídio.

“Existe maneiras de amenizar, evitar que entre com tanta assiduidade droga dentro do presídio. É só a secretaria querer, pode ter o exame ginecológico por profissional, eu só atribuo a vagina esta quantidade de droga que a gente encontra no presídio. Eu já trabalhei em vistoria dois anos, eu digo a todo mundo que eu fiz a minha pós-graduação no IPPS, e lá eu passei dois anos vistoriando. Então tinha dias que, eu pegava de cinco mulheres com drogas na vagina, mas nesse tempo a vistoria era diferente, era uma cama ginecológica, ela colocava nu, ficava despida, colocava um pé do lado outro do outro e eu ia para perto pra examinar a vagina dela, mas eu nunca toquei nelas, só olhava lá dentro, pela experiência que eu tinha de trabalho dava pra notar se a vagina estava diferente. Mas tinha que vê de pertinho. Chegava a conversar mais com elas para descontraí-las mais a história, eu achava muito constrangedor, existe coisa que eu nunca gostei de fazer foi vistoria. Eu acho que a parte íntima da gente, é tão íntimo da gente, que a gente não pode estar mostrando pra todo mundo. Eu já mais passaria por um negócio daquele, eu cheguei a fazer isso por muitas vezes, mas eu achava muito constrangedor, eu brincava com elas e dizia: Eu quero ver o teu coração batendo. Tinha umas que quando sabia que eu já estava lá voltavam do portão. É o tipo da coisa, eu não gostava de fazer não, mas se era pra fazer, eu fazia direito... Tem muitas internas aqui, que eu cheguei a botar pra cá, depois saía, voltava de novo, mas tem muitas internas que passaram por mim.”(Chefe das Agentes Penitenciárias).

No relatório da Comissão dos direitos Humanos, podemos perceber como a revista é praticada no cotidiano dos presídios brasileiros. Realizada por policiais (homens e mulheres) e agentes penitenciários. Todos passam pela revista mulheres, homens, jovens e até crianças passam pela revista. Além de tirar a roupa, alguns são obrigados por policiais a expor os órgãos íntimos, a fim de se verificar se objeto ou droga foi posto no seu interior. O constrangimento faz parte da visita. A intimidade passa a ser um assunto coletivo, saindo da esfera privada para o público, para a coletividade. O corpo é o objeto violado. Além de estar encarceradas, não poder cobrar seus direitos, as mulheres vêm pessoas de sua família acabar violentadas da mesma forma. No caso de porte de droga ou celular acabam sendo indiciadas e presas como as mulheres de sua família.

NOVAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO – O QUE SÃO OS CATATAUS¹³²?

As cartas dentro de nós

As cartas precisam conversar entre si, respirar inventando o mesmo ar as cartas unem as casas que bóiam no mundo, desabrigadas. Escrevo cartas e aumento o sobrado de minha casa. Saudades, lamentos, vitórias, esperanças e um pouco de infinito me invadem e refazem meus dias, minhas atitudes. Envio um envelope e reduzo distâncias, fazendo novas curvas, traçando novos descaminhos. Hoje, beberei ternura em copos correspondentes, num quase tudo da noite. Deixarei que todos chamem as minhas páginas.
Danilo Patrício e Roberto.

As mulheres que têm um relacionamento fixo, por várias vezes são abandonadas por seus parceiros. O marido/companheiro¹³³, nos primeiros meses, vai para a visita, mas, com o passar do tempo, acaba deixando de ir aos encontros estabelecidos pela direção¹³⁴. Com isto, o sentimento de abandono é uma realidade deste cotidiano. É comum encontrar-se depoimentos que falam do abandono sofrido tanto pelo afastamento do companheiro, como pelo desinteresse das famílias das detentas.

A criação de novas formas de socialização¹³⁵ são respostas à busca para o exercício da sexualidade através do benefício da visita íntima. Algumas mulheres fazem

¹³²Catataus são cartas que contém o retrato escrito dos pretendentes.

¹³³Utilizo os dois termos de acordo com a realidade civil destas mulheres, algumas são casadas legalmente enquanto outras viviam maritalmente com seus companheiros.

¹³⁴Os motivos alegados são vários, mas alegam ser difícil que a estrutura de um casamento perdue aos problemas trazidos pela prisão.

¹³⁵Ao falar sobre as novas formas de socialização, entendo como estratégias criadas para driblar a solidão, acarretando ações fora do estabelecido pela direção. No entanto, as mulheres encontram subterfúgios para encontrarem um namorado, amante, companheiro.

verdadeiros malabarismos para se encontrarem com novos pretendentes. Por se sentirem muito sozinhas, procuram dar outro significado ao tempo dentro do universo prisional e começam a construir outras formas de convivência. E, assim começam as investidas, como no relato:

eu vi os esquema do penal né, as menina tava tudo indo pro penal e tal, ai perguntaram assim, e ai Afrodite tu não quer ir não, conhecer um namoradinho no presídio e tal, ai eu peguei disse assim é mulher se tu quiser arranjar, portanto que não seja nem velho nem branquelo demais, nem barrigudo, ai tudo bem né, pois tudo bem Afrodite, eu vou arranjar um brotinho lá pra tu, ai tudo bem, quando a mulher arranjou ele é um gatinho, mais 85 anos de cadeia pensa ai, pois é né mulher 11 anos de cadeia, eu também não vou sair agora, ai vem as cartinhas né, ai as menina foram né pro penal, disseram Afrodite eu arranjei um gatinho só a massa pra tu, qual é o artigo dele mulher, mulher eu disse não mulher não mente pra mim não, portanto que não seja duzentão ai não mulher eu não vou mentir pra tu não, mulher mais tem esperança dele sair logo? Ela disse mulher o cara é julgado mais de 80 ano de cadeia, ai ele tem ao menos condições de me bancar na cadeia, ai ela disse assim Afrodite ele tem, ele tem sim ó, o cara é de adianta lá dentro. De adianta é de risos. Ai tudo bem, pois tá certo ai eu fiz uma cartinha pra ele, meu amor, meu nome é Afrodite tudo tá, tá primeira cartinha, ai mandei as meninas deram um jeito de mandar pelas agentes né, ai eu mandei, ai ele me mandou uma carta no outro dia. O agente, as meninas entregaram pra agente daqui, a agente foi pro penal entregou pro agente que entregou lá pra ele né. Na primeira vez foi uma amiga, na segunda foi uma agente Não a amiga levou da primeira vez, levou no dia que ela foi, ai tudo bem né, ai no trouxe a resposta né, ai tudo bem, ele, Afrodite vou te escrever mais, ai pá escrevi né e mandei a agente entregar no penal, a agente entregou pro agente entregar a ele, ai ele pá mandou outra carta, pelo um agente. Não mulher ela levou assim porque era um caso de urgência né, o cara tava afinção né, ai tudo bem né a agente ela pode fazer o favor de ir lá no penal e entregar pra um agente penitenciário, ai como ele vive dentro do presídio o agente ele entrega ele, (Afrodite)

Como se percebe no relato, vários são os personagens envolvidos para o “caso de amor” acontecer. Encontramos entre elas, as que fazem o papel de “cupidos do presídio”¹³⁶. Amigas de cela, que já recebem o benefício da visita íntima, visitando o IPPS ou IPPO, acabam ajudando a encontrar um parceiro para a amiga, como elas

¹³⁶Mulheres de outros companheiros que acabam servindo de cupido, realizando o primeiro contato entre os pretendentes. No IPPO é possível utilizar-se o telefone, marcando sempre dia e hora para se falarem. Até conseguirem autorização da direção do presídio para se encontrarem pela primeira vez, há uma demora de três a quatro meses. No IPPS, a estratégia é diferenciada, o namoro é negociado por carta, o conhecida catatau, até conseguirem o primeiro encontro. Algumas cópias de catataus estão anexadas no final deste trabalho.

dizem “um cara legal para tirar o tempo de cadeia”. As próprias agentes do sistema penitenciário, os amigos do pretendente e assim forma-se uma rede de sociabilidade em prol que romance ocorra. Antes de se encontrarem, existe todo um sistema de códigos utilizados pelos envolvidos. A princípio é enviada uma catatau (principalmente entre os presos do IPPS e o IPF), a responsável pelo transporte das cartas é o cupido. Catatau é o nome dado a carta enviada para iniciarem uma relação, nela está contida um retrato falado com as principais características dos pretendentes. Pode-se perceber isto pelo começo desta catatau:

Estou a fim de me comunicar com uma pessoa que esteja sozinha e solitária como eu, precisando amar e ser amado. Estou aqui, escrevendo e digo não sou bonito, mas sou simpático, tenho os olhos castanhos, cabelos castanhos escuros, nem gordo nem magro, cheio de amor pra dá. Me escreva, fico esperando notícias....(pedaço de uma das catatau enviadas a Deméter).

Mas, como diz, Rubens Alves, parafraseando Álvaro de Campos...*todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas...* Mas a vontade de fazer com que outro alguém receba um pedaço de papel, que na verdade, o amante que escreve alonga seus braços para um momento que ainda não existe. A carta de amor é um abraçar do vazio. Mas, assim mulheres e homens buscam outras formas de encontro e tentando dar cor e forma há algo inexistente. Desta maneira, o correio se faz de várias formas a procura deste momento.

Recados bilhetes por mim conduzidos servirão de ponte entre a vontade de dizer e a vontade de ouvir.... Bebendo palavras e encantos na folha de cada um, desvendemos os segredos das cartas e dos bilhetes... Escrevamos.

Após este ritual de iniciação, que se dá com a comunicação entre os pretendentes é solicitado ao serviço social, tanto dos presídios masculinos como feminino, a autorização de visita para a pretendente. Neste caso, a presa ou o preso deverão ter um bom comportamento, e passar pela averiguação do serviço social. Em conversa com a assistente social, esta relatou ter casos de mulheres que se correspondem com mais de um namorado, chegando assim mais de um ofício para a mesma pessoa.

No momento da entrevista¹³⁷, a assistente social e a socióloga desejam saber o tempo de relacionamento que o casal tem em comum. Veremos pelo caso de Afrodite;

...ai tudo bem ai deu certo, ai pá Afrodite meu amor (Socióloga) seu ofício já está a caminho, você espera que na próxima quinzena você já vai, mulher eu não passei nem mês aqui tu acredita, com antes de 2 mês eu tive sorte eu porque eu não fiquei na sequeidão, né fia, antes de 2 mês o meu ofício já tava ai né, ai mandaram me chamar e perguntaram se ele era meu marido, eu disse olha mulher ele é meu marido...

Perguntam datas, nome da mãe, tempo que se conhecem como se conheceram. É necessário mudar o roteiro de perguntas, pois as mulheres acabam conversando entre si, para saberem as respostas antecipadamente. Na maioria das vezes, as mulheres acabam transgredindo as normas, e relatam manter o relacionamento “bem antes de vir parar na cadeia”.

O depoimento de uma das detentas põe em evidência a importância da visita íntima, pois ela acaba dando um outro sentido à vida dentro da prisão. Mesmo que sejam encontros poucos frequentes¹³⁸. *É bom porque mesmo que seja pouco, a gente cria alma nova. Você precisa ver no dia que tem visita, é a mulherada toda se preparado(Atena).*

Ao conversar com a responsável pelas agentes prisionais, ela relatou não concordar com esta prática, pois considera “que a mulher, ao procurar um relacionamento assim, está se prostituindo. *“Os homens no IPPS só querem uma mulher para transar e elas não se dão ao respeito, já viviam deste jeito lá fora e quando chegam aqui dentro querem fazer a mesma coisa”*. O discurso da agente prisional, pareceu, em alguns momentos, altamente “preconceituoso”, no entanto, é relevante observar como se passa a interação destas mulheres com os presos dos outros presídios, com a incidência de um suposto aliciamento das presas. Mas, não se pode esquecer as representações formadas no mundo de fora, no qual a mulher que procura é tida como “galinha”, “mulher fácil”, “prostituta”. Permeiam no imaginário das agentes

¹³⁷As pessoas responsáveis pela entrevista de liberação da visita íntima são a assistente social e a socióloga no presídio feminino e nos presídios masculinos é setor de serviço social.

¹³⁸As visitas ocorrem de quinzenalmente.

penitenciárias este tipo de representação, no entanto, as mulheres encarceradas não estão muito preocupadas com o que elas acham.

AS HETEROSSEXUAIS E SEUS CÓDIGOS DE CONVIVÊNCIA

As relações heterossexuais, ou seja, que procuram sua satisfação afetivo-sexual com o sexo oposto é maioria no presídio. De 217 mulheres, 120 mantêm encontros quinzenais no Presídio Feminino, das quais 79 são hétero e 18 homossexuais, 22 bissexuais e o restante podem ser considerados entre mulheres self-serv¹³⁹ - mulheres que encontram sua satisfação de uma forma mais solitária.

No IPPF, o encontro que é legitimado pelo benefício à visita íntima é preestabelecido pela direção do presídio, com dias, horas e locais diferenciados. A corporeidade é negociada mediante interesses construídos dentro do cotidiano da prisão. Vejamos como a funcionária do presídio reflete sobre a visita íntima concedida às mulheres:

É seguinte, relacionamento de mulher com mulher eu acho isso normal, só que existe uma depravação muito grande porque elas vão pro proliferar elas ficam se beijando na frente da gente, eu acho isso ridículo, uma falta de respeito muito grande com a gente, né. No dia da visita é, elas vem lá de fora, ai quando é dia de vir pro venustério elas vem, traz a carteirinha numa boa e tudo, entra. Tem, é uma coisa horrível, elas se beijam a gente vai lá fala com elas e elas se afastam beijo na boca mesmo, abraço, alisado, desrespeitando até homem também faz isso com as esposas ai. No dia do venustério delas, tem uma separação, não tem tipo assim a Jô tava me falando dia de 3ª e 5ª não junta. Não, não, não, não é separado tem umas que vem sábado a tarde, tem umas que vem na semana tudo a tarde. Por quê que não junta, tu acha que é muito... Sei não. A direção não quer. Não permite é. É só mesmo resguardar. (auxiliar de enfermagem).

¹³⁹A masturbação é também considerada como prática sexual, aproprio-me da categoria criada pelas próprias mulheres presas para definirem aquelas que não tem companheiro(a) e se satisfazem sozinhas.

Para aquelas mulheres que têm maridos certos, como dizem as mulheres no presídio¹⁴⁰, o procedimento de liberação à visita é após um mês de reclusão. A mulher presa e o seu companheiro são submetidos a entrevistas separadas para a obtenção da permissão para freqüentarem o ambiente do venustério. Tendo certidão de casamento, é possível agilizar a obtenção da “carteirinha”, mas deverá ser respeitado o prazo de 30 dias de reclusão. Nos outros casos, a entrevista é um pouco mais minuciosa. Em todos os casos a entrevista é realizada pelo setor de serviço social do presídio.

Algumas mulheres relataram que seus companheiros ficam desconcertados diante da situação vivenciada durante a visita íntima. O casal tem duas horas para ficar intimamente juntos. Os dias estabelecidos para a visita heterossexual são as terças e quintas-feiras, sendo as visitas separadas pela opção sexual das detentas.

Em conversa com mulheres que recebem benefício, percebe-se a importância da ida do companheiro à prisão. Contudo, nem todos se sentem á vontade para falar sobre o assunto. No caso de Deméter seu companheiro vem de quinzenalmente, por não Ter condições financeiras de prover os gastos da passagem e dos utensílios necessários para sua companheira, Zeus se prepara e espera o dia certo para rever sua parceira. Sempre preocupado, não queria que Deméter se envolvesse com tráfico, mas não conseguiu segurá-la.

Quando da primeira conversa, senti o quanto Zeus aproximava-se de Deméter, parecia que fugiria se não prendesse sua mão. Mas, somente era a saudade que estava recolhida. Era dia da visita e eles estavam no pátio esperando sua vez para entrar no venustério; comecei conversando com Deméter, ela já sabia do objeto da minha pesquisa e percebeu meu interesse em conversar com seu esposo. Sentei ao seu lado e comecei a puxar conversa. Não podia gravar seu marido não compreenderia. Perguntei o que sentia antes de vivenciar a visita íntima, meio sem graça, disse que não gostava muito, mas, infelizmente, não tinha outro jeito para ficar perto de sua morena. Relatou o desconforto de ser revistado e o como ficava constrangido em esperar para entrar no venustério.

¹⁴⁰Que já é da liberdade, que já viviam conjugalmente no mundo de fora.

Existiam outros como ele e isso o acalmavam um pouco, mas ao lembrar-se de como podia tê-la fora da prisão, refletiu como sua esposa havia sido “burra” em pensar que o tráfico poderia trazer algo de bom para ela e sua família. Neste dia, Deméter usava um vestido azul marinho colado no corpo na altura do seu joelho, com seus cabelos soltos e o rosto maquiado parecia outra mulher. Ao ser perguntado se agüentaria esperar por Deméter, disse que aguardaria o tempo que fosse para estar com ela outra vez no “mundo da liberdade”.

Nem todas as histórias são assim. Já no caso de Héstita, seu companheiro está preso no Instituto Penal Professor Paulo Sarasate, IPPS, o motivo da prisão foi , também, tráfico de drogas, viviam maritalmente com seis filhos sobreviviam às custas da venda da droga. Primeiro, ela foi presa, e, logo depois, ele “caiu,” sendo levado para o referido presídio. Já estão com quase dez anos de prisão e se vêem quinzenalmente. O dia da visita é aguardado com ansiedade, pensava em pintar os cabelos, pois já começavam a aparecer fios brancos, e não queria que o companheiro percebesse. Outra preocupação era com a falta de alguns dentes, pois estava comendo um pedaço de osso de galinha e seu *Bridge* havia quebrado. Não queria aparecer com o dente faltando. Muito vaidosa, relatava que companheiro gostava que pintasse as unhas de vermelho. Mas, sentia falta de seus filhos, o menor tinha somente seis anos quando eles foram presos, não sabia como realmente estavam sabia informações através das visitas que faziam de vez em quando. Manifestou o quanto era importante vê seu marido e filhos no dia da visita; sentia-se confortada com a presença dele em sua vida. Aguardava ansiosa o término da pena dela e de seu companheiro. Assim, podemos perceber o quanto é difícil vivenciar uma a separação misturada com saudade. Saudade esta que remettesse á dor de não poder viver num mesmo espaço.

O AMOR QUE NASCE DENTRO DA PRISÃO – TRAJETÓRIAS E SENTIMENTOS

Assim que cheguei aqui, conheci aquela que é o amor da minha vida. No início o medo, pois eu sempre me relacionei com homem. E agora sentia amor por uma mulher, foi preciso muita coragem para que eu entendesse que só tinha dois caminhos: ou renunciava ao amor que me fazia pulsar o coração mais forte e todo o meu corpo tremer, ou seguia em frente frustrada, por não me dar esse direito se ser feliz. Senti que era impossível voltar atrás e seguir em frente. Logo, no início, ela ocupava outra cela, mas a cada dia o amor ia ficando mais forte e aumentando a necessidade de estar juntas, de dividir nossas coisas. Ainda bem que conseguimos autorização para ficarmos juntas na mesma cela. Ela me ajudou a pagar minhas dívidas e organizar minha vida, me tirou das más companhias que me perturbavam aqui dentro, por conta das drogas. A primeira pessoa que conversei foi com o meu marido. Eu tinha medo que ele não trouxesse meus filhos para que eu pudesse ver e falar coisas pra minha mãe, mas ele ficou na dele. Ele sabia que tinha me deixado sem dinheiro e quase não vinha me visitar, também não era um bom pai. Foi aí que eu conversei com os meus filhos, eles já tinham percebido que rolava alguma coisa a mais na nossa amizade. Conversei com eles sobre a minha solidão e sobre ser feliz, aonde nós tivermos. No fim da conversa, meu filho mais velho, me abraçou e disse: mamãe eu só quero que você seja feliz, eu gosto de você do mesmo jeito. Hoje, meu sonho é sair daqui e ter o nosso canto para vivermos, agente com nossos filhos.(Depoimento dado para o fanzine¹⁴¹ Hóspede de Auri - Mulher heterossexual que ao entrar no presídio se viu tomada por um outro sentimento).

Estes relacionamentos são considerados, pelos profissionais do presídio, como amores nascidos na prisão. Para a diretora do estabelecimento prisional este tipo de relação é devido ao isolamento, chamado por ela de contingência. “Algumas mulheres ficam extremamente perturbadas com a situação vivenciada, optando por se relacionar com outra mulher”.

Este tipo de relação é considerado extremamente conflituoso. As presas heterossexuais dizem ser uma falta de “vergonha na cara”. Ao optarem por relações homossexuais, abrem espaço para críticas das outras companheiras e funcionários do presídio. Entre os relatos encontrados podemos perceber um nível de rejeição muito grande por parte das outras mulheres; “*elas ficam lá que eu fico cá...*”, “*eu não gosto, sinto nojo*”, “*elas estavam bom de prestar*”. No entanto, ao perguntar a quantidade de

¹⁴¹Pequeno jornal produzido pelas presas e pelo setor de serviço social.

mulheres que optou por se relacionar com outras, pode-se perceber uma grande incidência.

Em uma das entrevistas, a mulher se coloca como heterossexual casada e mãe de três filhas, e por não se relacionar com as mulheres homoafetivas, sente-se constrangida de permanecer no mesmo espaço que elas. Demonstra todos os conceitos pré-estabelecidos dentro de nossa sociedade, formados pelo senso comum. Mas, para as mulheres homoafetivas, a criação de novos códigos de convivência será a forma explícita de transformar este cotidiano. Neste sentido o corpo das mulheres encarceradas é constituído de várias faces, semblantes que expressam as várias dimensões de sua história. Durante as entrevistas, tive venho tendo a oportunidade de perceber como este corpo é “locus identitário” das etapas de sua vida dentro e fora da prisão.

Tem umas mulheres aqui que veste cueca. Já me pediram roupa de homem. Pois é, tudo aqui as que são sapatão mesmo elas veste roupa de homem é meia, sapato é cueca. assim nesse pouco tempo que eu tô aqui dentro eu já percebi que tem os traços mais feminino mais que se relaciona com mulher. Com mulher é tem. Tem aquelas que são homens, homens mesmo. Homens puro mesmo, mais essas que é de homem, se vestem como homem mesmo, ele faz papel de homem mesmo, e essas que, que gosta de mulher, que são bem feminina, essas são as mulheres deles. Tem essa separação.(auxiliar de enfermagem)

A visita íntima para casais homossexuais não pode ser realizada nos dias reservados para as outras mulheres, havendo assim uma diferenciação entre o dias das homossexuais e o dia das heterossexuais.

Os familiares das outras mulheres se sentem constrangidos e até ofendidos com a situação. Para que elas possam receber visita no venustério, passam pela mesma entrevista no serviço social, sendo comprovado o relacionamento, a companheira recebe uma carteira que lhe dará direito à visita em dia e hora marcados pela direção. Há, hoje, uma movimentação para não permitir a visita nos dias da família, nos casos de ex-detentas que mantenham relacionamento com outra interna.

As mulheres homossexuais são alvo de constantes agressões, tanto por parte das companheiras, como da parte dos próprios policiais que supervisionam a visita. Para eles, a mulher não tem o direito de vivenciar sua sexualidade daquela forma. A figura feminina está ligada ao ser mãe, esposa, diferente da opção mantida por estas mulheres. Sofrem, assim, preconceitos, sendo alvo de fofocas e agressões. Os papéis sexuais não podem ser invertidos. Os funcionários do presídio e policiais que consideram o homossexualismo como castigo de Deus, pois vão contra aos padrões considerados “normais”. A mulher não tem o direito de sair do papel de mulher frágil imposto pela sociedade. Ao se opor a isto acabam agindo fora dos padrões impostos pela sociedade e sofrendo retaliações dentro do presídio onde as fofocas são constantes.

OS BISSEXUAIS – O AMOR EM CONFLITO

O relacionamento bissexual é encarado, pelas mulheres que estão inseridas no presídio, na sua maioria, como um novo estilo de relacionamento. Até então se relacionavam somente com o sexo masculino. Somente duas mulheres relataram ter tido este tipo de experiência fora do presídio. Em alguns casos, a mulher recebe a visita do parceiro e começa a se relacionar afetivamente com outra mulher simultaneamente; em outros casos os parceiros relegam as companheiras espaçando as visitas, deixando-as sozinhas. A carência deixa-as mais flexíveis a encarar este novo tipo de relacionamento.

Como motivos para os companheiros deixar de visitar suas companheiras encontramos casos em que o homem não faz parte do mundo do crime e, após a mulher ser presa, acaba constituindo uma nova família. Nos casos do companheiro está envolvido com o mundo do crime, a relação é bem diferente. Ao descobrir o duplo envolvimento da mulher, ela estará correndo risco de ser agredida durante a próxima visita íntima e difamada entre presos (as), funcionários e policiais.

Não, é o seguinte, tem as mulher que são sapatão ai dentro e tem mulher lá fora entendeu, então elas fazem a carteirinha do venustério que é um motelzinho que chama aqui, elas fazem a carteira, fazem uma entrevista ai elas vem no dia que tá marcado, a mulher que tá lá fora se encontrar com o

outro no vesnustério, mais tem umas que tem homem lá fora e tem mulher aqui dentro.(Auxiliar de enfermagem).

Este tipo de relação é alvo de uma série de repressões. Pode-se citar a denúncia da companheira infiel ao marido preso. O delato ocorre por telefone, carta ou comentários entre os participantes da visita, pelo que se pode apreender em entrevista com uma das presas que foi alvo de fofocas. Relatou que seu companheiro recebeu um telefonema no qual o informante pedia que ele tomasse uma providência pela pouca vergonha cometida por sua companheira.

Agora é o seguinte, tem uma ai que o marido descobre e se separa numa boa. Mais tem muitos casos de mulher que vem pra cá e o marido abandona né? Abandona, tem muitos casos. Não, ai o marido abandona a mulher fica aqui dentro, não sabe quando é que sai né, então ai fora ele arranja outra. Mas, tem umas aqui, que só presta para fazer ruindade, entregam mesmo.... Foi o caso de uma das mulheres saem para visitar no outro presídio...(aux. de enfermagem)

O caso citado acima finalizou com o espancamento da presa na visita seguinte, pelo seu companheiro, além de expulsá-la de sua cela, esperando no corredor do pavilhão até o horário de retornar ao presídio feminino.

São comuns os relatos que denunciam situações fora dos padrões considerados normais no mundo da liberdade. O desvio é encarado como falta de respeito perante os demais. A opção sexual deverá ser única e heterossexual. Ao se relacionar com homens, a mulher não poderá manter outros tipos de relacionamento; se for descoberta, será alvo de retaliações. Como exemplos, mencionam-se a denúncia para as famílias, de envolvimento entre presas, uso de drogas, uso de cigarro, tudo podendo ser encarado como uma arma vexatória, que cause constrangimento e retaliações às mulheres. O castigo mais grave fica para aquelas mulheres que encararam a sua sexualidade de forma diferenciada. Em relato pode-se perceber isto:

Deus me livre que minha família saiba disso. Eu fui criada indo para a igreja sabendo que isso é pecado. Pra minha família, principalmente pro meus pais, é um erro imperdoável. Eles preferem que eu seja uma puta, mas sapatão nunca (Mulher Bissexual).

Não existe a percepção mais aguçada para a bissexualidade, elas não querem admitir o duplo relacionamento e contradizem ao falar sobre o assunto. A discriminação e o medo de ser também abandonada pela família fazem com que a mulher contenha seus instintos em alguns casos, mas em outros acaba relacionando-se profundamente. No entanto, a preocupação em não ser considerada “sapatão” indica um tipo de fantasma que assombra mulheres ou persegue mulheres bi e homossexuais (Muniz, 1998). Por conta desta realidade, acaba transitando no universo do presídio um maior cuidado com a feminilidade mais aguçada entre as entrevistadas, como um ponto marcante na sua sexualidade. As mulheres mais masculinas já optaram pela homossexualidade, algumas delas podem ser consideradas transexuais¹⁴². As mulheres bissexuais podem até se relacionar com as chamadas “sapatões”, mas não gostam de assimilarem seus trejeitos. Marcando, assim, uma outra diferença, o sentimento mais presente entre essas mulheres é o de subjugação, pois não podem realmente revelar suas preferências com medo da retaliação. Tudo é feito veladamente, se a descoberta desta natureza, a convivência ficará insuportável.

¹⁴²Tem o corpo de mulher, mas desde de criança pensa como menino e age como sendo homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos termos destas considerações finais, não poderia deixar de lembrar Mills, C. Wright (1974), quando ressalta o trabalho do pesquisador como um ofício, a importância de não separar o trabalho e suas vidas. Para ele, levar ambos demasiado a sério é o caminho para efetivação de uma boa pesquisa. O autor reflete sobre aprender a usar a experiência de vida no seu trabalho continuamente. Assim, trata-se de um artesanato intelectual em que os pesquisadores estão a cada instante envolvidos na produção da pesquisa. O ofício de pesquisador é, na realidade um acúmulo de experiências que garantem sua aprendizagem. A menor experiência será de grande importância para o a desenvoltura da vida intelectual do pesquisador.

Acreditando nas palavras de Mills(1974), percebo a importância do meu interesse pela temática da sexualidade já há algum tempo, em que construí uma trajetória de pesquisa e de envolvimento em movimentos sociais na área do gênero e da sexualidade. Tal fato vem permitindo a compreensão dos significados apresentados nesta investigação, sendo revelado por várias vias. Para apresentá-las, tomei como princípio de análise a Visita Instituto Penal Desembargadora Auri Moura Costa.

Ao realizar a pesquisa sobre as formas de relacionamento na prisão, privilegiei como objeto de estudo o benefício da Visita Íntima das mulheres presas como eixo de análise para compreensão das redes de sociabilidade que se constroem no cárcere, revelando-se como um mecanismo de articulação da sexualidade feminina. Ressalta-se, assim, a Visita Intima como um instrumento de sobrevivência psico-social que delimita uma positividade no cotidiano, oriunda das novas formas de relacionamento. À medida que algumas se sentem “ outsiders” em torno da participação no mundo do crime e por suas escolhas afetivas, rearticulam o viver em cárcere privado, demonstrando uma relação de novo tipo com o mundo interior e exterior à prisão.

A estrutura carcerária revela um processo de negação identitária que Goffman traduz como “ identidade deteriorada” a partir da qual a mulher sofre por perder o contato com o “mundo de fora” e com “as coisas da liberdade”, fragilizando a sua estrutura psíquica e social. No entanto, as novas relações afetivas construídas no espaço da prisão dão novos contornos ao dia-a-dia. O cotidiano será modificado e o tempo de certa maneira passará mais rápido. No entanto, as novas relações afetivas construídas no espaço da prisão dão novos contornos ao dia-a-dia. O cotidiano será modificado e o tempo de certa maneira, passará mais rápido.

Enfatizo a subjetividade das mulheres no presídio como conduta da análise das relações de sociabilidade que elucidam práticas de afetividade e sexualidade que minimizam os conflitos diários pertencentes a estrutura carcerária. Tal análise possibilita, também, a percepção da problemática geral do sistema penitenciário brasileiro, ou seja, o estudo específico da Visita Íntima é mais um recorte analítico que revela a incapacidade dos presídios brasileiros de manter e dar um novo direcionamento à vida dos presos e presas. O ponto de vista do Direito brasileiro percebe-se a limitação das leis de Execução Penal (LEP) que pretendem garantir o exercício da individualidade e respeito aos direitos da pessoa humana. A aplicação dessas leis, como benefício da Visita Íntima que existe como direito na LEP e na Resolução Nº 01 de 30 de março de 1999 (ver anexo 02), não tem sido respeitada, portanto, não se efetiva de forma plena em todos os estados brasileiros. A lei de Execução Penal é expressa quando se refere ao benefício da Visita Íntima, mas como ficou demonstrado, a Visita revela-se como força barganha e objeto de coerção do Estado perante as mulheres presas. A sexualidade passa a ser um mecanismo de manutenção do “bom comportamento” e apaziguamento das relações entre as presas.

Desta forma, diante das considerações sobre a subjetividade feminina e sobre a análise da problemática carcerária, por algumas vezes, me senti “aprisionada” pelas histórias contadas pelas mulheres, correndo o risco de ser parcial na análise das evidências. Não é fácil “estranhar o que parece familiar”, parafraseando DaMatta; trata-se de uma tarefa árdua. Algumas vezes, “tomar partido” pelas mulheres parecia

inevitável. Entretanto, o exercício de pesquisa e de vigilância metodológica me fez perceber tais armadilhas.

Dois autores foram imprescindíveis para compreensão da realidade no interior da prisão. Bourdier quando utiliza o conceito de espaço social, que permite pensar a realidade como conjunto de relações. As mulheres do cárcere são partícipes desta realidade, sejam individualmente, sejam em grupos, *existem e subsistem pela diferença, isto é, enquanto ocupam posições relativas em que um espaço de relações que, ainda que invisíveis e sempre difícil de expressar empiricamente* (Bourdier, 1989:48). A diferença é produtora das identidades a partir das representações; o espaço social é constituído de campos de luta constantes pela afirmação de identidades e legitimação das representações sociais, revelando cada grupo presente como campos específicos de análise.

Simmel foi importante neste trabalho ao contribuir com a compreensão do conflito como forma inerente às relações sociais. Nesta análise trata-se da construção da socialização designado o conjunto de relações sociais na prisão.

A sexualidade é uma das nuances para interpretação desta realidade, sendo regida por uma política de regime de corpos, cujo processo de vigilância, segundo Foucault, estruturou mecanismos disciplinares de contenção do comportamento. A mulher tem sua sexualidade vigiada e controlada através de data, hora e espaço marcados, além dos códigos corporais impostos pela moralidade instituída socialmente. O controle sobre sexualidade feminina é mantido também por mecanismos de discriminação e preconceito diante das opções sexuais construídas no interior do cárcere, pelo fato de se tratar de mulheres e, sobretudo, estarem sob a responsabilidade do sistema judiciário.

A realidade das mulheres encarceradas, especificamente no que tange ao exercício de sua sexualidade, demonstra, portanto, repleta de contradições e conflitos, acentuando-se o preconceito e a discriminação como instrumentos que ferem mais profundamente suas identidades, como ressaltam os depoimentos das personagens da pesquisa. A cada verso, verificam-se um ou vários instrumentos de coerção do aparelho

de repressão do estado, como linguagens, olhares, perseguições, além de tapas e cacetadas nos dias de rebelião e motim. Uma contradição fundamental em relação ao exercício da sexualidade através da Visita Íntima é o que o Estado proporcional tal benefício, mas o utiliza como mais um instrumento de coerção. As mulheres efetivam tal benefício sem ter consciência desse tipo de coerção, apesar de perceberem as diferenças de tratamento entre a Visita Íntima garantida aos presos e as presas, pois os homens podem receber suas companheiras na cela e passar mais tempo, enquanto as mulheres ficam entre uma hora e meia hora e duas horas, em local específico, denominado Venustério, diferentemente deles.

Os depoimentos salientaram, a partir de cada tipo de relação, seja hétero, homo ou bissexual, principalmente o desejo de não estar sozinha, “tirar a cadeia só” para as presas é um “pesadelo”. A diferença sexual existe, mas o perfil de relação tradicional, como a monogamia, a fidelidade e outras características da instituição da família burguesa, ainda é o padrão de relacionamento, ou seja, ela hétero ou homo. As mulheres que optaram pela bissexualidade são ainda mais discriminadas pelo aparelho de repressão do Estado e pelas próprias mulheres. Para os outros campos pesquisados, o bissexualismo é considerado como “safadeza”. Assim, geralmente, as mulheres escondem a segunda opção para não sofrerem represálias no interior da prisão.

Em relação às mulheres heterossexuais, podemos enfatizar em seus discursos o amortecimento de suas relações anteriores; o marido ou companheiro, em muitos casos, abandonam a mulher depois de sua prisão. Ocorre, assim. O começo de um processo psíquico voltado para rejeição. Algumas encontram outros tipos de relacionamento mas existem mulheres que não esquecem o “amor do mundo da liberdade”, ficando depressivas.

As mulheres homossexuais são tidas e vistas como uma contingência, já que algumas perderam seus parceiros e estão sozinhas, optam pelo relacionamento entre iguais. Algumas personagens refletem que, de fato, existe essa contingência, que buscam outros relacionamentos devido à decepção com o sexo masculino mas, para elas, também está presente uma vontade, ou melhor, uma atração pelo mesmo sexo.

Minha intenção na escolha e aprofundamento do meu objeto foi perceber uma parte da história das mulheres que se encontra esquecida no interior do mundo da prisão. A cada fala, gesto, olhar, lágrima, sentimento, percebi que, além de serem mulheres presas, existe um conteúdo cheio de indagações que podem ser pontes para formulações de cunho sociológico e político, através de pesquisas e de movimentos sociais que, de alguma forma, contribuam com a temática da mulher encarcerada.

Através desta dissertação, quis dar voz às várias destas mulheres que sofrem por sua condição social, pelo encarceramento e, principalmente, por se sentirem sem direito de exercer a sua própria sexualidade. É com este intuito que finalizo este trabalho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. São Paulo: Ática, 1994.
- BARREIRA, César et al. **Ligado na Galera: Juventude, Violência e Cidadania na Cidade de Fortaleza**. Brasília: UNESCO, 1999.
- BOSI, Ecleá. **A opinião e o Estereótipo**. In: Contexto. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BERGER, L. Peter, LUCHMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1966.
- BENJAMIN, Walter, **Kafka**, Lisboa : HIENA Editora, 1994.
- _____. **Nervos Sadios**. In: Documentos de Cultura, documentos de bárbarie: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Rio de Janeiro, Difusão, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscópio: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: ANAABLUME, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COMERFORD, Jonh Cunha. **Fazendo A Luta: Sociabilidades, Falas e Rituais na Construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 3^a ed., 1983.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é violência**. São Paulo, 1997
- DERBET, In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: guangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo : Annablume; Fortaleza ; Secretária da Cultura e Desporto, 1998.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. 2º vol. Rio de Janeiro: Zahar, 1994
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Leituras sem Palavras**. São Paulo; Editora Ática, 4ª edição, 2000.

FOUCAUL, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento de uma prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História e sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HEIBORBORN, Maria L. **Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade**, In: Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro, Relume Dumará, MS/UERJ, 1996. pp. 149 -159.

JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas – SP: Papirus, 1996 – (Coleção Ofício de Arte e Forma).

LEAL, César Barros. **Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária**. Brasília, Ministério da Justiça, 2000.

LE BRETON, David. L'invention du corps: Reflexions epistemologiques. **Quel corps (sport et modernité)**. Paris: n. 28-29, dezembro: 1985.

_____. **Antropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. IN: Os Pensadores. São Paulo: Abril Editora, 1976.

MUNIZ, J. , **Mulher com mulher da jacaré, uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina**, Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional /UFRJ, Rio de Janeiro.

LONDONO, Maria Ladi. **Sexualidad e Reproducioón son Derechos Humanos**, In Mujer e Políticas Población. Odeaxtepec: Isis Internacional, 1993.

MARTINS, Jose de Souza. **O senso comum e a vida cotidiana**. In Rev.Tempo Social, São Paulo, v.10,n.1,p.1-8, maio.1998.

- MICHAUD, YVES. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária**. v.1, n. 09, 10, 12 (1993-). Brasília, Ministério da Justiça
- OLIVEN, Ruben George. **A antropologia dos grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em S.Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO, Marcos (org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente, 1999.
- SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo(as energias construtivas da psique)**. São Paulo : Martins Fontes, 1981.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Revista Educação e Realidade** n.2, vol.15. Porto Alegre: 1990, pp.5-22.
- SILVA, Hélio & Milito, Cláudia – **Vozes do Meio-Fio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- SOIHET, Raquel. “Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano”, in: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- VELHO, G. **Individualismo e Cultura Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: 1997, Jorge Zahar Editor.
- Veron, Eliseo. **Corpo Significante**. In: **Sexualidade e Poder**, Lisboa: 1976, Édições 70 .
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro, 1986, Dois Pontos Editora.
- VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZALUAR, Alba (org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____ **Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada** In: **Revista estudos Feministas** vol.1/no.1, CIEC/ECO/IMS/UERJ, 1993.
- _____ **De que Gênero estamos falando?** In: **Sexualidade, gênero e sociedade** ano 1, no.2. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS/UERJ, 1995.